

**CORPOS E METAIS NA FACHADA
ATLÂNTICA DA IBÉRIA.
DO NEOLÍTICO À IDADE DO BRONZE**

ANA M. S. BETTENCOURT, BEATRIZ COMENDADOR REY,
HUGO ALUAI SAMPAIO & EDITE SÁ



**CORPOS E METAIS NA FACHADA ATLÂNTICA DA IBÉRIA.
DO NEOLÍTICO À IDADE DO BRONZE**

ANA M. S. BETTENCOURT, BEATRIZ COMENDADOR REY,
HUGO ALUAI SAMPAIO, EDITE SÁ
(EDS.)



FICHA TÉCNICA

Título: *Corpos e Metais na Fachada Atlântica da Ibéria.*

Do Neolítico à Idade do Bronze

Eds. Ana M. S. Bettencourt, Beatriz Comendador Rey, Hugo Aluai Sampaio, Edite Sá

Editores:

APEQ - Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário

CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”, financiado por Fundos Nacionais, através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, no âmbito do projeto PEstOE/HIST/UI4059/2011

Esta obra foi editada no âmbito do projecto

Espaços Naturais, Arquitecturas, Arte Rupestre e Deposições na Pré-História Recente da Fachada Ocidental do Centro e Norte Português: das Ações aos Significados – ENARDAS (PTDC/HIS-ARQ/112983), financiado pelo Programa Operacional Temático Factores de Competitividade (COMPETE) e comparticipados pelo Fundo Comunitário Europeu FEDER.



Imagem de capa: Beatriz Comendador Rey

Composição:

Cláudia Manuel

Edição online

ISBN: 978-989-20-5037-9

Braga, Outubro de 2014

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

- 5 *Corpos e metais na fachada Atlântica da Ibéria. Do Neolítico à Idade do Bronze. Introdução* - **Ana M. S. Bettencourt, Beatriz Comendador Rey, Hugo Aluai Sampaio & Edite Sá**

I. A DEPOSIÇÃO DOS CORPOS: CONTEXTOS E PRÁTICAS FUNERÁRIAS

- 10 *Materiais de construção e materiais líticos nas práticas funerárias neolíticas da serra da Boa Viagem (Centro-Oeste de Portugal). O caso do monumento megalítico do Cabeço dos Moinhos, Figueira da Foz* - **Carlos Cruz, Ana M. S. Bettencourt & Pedro M. Callapez, Luís M. C. Silva & Sérgio Monteiro-Rodrigues**
- 33 *O monumento sob tumulus da Idade do Bronze de Ladeiras do Covo 2 (Vale de Cambra, Centro-Norte de Portugal)* - **Edite Sá**
- 43 *Ritos de fogo em contextos funerários da Idade do Bronze do NW da Ibéria: o caso de estudo do monumento sob tumulus de Vale de Chão 1 (Braga)* - **Luciano Vilas Boas & Maria Martín Seijo**
- 53 *Bronze Age funerary contexts in Northeast Portugal. Terraço das Laranjeiras (Sabor Valley)* - **Rita Gaspar, Ricardo Ribeiro, Paulo Rebelo, Nuno Neto & Maria Luís Carvalho**
- 67 *Junqueiro (Serra da Freita, Portugal). Um espaço de fruição comunal desde a Pré-história* - **Alda Rodrigues**

II. A DEPOSIÇÃO DE METAIS: CONTEXTOS E INTERPRETAÇÕES

- 83 *La espada de Forcas (Parada de Sil, Ourense) en el contexto de la cuenca hidrográfica del río Sil* - **Beatriz Comendador Rey, Eduardo Breogán Nieto Muñiz & Víctor Rodríguez Muñiz**
- 107 *O depósito de machados de talón de Cabeiras (Arbo, Galiza) no contexto da bacia baixa do río Miño* - **Xulio Carballo Arceo & Josefa Rey Castiñeira**
- 125 *Un “campo de depósitos” en el lecho del río Miño: el conjunto de Insua Grande, una revisión del contexto deposicional* - **Alexandre Manteiga Brea**
- 135 *O depósito de machados do Bronze Final de Cobidalto, Areosa (Viana do Castelo). Novos dados para a sua contextualização e interpretação* - **Ana M. S. Bettencourt, Beatriz Comendador Rey, Pedro Pimenta Simões & M. Isabel Caetano Alves**
- 147 *Achados metálicos do Vouga e do Baixo Mondego (Centro de Portugal): contributos para a sua contextualização e interpretação* - **Carlos Cruz, Ana M. S. Bettencourt, Beatriz Comendador Rey & Alexandre Rodrigues**

CORPOS E METAIS NA FACHADA ATLÂNTICA DA IBÉRIA. DO NEOLÍTICO À IDADE DO BRONZE. INTRODUÇÃO

Ana M. S. Bettencourt, Beatriz Comendador Rey,

Hugo A. Sampaio & Edite Sá

Entre 2013 e 2014 foram organizados, no âmbito do Projeto Enardas, vários eventos científicos internacionais que se traduziram num aumento do conhecimento científico da Pré-história.

Um dos grandes objetivos deste projeto era o de privilegiar os contextos e as práticas funerárias e o fenómeno das deposições metálicas em termos contextuais e interpretativos, além da arte rupestre. Não obstante, pretendia-se comparar a realidade da área em estudo com outras regiões geográficas.

O livro que agora se publica é subordinado aos dois primeiros temas de investigação, enquanto o terceiro será publicado autonomamente.

A sua estrutura foi dividida em duas grandes partes. A primeira é dedicada à deposição dos corpos desde o Neolítico à Idade do Bronze, da fachada ocidental da Península Ibérica, desde o Centro-Norte ao Norte de Portugal, procurando, através das práticas e dos seus contextos, interpretar os modos de vida e o universo das crenças inerentes aos seus construtores. Cabem aqui os capítulos de Cruz *et al.* sobre o megalitismo da serra da Boa Viajem, na foz do Mondego; o de Edite Sá sobre os monumentos de tradição megalítica da serra da Freita, um relevo que limita a nascente o curso inferior do Vouga; o de Luciano Vilas Boas & Maria Martín Seijo sobre práticas funerárias envolvendo o fogo em monumentos de tradição megalítica; o de Rita Gaspar *et al.* que traz importantes novidades sobre contextos e práticas funerárias da Idade do Bronze em contextos de fossa e, finalmente, o de Alda Rodrigues que trabalha a biografia de um lugar localizado no alto da serra da Freita, que começou por ser um *locus* de ancestrais durante o Neolítico, sendo hoje, também, lugar de memória e dos antepassados através da sua integração turística no Geoparque de Arouca.

A segunda parte, relativa à deposição de artefactos metálicos durante a Idade do Bronze do ocidente Ibérico, desde o Centro-Norte à Galiza, deu preferência aos seus contextos e circunstâncias de achado como metodologia que permite novas abordagens interpretativas. Inserem-se, neste âmbito, os capítulos de Comendador Rey *et al.* sobre a deposição da espada de Forcas no contexto arqueológico da bacia do Sil; o de Xulio Carballo Arceo & Josefa Rey Castiñeira sobre um novo depósito de machados no contexto das deposições metálicas da margem norte do rio Minho e das vias de trânsito; o de Alexandre Manteiga Brea sobre um provável campo de depósitos do leito do rio Minho, eventualmente relacionado com o simbolismo da travessia dos rios; o de Bettencourt *et al.* sobre a contextualização, condições de amortização e novas interpretações do depósito de

Cobidalto/Areosa e o de Carlos Cruz *et al.* sobre a contextualização e interpretação de achados metálicos da bacia do Vouga e do baixo Mondego, no Centro de Portugal.

Estamos seguros de que o livro, cuja edição é tornada possível graças ao financiamento assegurado pelo projeto Enardas, pela Apeq e pelo Citcem, será um contributo importante para a discussão da Pré-história Recente do Centro e Norte da Península Ibérica, além de ser, também, um estímulo para a edição de outros livros que se encontram em preparação.

**I. A DEPOSIÇÃO DOS CORPOS:
CONTEXTOS E PRÁTICAS FUNERÁRIAS**

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO E MATERIAIS LÍTICOS NAS PRÁTICAS FUNERÁRIAS NEOLÍTICAS DA SERRA DA BOA VIAGEM (CENTRO-OESTE DE PORTUGAL). O CASO DO MONUMENTO MEGALÍTICO DO CABEÇO DOS MOINHOS, FIGUEIRA DA FOZ

Carlos Cruz¹, Ana M. S. Bettencourt², Pedro M. Callapez³, Luís M. C. Silva⁴ &
Sérgio Monteiro-Rodrigues⁵

Resumo: Este trabalho contribui para o conhecimento do Neolítico do Centro-Oeste português. O caso de estudo foi o monumento megalítico do Cabeço dos Moinhos, edificado na serra da Boa Viagem, no que é hoje a freguesia da Brenha, concelho da Figueira da Foz.

Para além de ser óbvio que esta região se encontrava, durante o Neolítico, no limiar de diferentes mundos culturais, o meridional e o setentrional, a partir das matérias usadas na construção do monumento e das matérias usadas no fabrico de oferendas líticas e de objetos de adorno, teceram-se algumas considerações relacionadas com as práticas funerárias, os modos de vida e de vivenciar o mundo por parte das comunidades neolíticas que aqui ergueram estes monumentos.

Em relação às oferendas líticas notou-se a ausência de traços de uso o que indicia que foram fabricadas apenas para ritos funerários. Além do simbolismo intrínseco às formas, as diferentes matérias em que foram construídos (locais, regionais e inter-regionais) indiciam a importância da interligação física e simbólica das comunidades locais com lugares próximos e remotos, o que não será alheio a um modo de vida com grande abertura ao mundo exterior e, talvez, pouco sedentarizado.

O mesmo se poderá interpretar em termos arquitetónicos pois, se a construção sobre um afloramento calcário e em local culminante poderá revelar assimilação das propriedades inerentes ao local e à matéria aí existente, a reunião de matérias de diferentes proveniências na câmara/corredor implicará uma interligação física e mental entre os diferentes lugares vivenciados pelos seus construtores, ou seja, entre lugares de habitat, de subsistência e de veneração dos espíritos dos antepassados.

Palavras-Chave: Neolítico, Arquiteturas, Oferendas, Ornamentos, Matérias construtivas, Proveniência litológica, Práticas funerárias, Modos de vida.

Abstract: This paper contributes to the understanding of the Neolithic burial practices in Western Central Portugal. It relies on the reviewing of Santos Rocha texts, which describes research carried out in the megalithic monument of Cabeço dos Moinhos (Brenha, Figueira da Foz), fieldwork and the study of bone remains and “offerings” that were found in the monument.

Cabeço dos Moinhos tomb was built on a limestone outcrop located in a hill placed on the ridgeline of

¹ Investigador do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória – CITCEM. E-mail: simoes.cruz@gmail.com

² Departamento de História da Universidade do Minho. Campus de Gualtar, 4710 – 057 Braga, Portugal. Investigadora do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória – CITCEM. E-mail: anabett@uaum.uminho.pt

³ Departamento de Ciências da Terra da Universidade de Coimbra. Largo Marquês de Pombal, 3001-401 Coimbra. Investigador do Centro de Geofísica da Universidade de Coimbra – CGUC – FCT. E-mail: callapez@dct.uc.pt;

⁴ Mestrando em Arqueologia na Universidade do Minho. E-mail: mustasilva@gmail.com

⁵ Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Investigador do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto – CEAUCP. E-mail: serodri@letras.up.pt

Serra da Boa Viagem. From this hill there is a wide visibility to the sandy coastal plain (to the north) and to the Baixo Mondego area (to the south).

Under a mound of "yellowish soil without mixture" a polygonal chamber with corridor oriented east was built. The standing stones were made of greyish white limestone (local) and of whitish, greyish, yellowish and reddish sandstone. The last two are sourced from slopes located more than 250m south of the tomb. Santos Rocha (1949: 14) found some "skeletons lying in gravel beds" and rare burnt bones.

The dead were buried together with pottery, lithic and bone objects. Some of these indicate a reutilization of the monument during the Chalcolithic.

The absence of use-wear in the majority of the lithics suggests that they were produced only for the burial practices. In addition to the symbolism intrinsic to morphologies, the use of different "raw" materials suggests the importance of the reunion of their own properties at the time of the burial, setting a symbolic and physical interconnection between local communities and near and remote places.

The same reasoning can be applied to the architecture of the monument: if its construction on a limestone outcrop which is a culminating spot suggests the assimilation of the properties associated to the place and to the matter that exists there, the presence of "raw" materials from different sources among the standing stones of the chamber and the corridor imply a mental and physical interconnection between different places experienced by the builders. The visualized landscape must also have been significant to the people who built and attended the Cabeço dos Moinhos megalithic monument.

Keywords: Neolithic, Architectures, Offerings, Ornaments, "Raw" materials, Provenance of "raw" materials, Burial practices, Ways of life, Western Central Portugal.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo aumentar o conhecimento sobre as práticas funerárias, os modos de vida e as crenças das populações neolíticas do centro-oeste português, através do estudo do monumento megalítico do Cabeço dos Moinhos, localizado na freguesia da Brenha, concelho da Figueira da Foz, na bacia do Mondego.

A primeira referência aos monumentos deste local data de 1887, sob a designação genérica de "Antas do Alto dos Moinhos". Investigadores da seção de arqueologia do "Instituto" que visitaram o local, em junho desse ano, a convite de Santos Rocha descrevem-no deste modo: "...uma grande estação, donde se estrabiram muitos ossos e objectos de pedra polida. As paredes das antas eram grandes pedras de grés, hoje aproveitadas em muitos moinhos" (Pinto 1887: 208).

Santos Rocha realiza duas intervenções arqueológicas no local (provavelmente em monumentos distintos), cujos resultados publica em 1888 e 1891 com o título de *Antiguidades Pré-Históricas do Concelho da Figueira da Foz*, mais tarde reeditada (1949) nas *Memórias e Explorações Arqueológicas*. Enquanto que na primeira intervenção encontra um monumento em que os resultados foram escassos e confusos - "... o que nos fez pensar que o monumento seria vasto e complicado, tendo talvez diversas galerias ou câmaras" (1949:14), na segunda põe a descoberto "... as ruínas do maior e mais rico monumento de toda a região por nós escavada até ao presente" (*idem*: 139). Acrescenta que era um "...montículo que se acha quase no meio da região dolménica explorada desde as imediações do Cabo Mondego até à das Alhadas", destacando a situação do monumento "em ponto assaz elevado" (1949:263).

José Leite de Vasconcelos visita o local em 1896 e verifica que só resta de pé uma laje da câmara. Na mesma altura dá conta e apresenta a gravura de “*uma pedra avulsa, de calcário, de uns 0,31 m de largura, que tinha insculpidos uns traços cruciformes (cruz irregular), tais como se mostram na fig. 102*” (Vasconcelos 1918: 364), embora não saibamos verdadeiramente se provem da área do monumento ou das suas imediações.

Nas décadas de 60 e de 80 do século XX vários investigadores tentam cartografar o monumento, como por exemplo Guerra & Ferreira (1968-1970) e Vilaça (1988). Os primeiros autores colocam o monumento a cerca de 200 m a sul da Igreja da Brenha, num local hoje correspondente a uma pedreira, mas que segundo os anciãos do local, nunca terá pertencido à família dos Grácios (proprietários do terreno onde se localizava o Cabeço do Moinho). A segunda coloca o monumento a oeste, longe das referências de Santos Rocha (1949). Após intensa prospeção no local e conversa com os anciãos da referida freguesia, um dos subscritores deste trabalho (CC) chega à conclusão de que o topónimo Cabeço do Moinho corresponde a uma extensão de terreno com vários hectares, existente a sul e sudoeste da freguesia onde, outrora, houve inúmeros moinhos de vento, pelo que será impossível localizar com exatidão o monumento em estudo.

Tendo em conta que este monumento terá sido destruído, desde há muito, a concretização dos objetivos propostos implicou: a revisão das publicações de Santos Rocha; o estudo do espólio cerâmico exumado; o estudo dos artefactos líticos em termos formais e litológicos; o estudo de eventuais áreas de proveniência da matéria-prima usada nos esteios do monumento e nos artefactos líticos e o estudo do contexto físico do seu local genérico de implantação.

O estudo do material lítico foi efetuado com base nos critérios definidos por G.E.E.M. (1969), Jorge (1978) e Tixier *et al.* (1980). A classificação litológica foi efetuada apenas através da observação macroscópica e com lupa binocular.

2. LOCALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA E CONTEXTO FÍSICO

O Cabeço dos Moinhos foi edificado em “*ponto assaz elevada*” segundo Santos Rocha (1949: 263), a cerca de “*200 m para sul da Brenha*” (*idem*:14), ou seja, na linha de cumeeada da Serra da Boa Viagem, à cota provável de entre 140 a 165 m (Fig. 1).

O maciço calcário das serras da Boa Viagem e das Alhadas é um acidente geomorfológico que se orienta, grosso modo, de nascente para poente, composto por calcários que afloram abundantemente a Norte e na linha de cumeeada, e por lutitos e argilitos vermelhos, acinzentados, amarelados ou esbranquiçados, assim como arenitos com colorações semelhantes, no flanco sul. A estrutura geológica corresponde a um monoclinal com pendores para sul e estratos bastante inclinados no local de implantação do monumento. Este, terá constituído um ponto notável na paisagem com grande abrangência visual sobre a planura litoral da Gândara (a norte), o espaço do Baixo Mondego (a sul) e a serra da Boa Viagem para nascente. Para oeste a visibilidade seria bem mais reduzida tendo em atenção que aí, a linha de cumeeada atinge cotas mais elevadas.

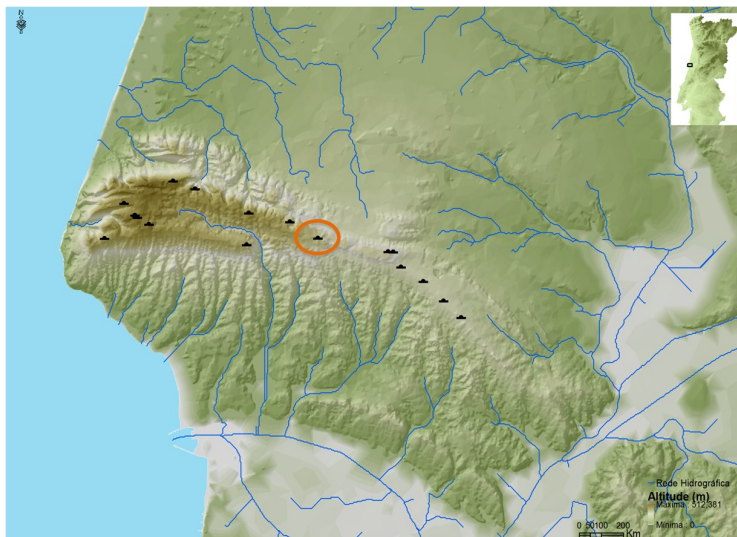


Fig. 1 - Localização genérica do monumento megalítico do Cabeço do Moinhos no contexto da necrópole megalítica da serra da Boa Viagem e das Alhadas no mapa hipsométrico.

3. O ESPAÇO TUMULAR

Pela análise da bibliografia de Santos Rocha, o monumento, construído sobre um afloramento calcário, era provido de um montículo artificial de grandes dimensões, sendo, o seu *tumulus* composto por “*terra amarelada sem mistura*” (1949: 140) pelo que colocamos a hipótese de que fosse, maioritariamente, em terra de natureza areno-argilosa, retirada de depósitos superficiais locais. Sob este, teria sido construída uma câmara poligonal com mais de 3 m de comprimento por 3,5 m de largura, com corredor diferenciado, pelo menos em planta, orientado a nascente, onde ainda foram descobertos 6 esteios. Apesar de incompleto, o corredor tinha, ainda, nos finais do séc. XIX, 5 m de comprimento por 1 m de largura. O total da câmara e corredor seria, assim, superior a 8 m (Fig. 2).

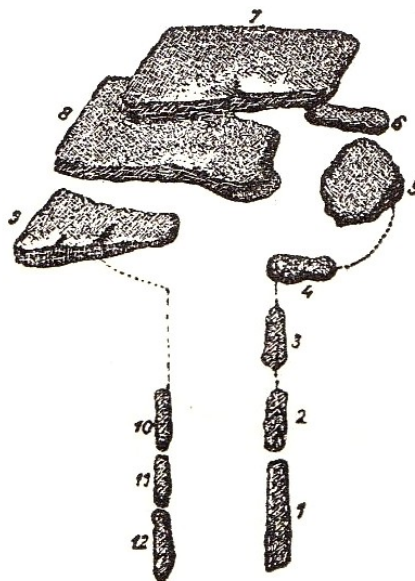


Fig. 2 - Planta do monumento megalítico desenhada por Santos Rocha em 1895 (seg. Santos Rocha 1949).

Pelas descrições de Santos Rocha (1949), os esteios eram de diferentes tipos litológicos e de distintas colorações, desde o calcário branco (das imediações), aos grés esbranquiçados, acinzentados, amarelados e avermelhados, originários de vertentes situadas a mais de 250 m a sul do túmulo. O fundo da câmara teria sido coberto, pelo menos, parcialmente, com “cascalho” segundo Santos Rocha (1949:14).

4. AS PRÁTICAS FUNERÁRIAS

Durante as escavações Santos Rocha (1949:14) detectou alguns “*esqueletos*”, além de raros ossos queimados, cujo estudo será apresentado em artigo próprio. Alguns mortos, se não todos, foram acompanhados de oferendas em cerâmica, pedra, osso e marfim e portadores de objetos de adorno.

Quanto às oferendas cerâmicas que estudámos, são comuns os recipientes globulares, lisos, de pequena ou média dimensão, muitos deles de coloração avermelhada. Pelo estudo macroscópico das pastas individualizámos, por defeito, 10 recipientes desta forma que se pensa ser a da época de construção do monumento (Fig. 3). Verificámos, ainda, que a tonalidade avermelhada de muitos deles resulta da inclusão intencional de óxidos ou hidróxidos de ferro, na argila.



Fig. 3 - Recipiente globular proveniente do Cabeço dos Moinhos.

Foram ainda exumados fragmentos de duas taças de bordo espessado de tipo Palmeira, com decoração incisa e pontilhada, já publicadas por Senna-Martínez (1982); um pote de perfil subcilíndrico, com aplicação plástica em forma de lingueta no início do bordo; um potinho de bordo esvasado, de perfil em S e de acabamento polido que Senna-Martínez (1982) considera um campaniforme sem decoração, opinião que não partilhámos, assim como diversos fundos planos que corresponderão a fases de reutilização do monumento. Estão ainda presentes cerâmicas proto-históricas com pastas depuradas, cozeduras oxidantes e aguadas avermelhadas, de inspiração fenício-púnica, além de outros fragmentos a torno, bem cozidos, de épocas históricas.

Os artefactos líticos, lascados e polidos, constituem o grupo de oferendas mais comuns. Entre os primeiros contam-se pontas de seta, lâminas, lamelas, micrólitos, lascas, núcleos, num total de 98 peças, além dos indeterminados (Tab. 1).

Tabela 1 - Peças líticas lascadas por categorias: utensílios e suportes

Artefactos líticos	Quantidade
Utensílios	83
Pontas de seta	48
Lâminas retocadas	20
Micrólitos geométricos	7
Núcleos	4
Lascas retocadas	2
Percutores	2
Suportes	15
Lâminas não retocadas	12
Lamelas não retocada	1
Lascas não retocadas	2
Total	98

Estes foram subdivididos em utensílios ou artefactos e suportes (Fig. 4). Na categoria de suportes considerámos as lascas, as lâminas e as lamelas não retocadas. No entanto temos consciência de que esta divisão é meramente operativa pois o facto das peças não serem retocadas não invalida que pudessem ser utensílios. O facto de terem sido colocadas no interior do monumento e no âmbito das práticas funerárias significa, igualmente, que seriam significantes.

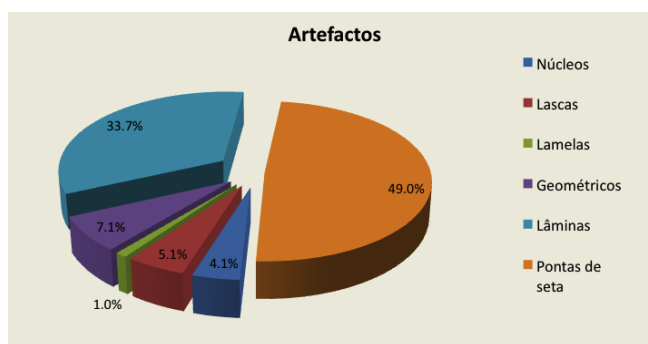


Fig. 4 - Distribuição dos achados de pedra lascada por percentagens.

Entre os segundos ocorrem machados, enxós, contas de colar, pendentos, uma placa, percutores e um objecto de difícil classificação, num total de 46 (Tab. 2).

Tabela 2 - Quantificação dos artefactos líticos polidos

Artefactos	Quantidade
Machados	4
Enxós	4
Bastão / Idoliforme?	1
Contas de colar	31
Pendentes	3
Placa	1
Total	44

No que se relaciona com os artefactos líticos, as pontas de seta são maioritárias (49%). Analisámos quarenta e oito exemplares, doze deles inteiros e os restantes fragmentados. Entre estas, de diferentes tipos e colorações de sílex (várias tonalidades de cinzento, branco, rosado, alaranjado, castanho translúcido, castanho-avermelhado, vermelho escuro, lilás, etc.) predominam as de base côncava, por vezes com aletas bem definidas (19 exemplares), seguidas das de base com pedúnculo e aletas mais ou menos expressivas (14 exemplares). Pouco representadas são as de base recta ou tendencialmente recta (5 exemplares); as de pedúnculo simples (4 exemplares) e as de base triangular (3 exemplares) (Fig. 5). Em três casos não foi possível determinar a base. Algumas delas apresentam sinais de tratamento térmico (Anexo 1.1).



Fig. 5 - Vários tipos de pontas de seta de diferentes tipos de bases (ver dimensões no Anexo 1).

As lâminas são igualmente abundantes (32 exemplares), seguidas dos micrólitos geométricos (7 exemplares), onde se identificaram triângulos e trapézios, também de várias colorações e tipos de sílex (Tab. 3, Fig. 6, Anexo 1.2).

Tabela 3 - Características dos micrólitos geométricos

Tipo	Sub-tipo	Matéria
Triângulo	Isósceles	Sílex
Triângulo	Châteauneuf	Sílex
Trapézios	Retangulares com troncatura maior longa	Sílex
Trapézios	Retangulares com troncatura maior longa	Sílex
Trapézios	Retangulares com troncatura maior longa	Sílex
Trapézios	Retangulares com troncatura maior longa	Sílex
Trapézios	Assimétrico com troncatura maior longa	Sílex



Fig. 6. - Vários tipos de micrólitos em diferentes tipos de sílex (ver dimensões no Anexo 1).

As lâminas retocadas perfazem um total de vinte exemplares, todas em sílex, de diversas proveniências. Dentro destas temos 3 peças inteiras. O retoque é bastante diversificado, variando entre retoque bifacial e directo; marginal e invasor; regular e irregular, descontínuo e contínuo. Nas lâminas com talão foi possível identificar talões facetados, diédricos e lineares. Ao nível da fraturação foi possível distinguir algumas como fracturas por flexão e torção, podendo ser intencionais ou não. Na sua maioria foram sujeitos a tratamento térmico (Anexo 1.3). Doze lâminas não foram retocadas estando três delas inteiras. Dentro deste grupo destaca-se uma que é, possivelmente, em corneana, sendo a maioria em sílex de diversas proveniências. Há no entanto algumas cuja matéria não foi possível determinar macroscopicamente (Anexo 1.4).

Registou-se, também, uma lamela inteira, não retocada, em quartzo hialino (Anexo 1.5).

Em menor quantidade registaram-se lascas (4 exemplares), duas delas não retocadas, sendo uma em quartzo leitoso e a outra, fragmentada, em sílex. Entre as retocadas há uma raspadeira sobre suporte indeterminável, em sílex e outra retocada em sílex de classificação indeterminada (Anexo 1.6).

Ocorrem, ainda, núcleos de lâminas, de lamelas e de lascas (um de quartzo acinzetado, um prismático de lâminas sobre nódulo de sílex e dois sobre cristais prismáticos de



Fig. 7 - Núcleo prismático de lâminas sobre nódulo de sílex (ver dimensões no Anexo 1).

quartzo hialino, sendo um deles de lascas e outro de lamelas) (Fig. 7, Anexo 1.7). Há ainda um grupo de inclassificáveis que designámos por diversos (Anexo 1.8). Com exceção dos núcleos, a maioria destes artefactos não tinha vestígios de utilização.

Entre os artefactos polidos contámos com três machados em anfibolito, parcialmente polidos (dois dos quais sem vestígios de utilização); um machado votivo, em quartzo leitoso, totalmente polido e sem vestígios de uso (Fig. 8); três enxós, uma em anfibolito, parcialmente polida, e as outras duas em calcário, totalmente polidas, todas elas sem vestígios de utilização (Fig. 8).



Fig. 8 - Da esquerda para a direita: duas enxós em calcário e um machado votivo, em quartzo leitoso (ver dimensões no Anexo 1).

De registar, ainda, a deposição neste túmulo de 1 artefacto polido, de contorno retangular classificado por Santos Rocha (1949:169, 267 e 275) como “bastão” mas talvez possa ser um idoliforme (Fig. 9), possivelmente em rocha quartzítica de grão fino (Anexo 1.9).

Foram ainda observados dois possíveis percutores em quartzito (Anexo 1.10).



Fig. 9 - Bastão/idoliforme? possivelmente em rocha quartzítica.

Na categoria de objectos de adorno corporal, identificámos 16 contas de colar discóides, em quartzito de grão muito fino; 12 contas semi-discóides, discóides e sub-circulares, efetuadas em rochas verdes ou esverdeadas (Fig. 10); 2 contas tubulares do mesmo tipo de matéria; 1 conta em azeviche negro e 3 pendentes (2 deles sobre cristais prismáticos de quartzo hialino e 1 de rocha verde) (Fig. 10) (Anexo 1.11).

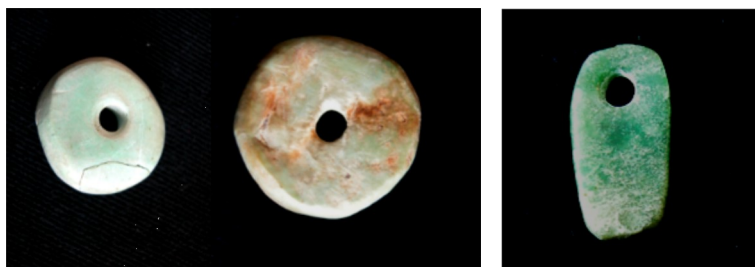


Fig. 10 - Contas semi-discóides e pendente em rochas verdes e esverdeadas.

Dentro deste grupo incluímos o que parece ser um fragmento de bracelete, em marfim (Fig. 11) e de uma placa fragmentada em duas partes, de forma grosseiramente antropomórfica, de lutito micáceo, onde pudemos observar algumas gravuras efetuadas através de incisões e distinguir dois triângulos (Fig. 11).

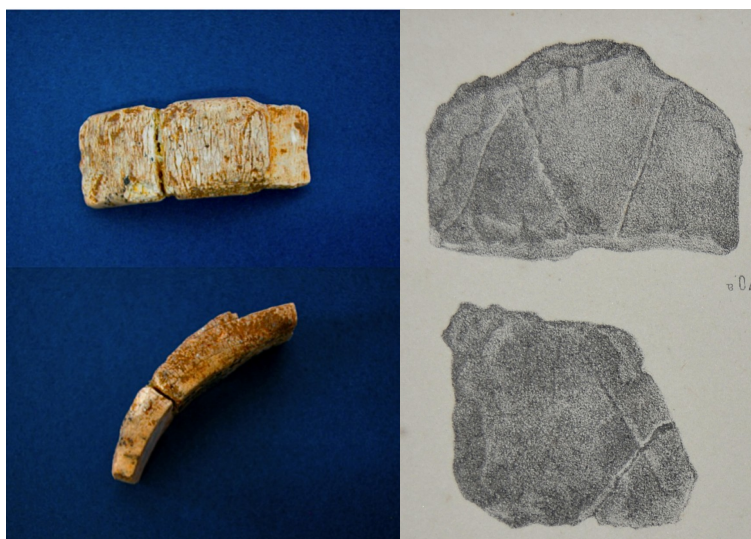


Fig. 11 - Fragmento de bracelete em marfim (ver dimensões no Anexo 1) e placa fragmentada, de forma grosseiramente antropomórfica, com incisões triangulares (seg. Santos Rocha 1949).

No Cabeço dos Moinhos foram ainda descobertos fragmentos de lutito com óxido de ferro, que podem ter servido como colorante para pinturas corporais ou desenhos nos esteios (Anexo 1.12).

Santos Rocha (1949) publica, ainda, inúmeros objetos de osso, entre os quais refere alfinetes, agulhas, pentes, manilhas, punções, além de muitos ossos de animais que não observámos por desconhecermos o seu paradeiro.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E INTERPRETAÇÕES

Em 1º lugar o cruzamento dos dados em análise permite desde já inferir que este monumento, construído algures no Neolítico Médio/Final, foi alvo de reutilizações durante o Calcolítico como o evidenciam as taças de tipo Palmela e, provavelmente, o bracelete de marfim que parece ter resultado do corte transversal de uma presa de elefante, com cerca de 12 cm de largura. Sem análises de Espectroscopia de infravermelho por transformada de Fourier (FTIR) não sabemos se corresponderia ao *Elephas antiquus*, o elefante fóssil de origem local, ou ao elefante africano das estepes, existente no Norte de África, desde, pelo menos, a 2ª metade do V, inícios do IV milénios AC. Seja como for, as peças de marfim são comuns na Estremadura portuguesa onde aparecem de novo, desde os finais do Neolítico, inícios do Calcolítico, sendo muito comuns na 1ª metade do III milénio AC (Cardoso & Schuhmacher 2012).

Embora com algumas reservas, pois não se conhecem coleções de referência para a Idade do Bronze regional, admitimos que o Cabeço dos Moinhos possa ter sido reutilizado durante esse período, com base na deposição de um pote com decoração plástica, de um potinho de perfil em S e de formas com bases de fundo plano. Durante a Idade do Ferro o monumento também foi frequentado embora o estado e o número de peças encontradas não permita perceber se se tratou de uma reutilização ou de uma violação.

Quanto aos ritos e práticas funerárias podemos admitir que, no Neolítico, se terá praticado a inumação sobre “camadas de cascalho” segundo Santos Rocha 7 (1949).

No Neolítico os mortos foram acompanhados de oferendas. A ausência de traços de uso na maioria dos artefatos líticos (como nas pontas de seta, nas lâminas, nos micrólitos, nas enxós, etc.) indicia que foram fabricadas apenas para os ritos funerários. Além do simbolismo relacionado com as próprias formas (onde, por exemplo, as pontas de seta poderão indicar a importância de histórias reais ou míticas de caça ou de conflito), com base nos pressupostos defendidos por Ingold (2000) e Bradley (2000) de que a matéria e o mundo físico seriam eivados de sentidos e de propriedades, as diferentes “matérias-primas” com que foram executados os artefactos líticos indiciam a importância da reunião de diferentes propriedades do mundo físico, no interior do monumento, no que pensamos constituir uma interligação física e simbólica das comunidades locais com lugares próximos e remotos que lhe seriam significantes.

Com base na classificação litológica dos artefatos líticos (Fig. 12) percebemos quais os materiais considerados mais significantes e as redes de intercâmbio em que as comunidades Neolíticas estavam implicadas para os obter. Embora com reservas, pois não se efetuaram estudos petrológicos sobre lâminas delgadas ao microscópio ótico de luz polarizada, nem se recolheram amostras líticas de eventuais áreas-fonte, verificámos que o espectro de matérias escolhidas foi diversificado e que a sua proveniência foi local, regional e extra-regional,

talvez reproduzindo, metafóricamente, a importância da viagem e das inter-relações grupais no Neolítico.

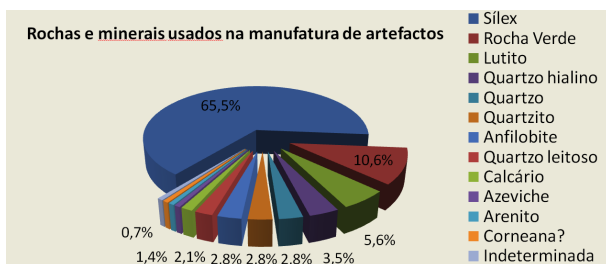


Fig. 12 - Diferentes rochas usadas na manufatura dos objetos.



Fig. 13 - Localização do Cabeço dos Moinhos no mapa hipsométrico de Portugal e representação gráfica das áreas de proveniência da matéria para a manufatura dos artefactos líticos, de âmbito regional. Laranja e vermelho - sílex; verde - anfibolite; branco - quartzo hialino e cinzento - quartzito.

De âmbito local foi usado o quartzito, o quartzo leitoso, o lutito e o azeviche do Cabo Mondego. De âmbito regional foi utilizado o sílex do jurássico, proveniente da região de Cantanhede, a cerca de 30 km para nor-nordeste; o sílex paleogénico da região de Vagos e Mira (Formação de Queridas), a cerca de 30 a 46 km para norte; o sílex cretácico da região da Carpalhosa-Leiria ou da Nazaré, a cerca de 45 a 90 km para sul, respetivamente; o quartzito de grão muito fino, dos afloramentos com rochas ordovícicas da zona Centro-Ibérica (Buçaco-Penacova), entre os 40 e os 70 km para este e nordeste de Coimbra; o anfibolito, que poderá provir de um raio de c. de 90 a 100 km para

De contexto supra-regional foram usadas as rochas verdes de diferentes composições mineralógicas em que estão presentes variedades de variscite e de talco. Segundo Ferreira *et al.* (1999) as variscites poderão ser oriundas de chapéus de alterações de jazigos de cobre, existentes no Alto Alentejo (por exemplo Portalegre, a c. de 93 km para sudeste), da zona a Norte da Aboboreira ou de Trás-os-Montes oriental, a mais de 1 centena de km para nor-nordeste e nordeste. O talco, mais vulgar, poderá ser oriundo da zona central do Maço Hespérico (Fig. 14).



Fig. 14 - Localização do Cabeço dos Moinhos no mapa hipsométrico de Portugal e representação gráfica das áreas de proveniência da matéria para a manufactura dos artefactos líticos, de âmbito supra-regional. Amarelo - talco; verde - rochas verdes.

Partindo da premissa de que, antes de ser materializado, o lugar de construção do monumento megalítico do Cabeço dos Moinhos era já significativa, colocamos a hipótese de que a sua edificação, sobre um afloramento calcário revelará a assimilação das propriedades inerentes ao local e à matéria aí existente.

Partindo, também do princípio, de que a composição das estruturas funerárias são passíveis de interpretações sobre o modo como as populações incorporaram o meio onde se inseriam, cremos que a reunião de matérias locais e do flanco sul da serra, materializada nos esteios da câmara/corredor, implicará uma interligação física e mental entre estes diferentes lugares vivenciados pelos seus construtores que não descartamos seja, também, o espaço alcançado pelo olhar a partir do monumento e, por conseguinte, também visualizado a partir dos espaços de vivência. Tal é o caso dos sítio da Várzea do Lírio IV com ocupação do Neolítico Final (Callapez & Carvalho 2010) na margem do rio de Carritos, afluente da margem norte do Mondego

Agradecimentos

Este trabalho foi efetuado no âmbito do projeto Espaços Naturais, Arquiteturas, Arte Rupestre e Deposições na Pré-história Recente da Fachada Ocidental do Centro e Norte Português: das Ações aos Significados - ENARDAS (PTDC/HIS-ARQ/112983/2009), financiado pelo Programa Operacional Temático Factores de Competitividade (COMPETE) e participado pelo Fundo Comunitário Europeu FEDER.

BIBLIOGRAFIA

- BRADLEY, R. 2000. *An Archaeology of Natural Places*. London: Routledge.
- CALLAPEZ, P.M. & CARVALHO, M. 2010. As “Areias de Várzea do Lírio” e o Neolítico da serra da Boa Viagem (Figueira da Foz, Portugal): influência da envolvente geológica do meio natural na neolitização do território. *Estudos do Quaternário* 6: 37-47.

- CALLAPEZ, P.M. & CARVALHO, M. 2012. Contributos da envolvente geológica para o povoamento da Serra da Boa Viagem durante a Pré-História recente. In R. Vilaça e S. Pinto (coord). *Santos Rocha – a Arqueologia e a Sociedade do seu Tempo*. Figueira da Foz, 41-49.
- CARDOSO J.L. & SCHUHMACHER, T.X. 2012. Marfiles Calcolíticos en Portugal. Estado de la question. In. A. Banerjee, A. López Padilla & T.X. Schuhmacher (eds.) *Elfenbeinstudien. Faszikel 1: Marfil y Elefantes en la Península Ibérica y el Mediterráneo Occidental. Actas del Coloquio Internacional en Alicante el 26 y 27 de noviembre 2008*. Darmstadt / Mainz: Deursches Archaologisches Institut, Diputación de Alicante, Museo Arqueológico de Alicante, 95-110.
- FERREIRA, M.D.; SILVA, V.; LIMA, M.F.& LEAL GOMES, C. 1999. Anatomia de algumas ocorrências de gemas e seu enquadramento em protocolos de ordenamento territorial - contributo para uma reflexão sobre o estatudo dos depósitos gemíferos portugueses. *Cadernos Laboratório Xeolóxico de Laxe* 24: 31-44.
- G.E.E.M. 1969. Epipaléolithique-Mésolithique. Les microlithes géométriques. *Bulletin de la Société Préhistorique Française* 66: 355-366.
- GUERRA, V. & FERREIRA, O.V. 1968-1970. Inventariação dos monumentos megalíticos dos arredores da Figueira da Foz. *Arquivo de Beja* 25-27: 45-56.
- INGOLD, T. 2000. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge.
- JORGE, S.O. 1978. Pontas de seta provenientes de túmulos megalíticos do Noroeste de Portugal. *Mínia* 1 (2): 99-175.
- PINTO, F. 1887. Crónica. *O Instituto* 34, 2ª sér.: 205-208.
- ROCHA, A.S. 1905. *O Museu Municipal da Figueira da Foz: Catálogo Geral, com indicação dos escriptos e desenhos que se têm publicado sobre muitos dos objectos catalogados*. Figueira da Foz: Imprensa Lusitana.
- ROCHA, A.S. 1949. *Memórias e Explorações Arqueológicas. Vol. I – Antiguidades Pré-históricas do Concelho da Figueira da Foz*. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis.
- SENNA MARTINEZ, J.C. 1982. Materiais campaniformes do concelho de Oliveira do Hospital (distrito de Coimbra). *Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa – Clío* 4: 19-34.
- TIXIER, J.; INIZAN, M.L.; ROCHE, H; DAUVOIS, M. 1980. *Préhistoire de la Pierre Taillée. 1. Terminologie et technologie*. Cercle de Recherches et d'Études Préhistoriques.
- VILAÇA, R. 1988. Subsídios para o estudo da Pré-História Recente do Baixo Mondego. Lisboa: IPPC. *Trabalhos de Arqueologia* 5: 1-114.

ANEXO 1 INVENTÁRIO DOS ARTEFACTOS LÍTICOS

1. Pontas de Seta

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-84 (2216); Porção proximal de ponta de seta, de secção semi-oval, com base côncava e de espessura alteada. Apresenta retoque bifacial total marginal alongado por todo o perímetro da peça. Sem sinais de tratamento térmico; Sílex Cinzento; Medidas: C. 16 mm, L. 15 mm, E. 3 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-59 (808); Porção proximal-mesial de ponta de seta, de secção sub-oval, com base côncava e de espessura alteada. Apresenta retoque bifacial total recobridor por todo o perímetro da peça. Com sinais de tratamento térmico; Sílex Cinzento-escuro; Medidas: C. 22 mm, L. 15 mm, E. 3 mm.

Nº de inventário (nº antigo): (825(134)); Ponta de seta, de secção sub-oval, com base côncava, de alongamento corpo elevado e de espessura alteada. Apresenta retoque bifacial total marginal curto por todo o perímetro da peça, exceto na base onde só metade está retocada. Sem sinais de tratamento térmico; Sílex Cinzento; Medidas: C. 35 mm, L. 15 mm, E. 2 mm.

Nº de inventário: 78-A-51; Porção proximal-mesial de ponta de seta, de secção sub-oval, com base côncava e de espessura espessa. Apresenta retoque bifacial total recobridor por todo o perímetro da peça. Com sinais de tratamento térmico; Sílex Castanho-claro; Medidas: C. 30 mm, L. 16 mm, E. 5 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-83 (809); Porção proximal de ponta de seta, de secção semi-oval, com base côncava e de espessura alteada. Apresenta retoque bifacial na base, direto no corpo, parcial recobridor por todo o perímetro da peça. Sem sinais de tratamento térmico; Sílex Rosa-branco; Medidas: C. 15 mm, L. 16 mm, E. 3 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-50 (807); Porção proximal-mesial de ponta de seta, de secção semi-oval, com base côncava e de espessura abatida. Apresenta retoque bifacial total recobridor por todo o perímetro da peça. Sem sinais de tratamento térmico; Sílex Rosa-branco; Medidas: C. 29 mm, L. 16 mm, E. 2 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-85 (805); Porção proximal-mesial de ponta de seta, de secção sub-oval, com base côncava e de espessura alteada. Apresenta retoque bifacial total recobridor por todo o perímetro da peça. Sem sinais de tratamento térmico; Sílex Rosa-branco; Medidas: C. 40 mm, L. 14 mm, E. 2 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-94 (79?); Porção proximal de ponta de seta, de secção sub-triangular, com base triangular e de espessura espessa. Apresenta retoque bifacial total marginal curto por todo o perímetro da peça. O fragmento foi retocado depois de fraturado. Com sinais de tratamento térmico; Sílex Castanho-escuro; Medidas: C. 13 mm, L. 13 mm, E. 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-106 (798); Porção proximal-mesial de ponta de seta, de secção sub-triangular, com base triangular e de espessura alteada. Apresenta retoque bifacial na base e no bordo esquerdo e direito no bordo direito, parcial marginal curto e alongado. Sem sinais de tratamento térmico; Sílex Cinzento-claro; Medidas: C. 29 mm, L. 20 mm, E. 3 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-102 (810); Porção proximal-mesial de ponta de seta, de secção sub-triangular, com base triangular e de espessura alteada. Apresenta retoque bifacial no bordo esquerdo, parcial marginal curto. Sem sinais de tratamento térmico; Sílex Cinzento-claro; Medidas: C. 25 mm, L. 13 mm, E. 3 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-96 (814); Porção proximal de ponta de seta, de secção sub-oval, com base de pedúnculo simples e de espessura espessa. Apresenta retoque bifacial total marginal longo por todo o perímetro da peça. Com sinais de tratamento térmico; Sílex Cinzento-escuro; Medidas: C. 18 mm, L. 14 mm, E. 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-88 (816); Porção proximal-mesial de ponta de seta, de secção semi-oval, com base de pedúnculo e aletas e de espessura alteada. Apresenta retoque bifacial no bordo

esquerdo e base, direto no bordo direito, parcial recobridor marginal curto e alongado, localizado na face superior da peça e no bordo direito e base da face inferior. Com sinais de tratamento térmico; Sílex Branco-acinzentado; Medidas: C. 30 mm, L. 18 mm, E. 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-99 (825); Porção proximal-mesial de ponta de seta, de secção sub-oval, com base de pedúnculo e aletas e de espessura alteada. Apresenta retoque bifacial total recobridor por todo o perímetro da peça. Com sinais de tratamento térmico; Sílex Lilás; Medidas: C. 20 mm, L. 22 mm, E. 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): (24); Porção proximal-mesial de ponta de seta, de secção sub-oval, com base de pedúnculo e aletas e de espessura alteada. Apresenta retoque bifacial total marginal alongado por todo o perímetro da peça. Sem sinais de tratamento térmico; Sílex Cinzento; Medidas: C. 20 mm, L. 16 mm, E. 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-103 (826); Porção proximal de ponta de seta, de secção sub-oval, com base de pedúnculo e aletas e de espessura alteada. Apresenta retoque bifacial total marginal alongado por todo o perímetro da peça. Com sinais de tratamento térmico; Sílex Rosa-branco; Medidas: C. 19 mm, L. 21 mm, E. 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-74 (815); Porção mesial de ponta de seta, de secção sub-oval e de espessura abatida. Apresenta retoque bifacial parcial invasor na zona distal da peça. Sem sinais de tratamento térmico; Sílex Cinzento-claro; Medidas: C. 43 mm, L. 24 mm, E. 3 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-70 (820); Porção proximal-mesial de ponta de seta, de secção sub-oval e de espessura alteada. Sem sinais de tratamento térmico; Sílex Rosa; Medidas: C. 41 mm, L. 22 mm, E. 4 mm.

Nº de inventário: 78-A-176; Porção mesial de ponta de seta, de secção sub-oval e de espessura alteada. Apresenta retoque bifacial total recobridor por todo o perímetro da peça. Com sinais de tratamento térmico; Sílex Lilás; Medidas: C. 28 mm, L. 18 mm, E. 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-73 (762); Ponta de seta de secção sub-oval, com base reta e de espessura alteada. Apresenta retoque bifacial invasor na zona proximal e parcial na restante peça; Sílex Branco; Medidas: C. 32 mm, L. 18 mm, E. 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-75 (764); Ponta de seta de secção sub-oval, com base reta e de espessura espessa. Apresenta retoque bifacial total oblíquo; Sílex Cinzento-escuro; Medidas: C. 25 mm, L. 14 mm, E. 5 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-81 (763); Ponta de seta de secção sub-oval, com base reta e de espessura alteada. Apresenta retoque bifacial parcial em ambas as fases exceto na zona proximal que não tem retoque; Sílex Branco; Medidas: C. 32 mm, L. 15 mm, E. 3 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-82 (779); Ponta de seta de secção sub-oval, com base reta e de espessura alteada. Apresenta retoque bifacial total oblíquo; Sílex Branco; Medidas: C. 50 mm, L. 16 mm, E. 3 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-58 (772); Ponta de seta em sílex Cretácico (Cenomaniano), da região da Nazaré, de secção sub-oval, com base côncava pouco pronunciada e de espessura espessa. Apresenta retoque bifacial parcial, numa das faces possui retoque marginal alongado em todo o perímetro, oblíquo; Sílex Vermelho-escuro; Medidas: C. 28 mm, L. 15 mm, E. 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-78 (778); Ponta de seta fraturada de secção sub-oval, com base tendencialmente reta e de espessura alteada. Apresenta retoque bifacial total oblíquo, a fratura aparenta ser recente; Sílex Rosado; Medidas: C. 48 mm, L. 24 mm, E. 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-88 (816); Ponta de seta fraturada de secção sub-oval, com base côncava e de espessura alteada. Apresenta retoque bifacial parcial, exceto em ambas as faces da zona proximal que é invasor, oblíquo; Sílex Rosado; Medidas: C. 34 mm, L. 20 mm, E. 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-90 (785); Ponta de seta fraturada de secção sub-oval, com base côncava bem definida por pedúnculos e de espessura alteada. Apresenta retoque bifacial total oblíquo; Sílex Cinzento; Medidas: C. 51 mm, L. 17 mm, E. 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-91 (788); Ponta de seta fraturada de secção sub-oval, com base côncava e de espessura espessa. Apresenta retoque bifacial total oblíquo; Sílex Rosado; Medidas: C. 41 mm, L. 15 mm, E. 5 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-86 (817); Ponta de seta fraturada de secção sub-oval e de base concava bem definida por pedúnculos. Apresenta retoque bifacial total oblíquo; Sílex Rosado; Medidas: C. 44 mm, L. 17 mm, E. 3 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-89 (818); Ponta de seta fraturada de secção sub-oval, com base côncava e de espessura alteada. Apresenta retoque bifacial parcial, numa das faces possui é marginal alongado, oblíquo; Sílex Cinzento-escuro; Medidas: C. 32 mm, L. 21 mm, E. 3 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-52 (774); Ponta de seta fraturada de secção sub-oval, com base côncava e de espessura alteada. Apresenta retoque bifacial total oblíquo; Sílex Branco; Medidas: C. 30 mm, L. 15 mm, E. 3 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-87 (773); Ponta de seta fraturada de secção sub-oval e base côncava. Apresenta retoque bifacial total oblíquo; Sílex Branco; Medidas: C. 29 mm, L. 15 mm, E. 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-45 (787); Ponta de seta fraturada de secção sub-oval e base côncava. Apresenta retoque bifacial total oblíquo; Sílex Laranja; Medidas: C. 41 mm, L. 17 mm, E. 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-79 (784); Ponta de seta fraturada de secção sub-oval e base côncava. Apresenta retoque bifacial total oblíquo; Sílex Branco; Medidas: C. 59 mm, L. 14 mm, E. 3 mm.

Nº de inventário: 78-A-92; Ponta de seta fraturada de secção sub-oval, com base côncava e de espessura espessa. Apresenta retoque bifacial parcial, numa das faces, na zona proximal é marginal curto, havendo uma pequena parte sem retoque, numa outra face possui alguns levantamentos, oblíquo; Sílex Castanho-avermelhado; Medidas: C. 35 mm, L. 14 mm, E. 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 09-A-267? (767); Ponta de seta de secção sub-oval, com base côncava e de espessura alteada. Apresenta retoque bifacial total oblíquo; Sílex Cinzento-escuro; Medidas: C. 24 mm, L. 21 mm, E. 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-46 (768); Ponta de seta fraturada de secção sub-oval, com base de pedúnculo pouco pronunciado e aletas. Apresenta retoque bifacial total oblíquo; Sílex Rosado; Medidas: C. 21 mm, L. 18 mm, E. 3 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-76 (791); Ponta de seta fraturada de secção sub-oval, com base de pedúnculo pouco pronunciado e aletas. Apresenta retoque bifacial total oblíquo; Sílex Branco; Medidas: C. 41 mm, L. 24 mm, E. 5 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-80 (2087); Ponta de seta de secção semi-oval, com base de pedúnculo e aletas, pouco pronunciados, e de espessura espessa. Apresenta retoque bifacial parcial, numa das faces, na zona proximal é marginal alongado, oblíquo; Sílex Cinzento-claro; Medidas: C. 38 mm, L. 14 mm, E. 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-77 (790); Ponta de seta de secção sub-oval e com base de pedúnculo e aletas, pouco pronunciados. Apresenta retoque bifacial total oblíquo; Sílex Rosado; Medidas: C. 43 mm, L. 17 mm, E. 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 09-A-206 (819); Ponta de seta fraturada de secção sub-oval, com base de pedúnculo e aletas e de espessura alteada. Apresenta retoque bifacial total oblíquo; Sílex Alaranjado; Medidas: C. 31 mm, L. 21 mm, E. 5 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-95 (822); Ponta de seta fraturada de secção sub-oval, com base de pedúnculo e aletas e de espessura alteada. Apresenta retoque bifacial total oblíquo; Sílex Alaranjado; Medidas: C. 35 mm, L. 23 mm, E. 5 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-98 (783); Ponta de seta fraturada de secção sub-oval, com base de pedúnculo e aletas e de espessura espessa. Apresenta retoque bifacial total oblíquo; Sílex Rosado; Medidas: C. 32 mm, L. 14 mm, E. 5 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-93 (792); Ponta de seta fraturada de secção sub-oval, com base de pedúnculo arredondado e aletas expressivas e de espessura espessa. Apresenta retoque bifacial total

oblíquo serrilhado; Sílex Rosado; Medidas: C. 37 mm, L. 19 mm, E. 6 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-97 (793); Ponta de seta fraturada de secção sub-oval e com base de pedúnculo simples. Apresenta retoque bifacial total oblíquo; Sílex Rosado; Medidas: C. 42 mm, L. 17 mm, E. 6 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-105 (765); Ponta de seta de secção sub-oval, com base de pedúnculo simples e de espessura espessa. Apresenta retoque bifacial total oblíquo serrilhado; Sílex Cinzento-rosado; Medidas: C. 43 mm, L. 14 mm, E. 5 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-100 (766); Ponta de seta fraturada de secção sub-triangular, com base de pedúnculo e aletas, pouco expressivas, e de espessura espessa. Apresenta retoque bifacial parcial, numa das faces é marginal, oblíquo serrilhado; Sílex Cinzento; Medidas: C. 37 mm, L. 15 mm, E. 5 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-101 (780); Ponta de seta em sílex Paleogénico, da região de Vagos, Mira e Montemor, de secção sub-oval, com base de pedúnculo e aletas assimétricas e de espessura espessa. Apresenta retoque bifacial parcial, numa das faces, na zona distal é marginal, em apenas um bordo, oblíquo serrilhado; Sílex Castanho, translúcido; Medidas: C. 37 mm, L. 13 mm, E. 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-104 (812); Ponta de seta fraturada de secção sub-triangular, com base de pedúnculo simples e de espessura espessa. Apresenta retoque bifacial parcial oblíquo, em quase todo a peça, com exceção a uma parte na zona proximal/mesial; Sílex Cinzento; Medidas: C. 46 mm, L. 17 mm, E. 5 mm.

2. Micrólitos Geométricos

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-60 (757); Triângulo Isósceles, de secção trapezoidal; Sílex Bege; Medidas: C. 24 mm, L. 10 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-53 (754); Triângulo de Châteauneuf, de secção trapezoidal; Sílex Cinzento-escuro; Medidas: C. 25 mm, L. 16 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-64 (756); Trapézio retângulo com trancatura maior longa, de secção triangular; Sílex Cinzento-escuro; Medidas: C. 25 mm, L. 13 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-54 (770); Trapézio retângulo com trancatura maior longa, de secção triangular; Sílex Bege; Medidas: C. 25 mm, L. 15 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-47 (755); Trapézio retângulo com trancatura maior longa, de secção triangular; Sílex Castanho-acinzentado; Medidas: C. 27 mm, L. 14 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-61 (753); Trapézio retângulo com trancatura maior longa, de secção triangular; Sílex Cinzento-escuro; Medidas: C. 27 mm, L. 13 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-49 (769); Trapézio assimétrico com trancatura maior longa, de secção triangular; Sílex Branco-amarelado; Medidas: C. 34 mm, L. 18 mm.

3. Lâminas retocadas

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-35 (705); Lâmina em sílex jurássico (Bajociano/ Batoniano) da região de Cantanhede, de secção trapezoidal. Apresenta retoque bifacial oblíquo na extremidade distal, que origina uma zona ativa convexa (de tipo raspadeira "en bout de lame"); a extremidade proximal evidencia igualmente retoque bifacial oblíquo invasor que origina também uma zona ativa convexa, a partir desta extremidade e ao longo do bordo direito até à região mesial, observa-se retoque direto plano invasor; Sílex Bege; Medidas: C. 98 mm, proximal (L./E.) 16 mm/ 5 mm, mesial (L./E.) 18 mm/ 5 mm, distal (L./E.) 18 mm/ 5 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-35 (705); Porção proximal-mesial de lâmina em sílex jurássico (Bajociano/ Batoniano) da região de Cantanhede, de secção trapezoidal. Apresenta na aresta direita retoque direto marginal regular oblíquo contínuo. Na aresta esquerda evidencia dois levantamentos que se inscrevem na face de estalamento, possivelmente responsáveis pela sua fracturação. Vestígios de tratamento térmico. Talão diédrico; possível debitage por percussão direta; Sílex Bege; Medidas: C. 49 mm,

proximal (L./E.) 21 mm/ 6 mm, mesial (L./E.) 17 mm/ 7 mm.

Nº de inventário: 12-A-031; Porção proximal-mesial de lâmina em sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Cantanhede, de secção trapezoidal. Apresenta, nos dois bordos, retoque marginal irregular alternante (mais nítido na aresta esquerda), relacionado com a sua utilização; apresenta vestígios de tratamento térmico. Fratura por flexão. Talão facetado; Sílex Bege; Medidas: C.40 mm, proximal (L./E.) 16 mm/ 5 mm, mesial (L./E.) 23 mm/ 5 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-69 (674); Porção mesial de lâmina em sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Cantanhede, de secção trapezoidal. Apresenta, nos dois bordos, retoque marginal (circunscrito à aresta) irregular alternante, relacionado com a sua utilização, e vestígios de tratamento térmico. A causa da fracturação das extremidades proximal e distal é indeterminável; Sílex Bege; Medidas: C. 42 mm, mesial (L./E.) 16 mm/ 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): (669); Porção mesial de lâmina em sílex de origem indeterminada, de secção triangular. Apresenta retoques irregulares descontínuos em ambos os bordos, relacionado com a sua utilização, bem como evidências de profunda alteração térmica (fraturas, alteração acentuada da cor e da textura). A própria fracturação distal e mesial parecem resultar de termoclastia; Sílex Negro; Medidas: C. 31 mm, mesial (L./E.) 23 mm/ 6 mm.

Nº de inventário (nº antigo): (670); Porção mesial de lâmina em sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Cantanhede, de secção trapezoidal. Apresenta nos dois bordos retoque marginal irregular decorrente do seu uso. As fraturas proximal e distal poderão ter sido provocadas por flexão, apresentam uma e outra direções de flexão opostas. Com evidências de tratamento térmico; Sílex Branco; Medidas: C. 31 mm, mesial (L./E.) 21 mm/ 6 mm.

Nº de inventário (nº antigo): (677); Entalhe sobre porção mesial de lâmina em sílex de origem indeterminada, de secção trapezoidal. O entalhe, de contorno irregular, é definido por retoque direto oblíquo. Apresenta vestígios de alteração térmica (fraturas, alteração da cor e da textura); Sílex Negro; Medidas: C. 31 mm, mesial (L./E.) 18 mm/ 5 mm.

Nº de inventário (nº antigo): (677); Porção mesial de lâmina em sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Cantanhede, de secção trapezoidal. Um dos bordos apresenta uma fratura semelhante a um negativo de "golpe de buril", sem que todavia seja possível determinar se resultou de uma ação intencional; no bordo oposto observam-se retoques marginais oblíquos, inversos num primeiro segmento do bordo, diretos num segundo. Foi alvo de tratamento térmico; Sílex Bege; Medidas: C. 37 mm, mesial (L./E.) 17 mm/ 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): (712); Porção mesial de lâmina em sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Cantanhede, de secção trapezoidal. Apresenta em ambos os bordos retoque direto invasor oblíquo a rasante, bastante regular. Encontra-se termoalterada, sendo visíveis diversos negativos de esquirolas térmicas; Sílex Castanho Acinzentado; Medidas: C. 27 mm, mesial (L./E.) 14 mm/ 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): (713); Porção distal (?) de lâmina em sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Cantanhede, de secção trapezoidal. Apresenta em ambos os bordos retoque direto marginal oblíquo, francamente regular. Uma das fraturas (talvez mesial-distal) apresenta evidências de se ter processado por flexão. Com tratamento térmico; Sílex Bege; Medidas: C. 21 mm, distal (L./E.) 16 mm/ 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-67 (681); Porção mesial-distal de lâmina de sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Cantanhede, de secção trapezoidal. Na extremidade distal evidencia, no bordo direito, retoque irregular marginal oblíquo que origina dois pequenos entalhes adjacentes, igualmente irregulares; no bordo esquerdo apresenta retoque marginal irregular descontínuo. Este retoque (do bordo direito e do bordo esquerdo), será resultado da utilização da lâmina. Com evidências de tratamento térmico; Sílex Bege; Medidas: C. 75 mm, mesial (L./E.) 18 mm/ 5 mm, distal (L./E.) 6 mm/ 2 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-30 (708); Porção proximal-mesial de lâmina de sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Cantanhede, de secção trapezoidal. Apresenta retoques descontínuos

marginais relacionados com a sua utilização. Talão facetado; possível debitage por percussor direto; possível tratamento térmico. Fratura accidental no bordo esquerdo; Sílex Bege; Medidas: C. 77 mm, proximal (L./E.) 12 mm/ 5 mm, mesial (L./E.) 18 mm/ 3 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-39 (687); Lâmina em sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Cantanhede, de secção trapezoidal. Apresenta retoque marginal descontínuo (circunscrito à aresta) nos dois bordos, relacionado com a sua utilização. Apresenta vestígios de tratamento térmico e talão diédrico; possivelmente extraída por percussão direta; Sílex Bege; Medidas: C. 156 mm, proximal (L./E.) 12 mm/ 4 mm, mesial (L./E.) 17 mm/ 4 mm, distal (L./E.) 10 mm/ 3 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-34 (702); Lâmina em sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Outil e Portunhos/ Ança, de secção trapezoidal. Apresenta na parte mesial-distal do bordo esquerdo retoque semi-abrupto, marginal; na parte distal retoque bifacial, oblíquo, marginal alongado; no bordo direito, na parte mesial retoque semi-abrupto, marginal alongado; Sílex Cinzento; Medidas: C. 131 mm, proximal (L./E.) 14 mm/ 3 mm, mesial (L./E.) 15 mm/ 5 mm, distal (L./E.) 17 mm/ 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-37 (703); Lâmina em sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Outil e Portunhos/ Ança, de secção trapezoidal. Apresenta no bordo esquerdo retoque oblíquo marginal curto, que se prolonga pela parte distal, apresenta um entalhe na zona distal, do bordo direito, verifica-se nesse bordo vestígios de uso. Talão facetado; Sílex Branco; Medidas: C. 128 mm, proximal (L./E.) 14 mm/ 5 mm, mesial (L./E.) 21 mm/ 7 mm, distal (L./E.) 22 mm/ 7 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-32 (704); Porção mesial-distal de lâmina em sílex jurássico (Bajociano/ Batoniano) da região de Outil e Portunhos/ Ança, de secção trapezoidal. Apresenta retoque semi-abrupto/ oblíquo marginal alongado por todo quase por todo o perímetro do bordo esquerdo e oblíquo marginal alongado na face superior do bordo direito. Tipo de fratura não identificada, em ambas as extremidades; Sílex Branco; Medidas: C. 90 mm, mesial (L./E.) 17 mm/ 8 mm, distal (L./E.) 15 mm/ 10 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-36 (706); Lâmina em sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Outil e Portunhos/ Ança, de secção trapezoidal. Apresenta retoque em ambos os bordos por todo o perímetro da peça, que se encontra fraturada na zona distal. Talão facetado; Sílex Negro; Medidas: C. 90 mm, proximal (L./E.) 16 mm/ 4 mm, mesial (L./E.) 18 mm/ 5 mm, distal (L./E.) 20 mm/ 6 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-33 (707); Porção mesial-distal de lâmina em sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Outil e Portunhos/Ança, de secção trapezoidal. Apresenta retoque direto, bifacial na zona distal. No bordo esquerdo, na zona mesial e distal, apresenta um retoque, oblíquo, marginal alongado; na zona distal tem retoque bifacial, na face superior, tem retoque invasor, oblíquo e na face inferior, tem retoque oblíquo, marginal curto; no bordo direito, tem na zona mesial retoque marginal alongado, irregular, oblíquo. Tipo de fratura não identificada, em ambas extremidades; Sílex Branco; Medidas: C. 90 mm, mesial (L./E.) 25 mm/ 5 mm, distal (L./E.) 14 mm/ 6 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-44 (679); Porção proximal-mesial de lâmina em sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Outil e Portunhos/Ança, de secção trapezoidal. Apresenta retoque no bordo direito, onde tem na parte proximal, um entalhe. Nesse mesmo bordo apresenta sinais de utilização. A fratura parece indicar ter sido feita por torção. Talão diédrico; Sílex Negro; Medidas: C. 72 mm, proximal (L./E.) 15 mm/ 4 mm, mesial (L./E.) 21 mm/ 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-31 (709); Porção mesial-distal de lâmina em sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Outil e Portunhos/Ança, de secção trapezoidal. Apresenta-se totalmente retocada bordo esquerdo, com retoque semi-abrupto, marginal alongado, a zona distal é arredondada por retoque abrupto, marginal alongado; no bordo direito apresenta vestígios de uso e retoque oblíquo, marginal na zona distal. A fratura parece indicar ter sido feita por flexão; Sílex Branco; Medidas: C. 66 mm, mesial (L./E.) 19 mm/ 7 mm, distal (L./E.) 22 mm/ 8 mm.

4. Lâminas retocadas

Nº de inventário (nº antigo): 76-A-874 (668); Porção mesial de lâmina em sílex de origem indeterminada, de secção trapezoidal. Apresenta diversas fraturas em ambos os bordos e profunda alteração de origem térmica (fraturas, alteração da cor e da textura); Sílex Negro; Medidas: C. 41 mm, mesial (L./E.) 20 mm/ 6 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 76-A-778 (680); Porção distal de lâmina em sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Cantanhede, de secção trapezoidal. Apresenta profunda alteração de origem térmica (fratura distal-mesial, alteração da cor e da textura); Sílex Negro; Medidas: C. 33 mm, distal (L./E.) 14 mm/ 5 mm.

Nº de inventário (nº antigo): (671); Porção mesial de lâmina em sílex paleogénico da região de Vagos, Mira e Montemor, de secção trapezoidal. Evidencia tratamento térmico; Sílex Castanho, translúcido; Medidas: C. 22 mm, mesial (L./E.) 25 mm/ 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): (675); Porção proximal-mesial de lâmina em sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Cantanhede, de secção trapezoidal. Evidencia profunda alteração térmica ao nível da cor e da textura, e a fratura mesial-distal será também resultado de termoclastia. Apresenta talão facetado e terá sido debitada por percussão direta; Sílex Negro; Medidas: C. 41 mm, proximal (L./E.) 11 mm/ 6 mm, mesial (L./E.) 19 mm/ 6 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-43 (678); Porção mesial de lâmina de corneana (?), de secção trapezoidal. Uma das fraturas, possivelmente a da porção proximal, poderá ter sido originada por flexão; a outra fratura é de tipo indeterminável. As características da matéria-prima não permitem detetar eventual tratamento térmico; Sílex Negro; Medidas: C. 66 mm, mesial (L./E.) 21 mm/ 3 mm.

Nº de inventário (nº antigo): (67); Porção mesial de lâmina em sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Cantanhede, de secção trapezoidal. Apresenta fratura por torção e fratura por flexão. Com tratamento térmico; Sílex Bege; Medidas: C. 21 mm, mesial (L./E.) 13 mm/ 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-41 (686); Lâmina em sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Outil e Portunhos/Ança, de secção trapezoidal. Apresenta talão facetado e terá sido debitada por percussão direta; Sílex Branco; Medidas: C. 167 mm, proximal (L./E.) 23 mm/ 5 mm, mesial (L./E.) 21 mm/ 5 mm, distal (L./E.) 20 mm/ 6 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-40 (688); Lâmina em sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Outil e Portunhos/ Ança, de secção trapezoidal. Apresenta talão facetado e terá sido debitada por percussão direta; Sílex Bege; Medidas: C. 143 mm, proximal (L./E.) 17 mm/ 4 mm, mesial (L./E.) 21 mm/ 4 mm, distal (L./E.) 11 mm/ 3 mm. Com retoque direto.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-38 (685); Lâmina em sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Outil e Portunhos/Ança, de secção trapezoidal. Apresenta talão facetado e terá sido debitada por percussão direta; Sílex Branco; Medidas: C. 118 mm, proximal (L./E.) 13 mm/ 4 mm, mesial (L./E.) 16 mm/ 5 mm, distal (L./E.) 17 mm/ 5 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 77-A-42 (684); Porção mesial-distal em sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Outil e Portunhos/Ança de secção trapezoidal. Apresenta uma fratura na zona distal e uma outra na extremidade oposta, que aparenta ser recente; Sílex Bege; Medidas: C. 196 mm, mesial (L./E.) 19 mm/ 6 mm, distal (L./E.) 16 mm/ 3 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-68 (672); Porção proximal-mesial em sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Outil e Portunhos/Ança, de secção trapezoidal. A fratura poderá ter sido originada por flexão. Apresenta talão liso; Sílex Bege; Medidas: C. 40 mm, proximal (L./E.) 11 mm/ 4 mm, mesial (L./E.) 12 mm/ 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-26 (667); Porção mesial-distal em sílex Paleogénico, da região de Vagos, Mira e Montemor, de secção trapezoidal. Tipo de fratura não identificada em ambas extremidades; Sílex Castanho (translúcido); Medidas: C. 36 mm, mesial (L./E.) 16 mm/ 3 mm, distal (L./E.) 15 mm/ 2 mm.

5. Lamelas

Nº de inventário: 12-A-033; Lamela em quartzo hialino com fratura lateral proximal, possivelmente debitada por percussão indireta; Quartzo Hialino; Medidas: C. 24 mm, proximal (L./E.) 2 mm/ 2 mm, mesial (L./E.) 8 mm/ 2 mm, distal (L./E.) 7 mm/ 1 mm.

6. Lascas retocadas e não retocadas

Nº de inventário: 12-A-029 (730); Raspadeira sobre suporte indeterminável em sílex. A zona ativa é definida por retoque bifacial oblíquo. Encontra-se muito alterada por ação térmica; Medidas: C. 34 mm, L. 33 mm, E. 9 mm.

Nº de inventário: 78-A-65 (758); Lasca em sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Cantanhede, com retoques múltiplos irregulares; Sílex Bege; Medidas: C. 36 mm, L. 27 mm, E. 5 mm;

Nº de inventário: 12-A-032; Fragmento de lasca em sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Cantanhede. Com eventual tratamento térmico; Medidas: C. 21 mm, L. 13 mm, E. 3 mm; Fragmento de talhe.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-72 (760); Lasca em quartzo leitoso; Medidas: C. 36 mm, L. 22 mm, E. 5 mm; Fragmento de talhe.

Nº de inventário: 78-A-55 (759); Lasca em quartzo leitoso; Medidas: C. 27 mm, L. 19 mm, E. 4 mm; Fragmento de talhe.

7. Núcleos

Nº de inventário (nº antigo): 12-A-028 (12); Núcleo; Seixo; Quartzo acinzentado; Medidas: C. 81 mm, L. 65 mm, E. 42 mm.

Nº de inventário: 09-A-262; Núcleo de lamelas sobre cristal prismático de quartzo hialino.

Nº de inventário: 09-A-283; Núcleo de pequenas lascas sobre cristal prismático de quartzo hialino.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-165 (57);

Núcleo prismático de lâminas sobre nódulo de sílex jurássico (Bajociano/Batoniano), da região de Cantanhede, que conserva algumas superfícies corticais; núcleo pouco explorado, com aparente tratamento térmico. Evidencia diversos acidentes de talhe (ressaltos e extração de lascas); Sílex Bege; Medidas: C. 54 mm, L. 45 mm, E. 38 mm.

8. Diversos

Nº de inventário (nº antigo): 76-A-807 (682); Fragmento inclassificável em sílex jurássico (Bajociano/Batoniano) da região de Cantanhede; Medidas: C. 15 mm, L. 13 mm, E. 5 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-31 (766); Fragmento inclassificável em arenito (Cretácico) formado por grãos de quartzo com cimento ferruginoso ou quartzo fraturado com cimento ferruginoso; Medidas: C. 23 mm, L. 17 mm, E. 6 mm.

Nº de inventário: 78-A-62; Fragmento inclassificável em sílex negro, de origem indeterminada; Medidas: C. 26 mm, L. 19 mm, E. 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-57 (804); Fragmento inclassificável em quartzo; Medidas: C. 17 mm, L. 15 mm, E. 6 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-56 (801); Fragmento de seixo rolado em quartzo; Medidas: C. 20 mm, L. 11 mm, E. 4 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-48 (80?); Fragmento inclassificável em quartzo; Medidas: C. 11 mm, L. 9 mm, E. 2 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 76-A-871 (665); Fragmento de seixo rolado em quartzito (ou corneana); Quartzito negro; Medidas: C. 47 mm, L. 27 mm, E. 16 mm.

9. Artefactos em pedra polida

Nº de inventário (nº antigo): 12-A-026 (4725); Machado em anfibolito, com secção retangular, silhueta trapezoidal, 85% de polimento, parcialmente polido na zona do gume, apresenta vestígios de uso; Medidas: C. 151 mm, proximal (L./E.) 18 mm/ 15 mm, mesial (L./E.) 52 mm/ 51 mm, distal (L./E.) 36 mm/ 5 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-168 (1444); Machado em anfibolito, com secção retangular, silhueta trapezoidal, 13% de polimento, parcialmente polido na zona do gume, não apresenta vestígios de uso. Gume convexo de perfil simétrico; Medidas: C. 132 mm, proximal (L./E.) 11 mm/ 2 mm, mesial (L./E.) 32 mm/ 31 mm, distal (L./E.) 35 mm/ 1 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-169 (1443); Machado em anfibolito, com secção retangular, silhueta trapezoidal, 25% de polimento, parcialmente polido na zona do gume, não apresenta vestígios de uso. Gume retilíneo de perfil assimétrico; Medidas: C. 173 mm, proximal (L./E.) 27 mm/ 27 mm, mesial (L./E.) 45 mm/ 33 mm, distal (L./E.) 42 mm/ 2 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-164 (1426); Machado votivo em quartzo leitoso com óxidos de ferro, proveniente de filonetes de quartzo de exsudação, da zona leste de Coimbra ou de Espinho. Apresenta um contorno pentagonal alongado, com gume horizontalizado com cantos oblíquos. Secção "oval", totalmente polido, não apresentando vestígios de uso; Medidas: C. 42 mm, L. 29 mm, E. 9 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-168 (1442); Enxó em anfibolito, com secção retangular, silhueta trapezoidal, 20% de polimento, parcialmente polido na zona do gume, não apresenta vestígios de uso. Gume convexo de perfil assimétrico; Medidas: C. 216 mm, proximal (L./E.) 19 mm/ 26 mm, mesial (L./E.) 43 mm/ 37 mm, distal (L./E.) 35 mm/ 1 mm.

Sem nº de inventário; Enxó em calcário "margoso" apresenta contorno sub-triangular, com secção retangular, totalmente polido. O gume é arredondado, não apresenta vestígios de uso; Medidas: C. 139 mm, L. 48 mm, E. 12 mm.

Sem nº de inventário; Enxó em calcário apresenta contorno triangular, com secção sub-retangular, gume horizontalizado, totalmente polido, sem vestígios de uso; Medidas: C. 93 mm, L. 41 mm, E. 15 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-163 (731); Bastão/Idoliforme (?), em pedra polida, de forma paralelepípeda, com os cantos arredondados, totalmente polido. Contorno retangular, com secção retangular; Medidas: C. 217 mm, L. 22 mm, E. 12 mm.

10. Percutores

Nº de inventário (nº antigo): 12-A-027 (15); Percutor?; Quartzito; Medidas: C. 124 mm, L. 49 mm, E. 49 mm.

Nº de inventário (nº antigo): 12-A-025 (2081); Seixo rolado?; Quartzito; Medidas: C. 90 mm, L. 68 mm, E. 64 mm.

11. Objetos de adorno

Sem nº de inventário; 16 Contas de colar discoidais, em quartzito de grão muito fino, da região este de Coimbra, a cerca de 40 km, de cor cinzenta, com perfurações de diferentes diâmetros e diferentes espessuras. Perfuradas 8 de um lado. Secções retangulares; Medidas: A. 1 a 1,65 mm, L. 3,2 a 4,5 mm.

Sem nº de inventário; 6 Contas semi-discoidais de cor verde; Medidas: C. 5/5,1/6/8/8/7 mm, E. 3/3/3/4,5/5/4,5 mm.

Sem nº de inventário; 3 Contas discoidais, de cor verde claro. As duas maiores estão perfuradas só de um lado e a mais pequena encontra-se perfurada de ambos os lados; Medidas: C. 28,3/14,3/13,3 mm, E. 10/6,3/6,2 mm.

Sem nº de inventário; 1 Conta sub-circular, de cor verde claro, perfurada de ambos os lados; Medidas: C. 9,5 mm, E. 9 mm.

Sem nº de inventário; 2 Contas discoidais, uma verde e outra esbranquiçada. Esta é semi-

translúcida, encontra-se perfurada só de um lado e a verde está perfurada de ambos os lados; Medidas: C. 8,1/8,9 mm, E. 5/3 mm.

Sem nº de inventário; 2 Contas tubulares, perfuradas de ambos os lados, de cor verde; Medidas: C. 21/14,5 mm, L. 10/9 mm, E. 8/9,5 mm.

Sem nº de inventário; 1 Conta de colar, de rocha negra de azeviche; perfurada só de um lado. Proveniente do Cabo Mondego. De formato troncocónico; Medidas: A. 2 mm, L. 8 mm, P. 2 mm.

Sem nº de inventário; 2 Pendentes sobre cristais prismáticos de quartzo hialino, das regiões graníticas da Beira Alta, a mais de 80 km. Polidos e perfurados dos dois lados; Medidas: C. 30/24 mm, L. 12/9,9 mm, E. 8/8 mm.

Sem nº de inventário; 1 Pendente verde de contorno sub-retangular, perfurado de ambos os lados; Medidas: C. 14 mm, L. 7 mm, E. 22 mm.

Nº de inventário: 78-A-193; Placa gravada em lutito micáceo, de origem sedimentar, pode ser regional, de cerca de 10 km em volta da área onde foi encontrada.

12. Fragmentos de lutito

Nº de inventário (nº antigo): 78-A-148 (1393); Três fragmentos de possível material corante em lutito com óxido de ferro, que colam entre si; Medidas: C. 25/55/28 mm, L. 15/31/21 mm, E. 7/9/10 mm.

Nº de inventário: 78-A-194; Três fragmentos de lutito micáceo; Medidas: C. 64/15/16 mm, L. 48/10/12 mm, E. 7/3/4 mm.

Sem nº de inventário; Fragmento de lutito com óxido de ferro, bom para gravar e tatuar. Esta rocha misturada com uma gordura podia ter servido para criar tintas.

O MONUMENTO SOB *TUMULUS* DA IDADE DO BRONZE DE LACEIRAS DO CÔVO 2 (VALE DE CAMBRA, CENTRO-NORTE DE PORTUGAL)

Edite Sá¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo dar a conhecer o estudo monográfico feito ao monumento funerário de Ladeiras do Covo 2, localizado na freguesia de Arões, concelho de Vale de Cambra, Centro-Norte de Portugal. Trata-se de uma estrutura possivelmente enquadrável cronologicamente na Idade do Bronze, e cuja tipologia construtiva, na tradição dos monumentos de tradição megalítica, mas mais pequena em diâmetro e altura, transparece uma associação de matérias contrastantes visualmente que se reveste de particular interesse. Tal facto pode verificar-se na disposição dos quartzos e do micaxisto, a qual parece traduzir um papel muito específico e bem definido de cada elemento litológico na arquitetura do *tumulus*.

A abundância dos quartzos leitosos - que refletem com grande intensidade a luz solar e lunar - presentes no montículo, conferem uma elevada percetibilidade do monumento na paisagem, pelo que nos parece ter existido uma clara intenção de tornar a morte visível e o lugar pensado como espaço cenográfico de recordação do personagem ali sepultado.

Palavras-chave: Serra da Freita, *Tumulus* da Idade do Bronze, Matéria construtiva, Cenografia de recordação.

Abstract: This article aims to present the monographic study of the funerary monument of Ladeiras do Covo 2, located in the parish of Arões, county of Vale de Cambra, Central and Northern Portugal). It is a funerary structure possibly from the Bronze Age whose constructive typology, associated with the tradition of megalithic monuments, but smaller in diameter and height. It is composed of visually contrasting raw materials what is of particular interest This may verified that in the arrangement of blocks of quartz and mica schist. This feature appears to reflect a very specific and well-defined role of each element in the lithologic architecture of the *tumulus*.

The abundance of milky quartz - that reflects intensive solar and lunar light - present in the *tumulus*, confers a high visual landscape of the monument. For this reasons we believe have existed in the past, a clear intention to bring up the death and the place of death as a scenographic place of memory of the personage buried there.

Keywords: Mountains of Freita, *Tumulus* of Bronze Age, Constructive matter, Memory of the dead scenography.

1. INTRODUÇÃO

O monumento sob *tumulus* de Ladeiras do Covo 2 foi identificado na sequência do corte de carqueja para cama e alimentação de gado, tendo sido referido pela primeira vez por Fernando Pereira da Silva (1992). Este investigador procedeu à sua escavação em

¹ Mestre em Arqueologia pelo Departamento de História da Universidade do Minho, Campus de Gualtar 4710-057 Braga. Email: editesa@gmail.com

1994, trabalho do qual resultou um relatório de escavação (Pereira da Silva 1996), algumas referências sumárias em publicações científicas (Pereira da Silva 1997, 1999; Silva *et al.* 2009) ou de divulgação do património arqueológico (Silva 2004).

Deste modo, a publicação monográfica deste monumento nunca foi efetuada, pelo que o estudo a que nos propomos torna-se pertinente. Este resulta, naturalmente, e numa primeira fase, dos dados relatados no relatório de escavação; das referências pontuais retiradas dos artigos referidos; da análise das informações existentes nos cadernos de campo, inéditos, de Pereira da Silva e da análise de fotografias e de plantas antigas. Numa segunda fase, toda esta documentação foi contrastada com observações pessoais em visitas efetuadas ao terreno, momento em que procedemos a análises do microcontexto físico e ambiental do local do monumento, do alcance visual que se obtém a partir dele, das suas características arquitetónicas, assim como da caracterização litológica dos seus materiais construtivos.

2. LOCALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA, COORDENADAS E CONTEXTO FÍSICO E AMBIENTAL

Este monumento pertence ao lugar da Felgueira, freguesia de Arões, concelho de Vale de Cambra, distrito de Aveiro. As coordenadas decimais segundo o Sistema WGS84 são: N. 40, 84696, W. 008. 26751, à altitude de 1001 m (Fig.1).



Fig. 1 - Localização de Laceras do Covo 2 na Carta Militar de Portugal, nº 155, escala de 1:25000. Malha da quadrícula: 1 km.

A estrutura tumular de Ladeiras do Covo 2 localiza-se no planalto superior da serra da Freita, nas proximidades de duas pequenas elevações: o Alto das Ladeiras, que lhe fica a nor-nordeste, e uma outra a que não se conhece topónimo que lhe fica a sul e a sul-sudeste (Fig. 2).



Fig. 2 - Localização genérica do monumento visto de nordeste com afloramentos graníticos a sul e sul-sudeste (Fot. de Ana M. S. Bettencourt).

Trata-se de uma área de cumeada e de interflúvio de águas que correm, quer em direção ao rio Caima, quer ao rio Teixeira, ambos afluentes da bacia do Vouga.

Em termos geológicos predomina, nos xistos, o grupo dúrico-beirão ou o comumente chamado xisto das beiras. Os granitos estabelecem contacto com os xistos através da intrusão magmática. A abundância de quartzo leitoso que aflora à superfície, resultante do fenómeno da crioturbação, é também uma parte importante da geologia da área, conferindo à paisagem envolvente uma grande impressividade. (Pereira *et al* 2006).

De notar que a cerca de 50 m para sudoeste do monumento ocorre um grande e impressionante filão de quartzo leitoso (Fig. 3). Na área existem recursos mineiros de cassiterite de coluvião, a cerca de 500 m para sudoeste, não identificados na Carta Geológica de Portugal e que foram extraídos clandestinamente conforme apurámos com as populações locais.

O monumento situa-se nas rotas tradicionais de pastorícia e numa área de travessia natural do planalto.

Atualmente o monumento está coberto por vegetação arbustiva, como tojo, carqueja e urze.



Fig. 3 - Visto de sudoeste com o Alto das Laceiras e um grande filão de quartzo em frente (Fot. de Ana M. S. Bettencourt).

3. CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

O monumento de Laceiras do Côvo 2 insere-se numa área onde ocorrem diversos monumentos sob *tumuli*. O mais próximo fica a cerca de 170 m para nordeste. Trata-se de Laceiras do Côvo 1 localizado no topo do Alto das Laceiras. A cerca de 550 m para sudoeste fica Laceiras do Côvo 3, já publicado e arquitetonicamente muito similar (Sá 2014; Sá *et al.* 2014b) e a cerca de 390 m para norte o de Monte Calvo ou Lusedo 2 (Pereira da Silva 1992, 1997, 1999, 2004; Silva *et al.* 2009; Sá 2014).

4. METODOLOGIA DE ESCAVAÇÃO

Segundo Pereira da Silva (1996), a opção metodológica foi a da decapagem integral do monumento e a escavação de uma área central de cerca de 1 m², não se tendo efetuado a abertura de qualquer sanja, devido às dimensões reduzidas do monumento.

Este foi incluído numa quadrícula de 4 m por 4 m, subdividida em quatro quadrados de 2 m, a partir de dois eixos ortogonais, orientados de norte para sul e de este para oeste.

Foram efetuados desenhos de plantas à escala 1:20, mas desconhecem-se perfis.

As coordenadas usadas nos desenhos são relativas, desconhecendo-se onde foi localizado o ponto “0” arbitrário.

Desconhecemos igualmente se o autor usou crivo para as terras que escavou na área central do monumento.

5. RESULTADOS

5.1. O *tumulus*

Segundo Pereira da Silva (1996) as escavações teriam revelado um *tumulus* de reduzidas dimensões, com cerca de 4 m de diâmetro, no entanto, o reconhecimento por nós realizado permitiu relocalizar a estrutura e efetuar novas medidas, as quais revelaram que este possuía cerca de 3,80 m de diâmetro por cerca de 0,40 m de altura. Desta forma, foi-nos possível perceber que seria quase impercetível na paisagem caso não fosse construído com predominância de quartzo. Atualmente, essa impercetibilidade é acentuada pela elevada vegetação que o cobre parcialmente.

Verificámos que o montículo é maioritariamente formado por pequenos calhaus de quartzo leitoso com veios de turmalina e que possui um anel periférico definido por lajes de micaxisto colocadas de forma oblíqua para o interior (Fig. 4)

Apesar de nada constar sobre a sua estratigrafia nos antigos relatórios de escavação é possível, que, tal como o de Lacediras do Covo 3 (Sá 2014; Sá *et al.* 2014) o pequeno cairn assentasse sob uma camada de argila onde se poderiam fincar as lajes de micaxisto de forma oblíqua.



Fig. 4 - Monumento após a decapagem inicial e ainda com derrubes fora da sua área periférica. É possível verificar o anel lítico exterior formado por lajes de micaxisto fincadas de forma oblíqua (Fot. de Pereira da Silva).

Observámos recentemente a ocorrência de outras lajes de xisto sobre o *tumulus*, aparentemente deslocadas. É provável que tivessem pertencido ao anel periférico exterior, pois este encontra-se mais deteriorado do que o representado no plano final do monumento, efetuado por Pereira da Silva. É possível que o deslocamento destas lajes tenha ocorrido nos anos posteriores à escavação, talvez provocado pelo pisoteamento animal, já que o pastoreio é intenso na região (Fig. 5).

² Cremos que há um engano de localização deste esteio neste texto pois este posiciona-se a norte. Tal pode verificar-se no plano final mas, também, nas antigas fotografias da escavação providas de escala e seta indicadora do norte.

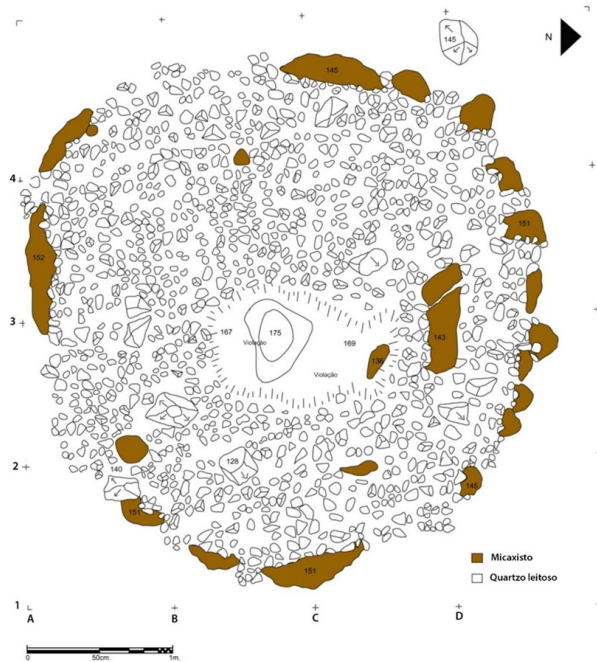


Fig. 5 - Planta final do monumento: Na área central, a nor-nordeste visualiza-se o único esteio da cista encontrado (seg. Pereira da Silva, adaptado).

5.2. A câmara

Segundo Pereira da Silva (1996), a área central revelou-se muito destruída no momento da escavação, distribuindo-se a violação pela metade este do monumento, numa área de 1,30 m de comprimento máximo por 0,90 m de largura máxima. Segundo o mesmo autor “*Aí, foi identificado in situ, um esteio, no topo este-sudeste², fraturado em dois fragmentos, colados na parede da “fossa” aberta para a colocação da cista* (Pereira da Silva 1996b: 12). Segundo este arqueólogo teria existido uma câmara em cista, de planta subquadrangular, formada por lajes em xisto, com uma altura de cerca de 0,20 m. O seu estado de conservação não permitiu a definição das suas dimensões. De ressaltar que a sepultura estaria descentrada da massa tumular. Segundo a mesma fonte, uma das lajes de micaxisto sobrepostas sobre o *tumulus*, pelo lado norte, e a cerca de 40 cm do esteio reconhecido por este investigador, poderia ter servido de tampa.

Pela nossa observação do local e das fotografias da escavação parece-nos possível identificar a existência de dois esteios fincados na vertical, formando os lados norte e sul de uma pequena cista, talvez de formato quadrangular. No seu interior parece existir outro esteio, fraturado (Fig. 6), mas tal interpretação é completamente distinta da proposta pelo escavador pelo que ficam as dúvidas.



Fig. 6 - Esteio *in situ*, identificado como pertencente à câmara funerária. A norte é possível ver a laje de micaxisto, na horizontal, que poderia ter servido de tampa (Fot. de Pereira da Silva - pomenor).

5.3. Espólio

Não foi identificado qualquer espólio funerário na escavação da área central do monumento nem na decapagem do *tumulus*.

6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A totalidade das características desta estrutura fazem-nos admitir que seria um monumento de carácter funerário, provido de *tumulus* e de câmara funerária em cista formada por lajes de micaxisto. As características arquitetónicas deste *tumulus* tornam-no muito peculiar, ao ser formado por calhaus e blocos de quartzo leitoso, muito imbricados, e por um anel de contenção formado por lajes de micaxisto, com medidas aproximadas e dispostas de forma oblíqua para o interior. Tal denota que os elementos não são dispostos de forma aleatória, mas sim com um cuidado extremo.

Como o substrato é de micaxisto e as lajes do anel periférico são da mesma matéria, não seria fácil colocá-las na disposição que apresentam, a não ser que, na época da construção do monumento, tivesse existido algum solo natural ou aí colocado um sedimento intencionalmente, para que as estas pudessem ser fincadas. Tal sucedeu, aliás, no 3 de Laceiras do Covo, existentes nas imediações (Sá 2014; Sá *et al.* 2014).

A escavação revelou uma câmara em cista, de pequenas dimensões e baixa (20 cm), tendo em conta a altura do esteio conservado. Tal permite-nos questionar o rito que poderia ter sido praticado, pois a inumação primária de um adulto seria difícil. Assim sendo, teria aqui sido efetuada a inumação primária de uma criança, a deposição de um ossário, redução ou a deposição de restos cremados?

A inexistência de dados para datação radiométrica do monumento impossibilitam a sua cronologia precisa. No entanto, por paralelos com os *tumuli* da Casinha Derribada, em Viseu (Cruz *et al.* 1998b) e da Senhora da Ouvida (Castro Daire, Viseu) (Cruz & Vilaça 1999), tam-

bém de pequenas dimensões e contendo quartzo, existentes na serra de Montemuro, não muito distantes da Freita, e datados entre o Bronze Médio e o Bronze Final faz-nos colocar a hipótese de que Laceiras do Covo 2 se poderá inserir, igualmente, nestas cronologias. A este propósito parece relevante a sua proximidade com os recursos de cassiterite de coluvião que seriam de fácil extração na antiguidade, tal como o foram durante o século passado³.

A litologia usada para a construção deste monumento (micaxisto e quartzo), reproduz o mundo físico que o envolve, no que pensamos ser intencional em termos simbólicos. Por vezes o monumento chega mesmo a confundir-se com o meio em que se insere, pelo facto de estar implantado numa área onde os crioclastos de quartzo leitoso são abundantes. No entanto a grande concentração de quartzo torná-lo-ia visível no passado, tal como ainda hoje o é, o que significa que foi construído para ser perceptível e fruído pelas comunidades, e o lugar pensado como um cenário para perpetuar a memória do(s) indivíduo(s) a que este foi associado .

Não obstante ter desaparecido a simbologia primitiva do lugar, é interessante verificarmos que, segundo os pastores locais, este lugar também é conhecido pelo topónimo Cepo Mouro, o que implica a sua vinculação com povos antigos.

Atualmente o túmulo encontra-se num estado de conservação razoável, tendo no entanto desaparecido a placa que o sinalizava e explicava.

Agradecimentos

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto de dissertação de mestrado da signatária intitulado *Contextos e práticas funerárias da Idade do Bronze na Serra da Freita, (Centro-Norte de Portugal)* que, por sua vez, se insere na tarefa 4 do projeto *Espaços Naturais, Arquiteturas, Arte rupestre e Deposições na Pré-história Recente da Fachada Ocidental do Centro e Norte Português: das Ações aos Significados - ENARDAS* (PTDC/HIS-ARQ/112983/2009), financiado pelo Programa Operacional Temático Factores de Competitividade (COMPETE) e comparticipados pelo Fundo Comunitário Europeu FEDER.

BIBLIOGRAFIA

- CRUZ, D.J.; GOMES, L.F.G. & CARVALHO, P.M.S. 1998. O grupo de *tumuli* da Casinha Derribada (Concelho de Viseu), *Conímbriga* 37: 5-76.
- CRUZ, D.J. & VILAÇA, R. 1999. O grupo de *tumuli* da Senhora da Ouvida (Castro Daire, Viseu). Resultados dos trabalhos arqueológicos, *Estudos Pré-históricos* 7: 129-161.

³Embora na Carta Geológica de Portugal 13-D – Oliveira de Azeméis não esteja marcada nenhuma ocorrência de cassiterite, o testemunho de antigos mineiros comprovaram a referida ocorrência mineral quer no lameiro existente nas proximidades do monumento de Laceiras do Covo 3, freguesia de Arões, concelho de Vale de Cambra, quer na costa da Castanheira, lugar da Castanheira, freguesia de Albergaria da Serra, concelho de Arouca, provavelmente em depósitos coluvionares. Segundo entrevista efetuada a moradores no lugar da Felgueira, essa antiga atividade mineira terá decorrido nos anos 40 do século XX. No caminho para a aldeia da Castanheira, quer à direita, quer à esquerda, ainda é possível ver cortas e a escombreira da lavaria. Agradecemos esta informação à Doutora Ana M. S. Bettencourt e ao Doutor Pedro Pimenta Simões, dos Departamentos de História e de Ciências da Terra da Universidade do Minho, respetivamente, que nos acompanharam nos trabalhos.

- PEREIRA, E.; MOREIRA, A.; GONÇALVES, S.; RODRIGUES, J.; SILVA, A. F. 2006. *Carta e Notícia Explicativa da folha 13-D (Oliveira de Azeméis) da Carta Geológica de Portugal à escala de 1:50.000*. INETI, Departamento de Geologia.
- PEREIRA DA SILVA, F.A. 1992. *Relatório da escavação arqueológica da mamoa 2 de Monte Calvo (Albergaria da Serra, Arouca) – 1992*. Oliveira de Azeméis. (Dactilografado).
- PEREIRA DA SILVA, F.A. 1996. *Relatório da escavação arqueológica da Mamoa 2 de Lacciras do Covo (Arões, Vale de Cambra) – 1996*. Oliveira de Azeméis. (Dactilografado).
- PEREIRA DA SILVA, F.A. 1997. *Contextos funerários da Idade do Bronze nos planaltos centrais do Centro-Norte litoral português: tradição ou inovação? 2º Congresso de Arqueologia Peninsular. Neolítico, Calcolítico y Bronce*. Vol. 2. Zamora: Fundação Rei Afonso Henriques, 605-620.
- PEREIRA DA SILVA, F.A. 2004. Megalitismo e tradição megalítica no concelho de Arouca: três mil anos de arquitectura funerária In A.M.S.P. Silva (coord.) *Memórias da Terra. Património Arqueológico do Concelho de Arouca*. Arouca: Arouca, Câmara Municipal, 44-203.
- SÁ, E. 2014. *Contextos e práticas funerárias da Idade do Bronze na Serra da Freita (Centro-Norte de Portugal)*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado – policopiada).
- SÁ, E., BETTENCOURT, A.M.S. & SIMÕES, P.P. 2014. Arquiteturas funerárias, materiais de construção e interação com o espaço na Idade do Bronze da Serra da Freita (Centro -Norte de Portugal). O caso do *tumulus* de Lacciras do Covo 3, Vale de Cambra. *Estudos do Quaternário* 10: 25-33.
- SILVA, A.M.S.P. (coord.) 2004. *Memórias da Terra. Património Arqueológico do Concelho de Arouca*. Arouca: Câmara Municipal.
- SILVA, A.M.S.P.; LEITE, J.N. & ROCHA, D. 2009. Do espaço vivido ao espaço imaginado. Aproximações interdisciplinares à antropização dos planaltos da Freita (Arouca) do 3º ao 1º milénio a.C. In A.M.S. Bettencourt & L.B. Alves (eds.) *Dos montes, das pedras e das águas. Formas de interação com o espaço natural da pré-história à atualidade*. Braga: CITCEM & APEQ: 95-114.

RITOS DE FOGO EM CONTEXTOS FUNERÁRIOS DA IDADE DO BRONZE DO NW DA IBÉRIA: O CASO DE ESTUDO DO MONUMENTO SOB *TUMULUS* DE VALE DE CHÃO 1 (BRAGA, PORTUGAL)

Luciano Vilas Boas¹ & Maria Martín Seijo²

Resumo: O monumento funerário sob *tumulus* de Vale do Chão 1, freguesia de Pedralva, concelho de Braga, é uma estrutura tumular construída no Bronze Inicial, entre 1776-1749 a. C. (2 sigma) (Vilas Boas 2014). Durante a escavação do quadrante noroeste do *tumulus* registou-se uma estrutura aberta posteriormente à sua construção, que foi cortada no substrato rochoso e tapada com sedimentos alterados do *tumulus*. Foi designada por estrutura 1. É de contorno sensivelmente subretangular com 1.80 m de comprimento, por 0.40 m de largura média e 0.52 m de profundidade máxima. Na camada inferior do seu enchimento, que considerámos correspondente ao seu uso original, existiam abundantes carvões por toda a superfície. Foram recolhidos mediante a crivagem dos sedimentos para análises de antracologia e de radiocarbono.

Em termos da antracologia, a análise destas amostras revelou, sobretudo, a queima *in situ* de madeira de carvalho (*Quercus* sp. caducifólio) e, pontualmente, de maloideas (Rosaceae/Maloideae) e de fabáceas (Fabaceae).

A forma, dimensões e contexto desta estrutura fazem-nos colocar a hipótese de que seria uma sepultura plana, à semelhança de muitas outras detetadas no noroeste de Portugal, pelo que a profusão de troncos de carvalho, algumas maloideas e fabáceas queimadas, em contexto primário, fazem-nos considerar que aqui se praticou um rito que implicou o uso do fogo, talvez uma cremação *in situ*. Tal não seria inédito visto que no noroeste português se conhece um sarcófago em tronco que foi introduzido no interior de uma sepultura plana e posteriormente queimado (Almeida & Fernandes 2008). Trata-se de uma das sepulturas da necrópole de Cimalha, em Felgueiras, que tinha como oferenda um recipiente cerâmico datável do Bronze Inicial ou Médio (Bettencourt 2010).

A data radiométrica obtida para os carvões da estrutura em estudo foi a de 1516-1373 a. C. (2 sigma), ou seja, do Bronze Médio, embora o tempo de vida do carvalho possa ter envelhecido o resultado (*old wood effect*), podendo esta estrutura ser um pouco mais recente.

Os dados antracológicos e dendrológicos relativos a estes contextos são escassos daí a importância deste caso de estudo ao permitir-nos refletir sobre os ritos de fogo em contexto funerário e identificar os recursos lenhosos aí envolvidos.

Palavras-chave: Idade do Bronze, Contextos funerários, Ritos do fogo, Antracologia.

Abstract: The funerary monument of Vale do Chão 1, located in the village of Pedralva, in the municipality of Braga, is a tumular structure built in the Early Bronze Age, between 1776-1749 BC (2 sigma) (Vilas Boas 2014). Archaeological excavation of the northeast quadrant of the *tumulus* recorded a structure

¹ Mestre em Arqueologia pela Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de História, Campus de Gualtar, 4710-057, Braga, Portugal. E-mail: lucianomvb@gmail.com

² Bolsêira Posdoutoral, Grupo de Estudos para a Prehistória do Noroeste Ibérico-GEPN. Universidade de Santiago de Compostela. Praza da Universidade s/n. 15782 Santiago de Compostela, Espanha. E-mail: maria.martin.seijo@gmail.com

(Structure 1), post-dating the construction of the funerary monument. Structure 1 was cut into the rocky substrate and covered by sediments obtained from the *tumulus*. Sub-rectangular in plan, it measured 1.80m in length, 0.40m in average width and 0.52m in maximum depth. Frequent charcoal inclusions were found throughout the surface of the lower fill, which was considered to correspond to its original use. The charcoal fragments were recovered by soil sieving, which was undertaken for charcoal and radiocarbon analyses.

The analysis of the charcoal assemblage revealed in particular the *in situ* burning of oak (*Quercus* sp. deciduous) and occasional burning of Rosaceae/Maloideae and Fabaceae.

The shape, dimension and context of this structure indicate that it could be a flat grave, similar to many others found in Northeast Portugal. The profusion of oak trunks, along with some branches of Rosaceae/Maloideae and Fabaceae, which were burned in a primary context, led the researchers to consider that this represents the practice of a rite involving fire, perhaps *in situ* cremation. This would not be unprecedented, as a wooden sarcophagus, carved from a trunk, which was placed in a flat grave and subsequently burnt, has been recorded in Northwest Portugal (Almeida & Fernandes 2008). The sarcophagus grave, which was part of the necropolis of Cimalha, in Felgueiras, also contained an Early or Middle Bronze Age ceramic vessel (Bettencourt 2010).

Radiometric analysis of the charcoal from the structure of Vale do Chão returned a date of 1516-1373 BC (2 sigma), corresponding to the Middle Bronze Age, although the lifespan of oak could have aged the result (old wood effect), so this structure could be more recent.

The scarcity of anthracological and dendrological data from these kinds of contexts highlights the importance of this case study, which allowed for reflection on the rites involving fire in funerary contexts and to identify the wood resources burned in such practices.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa dar a conhecer os resultados das análises antracológica e dendrológica recuperadas numa estrutura de reutilização do monumento sob *tumulus* de Vale do Chão 1 construído durante o Bronze Inicial (Vilas Boas 2014). Os dados antracológicos e dendrológicos relativos a estes contextos são escassos daí a importância deste caso de estudo pois tal permitir-nos-á tecer algumas interpretações sobre ritos de fogo em contextos funerários da Idade do Bronze e sobre os recursos lenhosos aí envolvidos. A presença do fogo em contextos funerários, além de permitir conhecimento em termos tecnológicos, relaciona-se com a capacidade humana de transformação da matéria e envolve aspetos sociais e simbólicos, importantes (Sørensen & Bille 2008) que urge estudar no Noroeste de Portugal. Neste sentido, este trabalho representa apenas um pequeno contributo neste sentido.

2. CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Vale do Chão 1 localiza-se no distrito e concelho de Braga, freguesia de Pedralva, lugar das Eiras a 41.5739° de Latitude norte e -8.3249° de Longitude oeste, à altitude de 440 m. Foi construído a meio da vertente sul da serra do Carvalho, numa pequena plataforma sobranceira à ribeira de Reamondes, subsidiária do Rio Ave (Fig. 1), no Bronze Inicial entre 1976 e 1749 a.C. (Vilas Boas 2014).

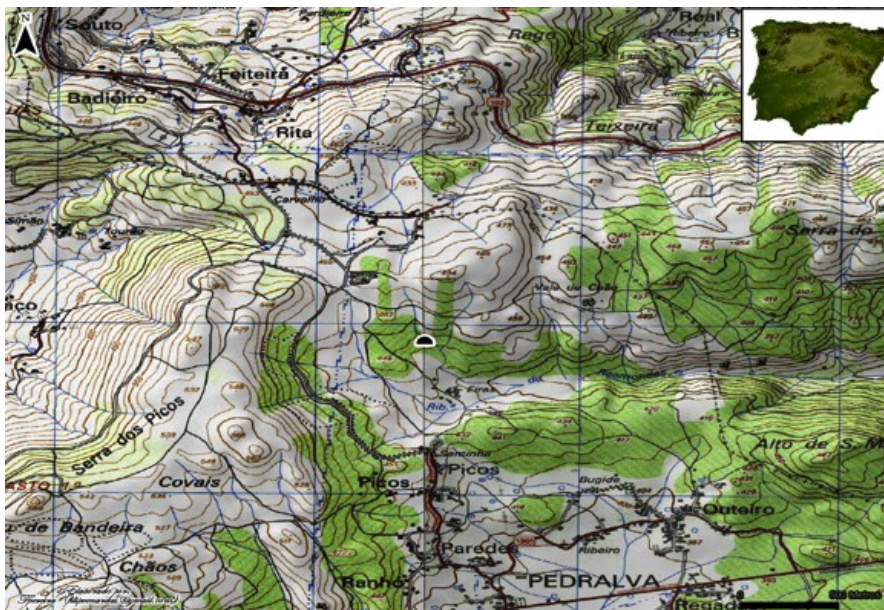


Fig. 1 - Localização do *tumulus* de Vale de Chão 1 na Carta Militar de Portugal, nº57, esc. 1: 25 000.

Trata-se de um monumento com *tumulus* circular, com c. de 7 m. de diâmetro e menos de 1 m de altura, sem qualquer tipo de câmara em pedra na área central. No quadrante noroeste do *tumulus* (quadrados F2, F3, G2 e G3) foi detetada uma estrutura aberta posteriormente à sua construção, então designada por estrutura 1 (Fig. 2).



Fig. 2 - O monumento 1 de Vale de Chão após a decapagem efetuada por Loureiro em 2007, adaptado (Vilas Boas 2014).

Esta, de planta sensivelmente subretangular, paredes retas e base aplanada, media 1.80 m de comprimento, por 0.40 m de largura média e 0.52 m de profundidade máxima. Encontrava-se preenchida por três camadas estratigráficas distintas: camadas 1, 1a e 1b. As duas primeiras foram interpretadas como sendo de enchimento, enquanto a última foi considerada como resultante das ações aí praticadas antes da estrutura ser tapada (Vilas Boas 2014) (Fig. 3).

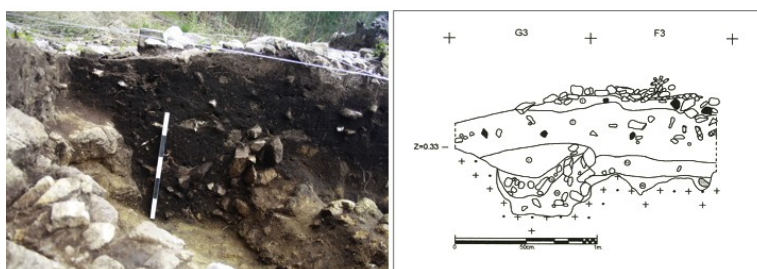


Fig. 3 - Perfil da estrutura 1 no quadrado G3.

A camada 1b composta por sedimentos de coloração castanha escura, medianamente compactos, areno-limosos e com pequenos calhaus de granito, continha inúmeros carvões distribuídos por toda a superfície da estrutura (Fig. 4).



Fig. 4 - Plano intermédio da estrutura 1 aberta no *tumulus* mais antigo (quadrados F2, F3, G2 e G3).

3. DADOS ANTRACOLÓGICOS E DENDROLÓGICOS

A identificação taxonómica dos carvões foi realizada a partir da observação da estrutura anatómica do lenho mediante a utilização de um microscópio de luz reflectida (x40 a

x400), conforme aos critérios anatómicos definidos nos atlas de anatomia da madeira (Schweingruber 1990; Hather 2000; Gale & Cutler 2000) e na comparação com amostras actuais de referência.

Paralelamente à identificação taxonómica registou-se um conjunto de informações ligadas à dendrologia que permitiram complementar o conhecimento sobre as estratégias de aprovisionamento dos recursos lenhosos e sobre as condições de crescimento durante a vida das plantas a saber: o grau de curvatura dos anéis de crescimento anual; a presença de tiloses e de depósitos de resina (madeira do cerne ou do alborno), etc. Para tal usamos a metodologia de Schweingruber (1996), Marguerie & Hunot (2007) e Schweingruber *et al.* (2008). Foram pesquisadas, também, alterações no âmbito do estudo tafonómico dos restos, como as que foram produzidas durante a combustão (fendas radiais, anulares ou aleatórias relacionadas com a presença de humidade na lenha; presença de vitrificação dos tecidos, etc.) segundo os princípios de Théry-Parisot (2001), Marguerie & Hunot (2007), Braadvaart & Poole (2008) e McParland *et al.* (2010).

Identificaram-se 174 fragmentos de carvão provenientes de 3 amostras, entre os quais 167 pertenciam, com grande probabilidade, a um tronco de carvalho (*Quercus* de folha caduca) que estaria em contexto primário pelas características tafonómicas dos fragmentos identificados; 4 a ramos de fabáceas tipo giesta-tojo (Fabaceae) e 2 a ramos de maloideas (Rosaceae/Maloideae) e 1 fragmento a uma dicotiledónea (Fig. 5).

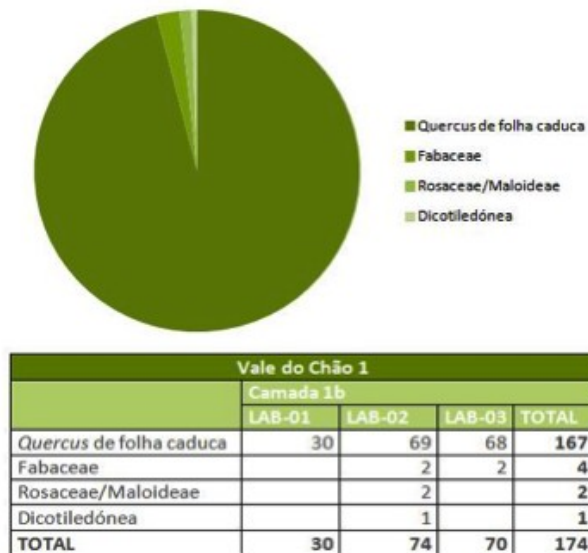


Fig. 5 - Resultados da identificação antracológica.

Estabelecer a origem dos carvões recuperados nestes contextos é problemática, já que este tipo de restos podem corresponder ao tipo de combustíveis usuais para a cremação ou noutros ritos de fogo associados ao mundo funerário, como a queima de estruturas de madeira ou de objectos vinculados a este tipo de contextos (López de Calle *et al.* 2001; McKinley *et al.* 2008). Apenas podemos dizer que habitualmente a lenha para a cremação era recolhida no meio envolvente, ainda que se deva ter em conta que nem todas as madeiras eram utilizadas para esta finalidade pelo que teriam sido seleccionadas as de melhor qualidade para o efeito desejado (Mensua & Piqué 2008).

Quanto à curvatura os fragmentos de carvalho corresponderiam a um tronco ou um ramo de calibre médio ou grande; enquanto os fragmentos com curvatura moderada ou forte são pontuais, o que indicia o consumo de ramos de fabáceas tipo giesta-tojo e maloi-deas, de pequeno calibre (Fig. 6).

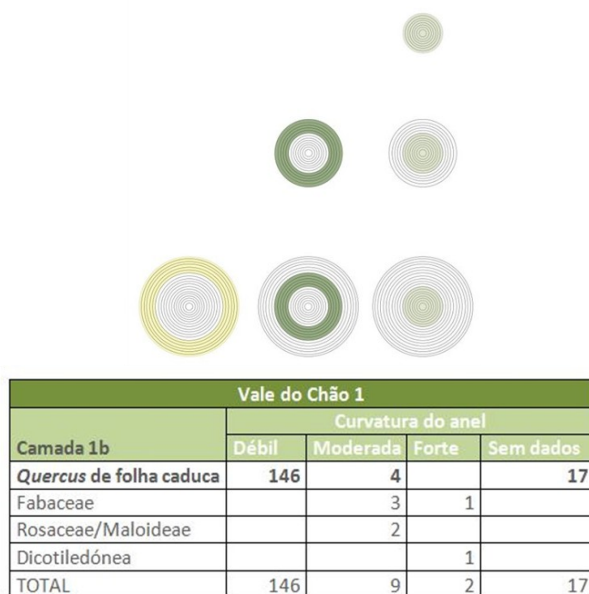


Fig. 6 - Curvatura dos anéis anuais.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E INTERPRETAÇÕES

A forma, dimensões e contexto da estrutura em análise fazem-nos colocar a hipótese de que seria uma sepultura plana, à semelhança de muitas outras detetadas no Noroeste de Portugal.

A identificação maioritária de madeira de carvalho (*Quercus* de folha caduca) obtida a partir de um só tronco no interior desta estrutura, assim como a sua distribuição espacial por toda a base da mesma, faz-nos colocar a hipótese de que aqui foi queimado um grande objecto de madeira, talvez um sarcófago. Os fragmentos de madeira de arbustivas (Fabaceae,

Maloideae), de pequeno calibre, poderiam corresponder à lenha utilizada para iniciar a combustão, pois ambas possuem um elevado poder calorífico e são bons combustíveis.

Embora não possamos descartar a possibilidade de que o tronco de carvalho possa corresponder ao combustível principal de uma pira funerária, a primeira opção parece-nos a mais provável. Apesar do uso de madeira de *Quercus* ter sido documentado, como combustível principal, em cremações de diferentes áreas geográficas e períodos cronológicos, ocasionalmente acompanhada de outras espécies arbustivas (Williams 2004; McKinley *et al.* 2008; Mensua & Piqué 2008; O'Donnell 2011), o volume de lenha necessário para que tal se verifique, estimado a partir de dados actuais em sociedades onde este tipo de ritos ainda é praticado, é de c. de 200 kg ou superior (Mensua & Piqué 2008), o que não parece ser o caso da estrutura 1 de Vale de Chão 1.

Seja como for, no interior desta estrutura foi praticado um rito que implicou o uso do fogo, talvez uma cremação em sarcófago, ou seja, em contexto primário. Tal não seria inédito visto que, no Noroeste português, se conhece um sarcófago em tronco que foi introduzido no interior de uma sepultura plana e posteriormente queimado (Almeida & Fernandes 2008). Trata-se de uma das sepulturas da necrópole de Cimalha, em Felgueiras, que tinha como oferenda um recipiente cerâmico datado do Bronze Inicial ou Médio (Bettencourt 2010). A identificação de sarcófagos de madeira de carvalho em contextos funerários da Idade do Bronze está bem documentada no Norte de Europa (Bergerbrant 2007).

A data radiométrica obtida para os carvões da estrutura em estudo foi a de 1516-1373 a. C., ou seja, do Bronze Médio, embora o tempo de vida do carvalho pode ter envelhecido um pouco este resultado (*old wood effect*), podendo este contexto ser um pouco mais recente.

Agradecimentos

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto de dissertação de mestrado do signatário (1) intitulado “O núcleo de monumentos sob *tumuli* de Vale de Chão, Braga (serra do Carvalho). História de um lugar desde o Neolítico à Idade do Bronze”, que se insere no projeto “*Espaços Naturais, Arquiteturas, Arte rupestre e Deposições na Pré-história Recente da Fachada Ocidental do Centro e Norte Português: das Ações aos Significados – ENARDAS*” (PTDC/HIS-ARQ/112983/2009), financiado pelo Programa Operacional Temático Fatores de Competitividade (COMPETE) e participados pelo Fundo Comunitário Europeu (FEDER). A análise antracológica foi efetuada no contexto do projeto Enardas e da bolsa de pós-doutoramento da signatária (2) “*Alén do bosque na Idade do Bronze do Noroeste da Ibéria. Estudo dos combustíveis e das manufacturas em madeira a partir da cadeia técnico-operativa*” financiado pelo Plan Galego de investigación, innovación e crecemento 2011-2015 (Plan I2C) da Consellería de Cultura, Educación e Ordenación Universitaria da Xunta de Galicia.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, P.B.; FERNANDES, F. 2008. O povoado da Idade do Bronze da Cimalha. *Opúsculo*, número especial: 29-44.
- BERGERBRANT, S. 2007. *Bronze Age Identities: Costume, Conflict and Contact in Northern Europe 1600-1300 BC*. Stockholm Studies in Archaeology 43. Lindome: Bricoleur Press.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2010. La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: un análisis a partir de las prácticas funerarias. *Trabajos de Prehistoria* 67 (1): 139-173.
- BRAADBAART, F.; POOLE, I. 2008. Morphological, chemical and physical changes during charcoalification of wood and its relevance to archaeological contexts. *Journal of Archaeological Science* 35: 2434-2445.
- GALE, R.; CUTLER, D. 2000. *Plants in Archaeology. Identification Manual of Vegetative Plant Materials Used in Europe and the Southern Mediterranean to c. 1500*. Kew: Westbury and Royal Botanic Gardens.
- HATHER, J.G. 2000. *The Identification of the Northern European Woods. A Guide for Archaeologists and Conservators*. London: Archetype Publications.
- LÓPEZ DE CALLE, C.; IRIARTE, M.J.; ZAPATA, L. 2001. Análisis paleoambientales en el dolmen de Collado del Mallo (Trevijano, La Rioja). Viabilidad y trabas de la paleoecología vegetal en estructuras dolméticas. *Zubía Monográfico* 13: 65-96.
- MARGUERIE, D.; HUNOT, J.Y. 2007. Charcoal analysis and dendrology: data from archaeological sites in North-Western France. *Journal of Archaeological Science* 34: 1417-1433.
- MCPARLAND, L.C.; COLLINSON, M.E.; SCOTT, A.C.; CAMPBELL, G.; VEAL, R. 2010. Is vitrification in charcoal a result of high temperature burning of wood? *Journal of Archaeological Science* 37: 2679-2687.
- MCKINLEY, J.I.; BARNETT, C.; MEPHAM, I.; STEVENS, C. 2008. *Beacon Hill Wood, Shepton Mallet, Somerset (BHN07/W67060) Middle Bronze Age Urned Cremation Burial*. Report.
- MENSUA, C.; PIQUÉ, R. 2008. El combustible component bàsic del ritual: la llenya per a foc. In E. Pons & A. Solés (coord.) *La Necròpolis d'Incineració del Pi de la Lliura-Vidreres*, Vidreres: Ajuntament de Vidreres, 93-98.
- O'DONNELL, L. 2011. People and woodlands: an investigation of charcoal remains as indicators of cultural selection and local environment in Bronze Age Ireland, *5th International Meeting of Charcoal Analysis. The Charcoal as Cultural and Biological Heritage* [Saguntum-Extra 11], 97-98.
- SCHWEINGRUBER, F.H. 1990. *Anatomy of European Woods. An Atlas for the Identification of European Trees, Shrubs and Dwarf Shrubs*, Stuttgart: Paul Haupt,
- SCHWEINGRUBER, F.H. 1996. *Tree Rings and Environment. Dendroecology*, Berne: Swiss Federal Institute for Forest, Snow and Landscape Research, Haupt.

Ritos de fogo em contextos funerários da Idade do Bronze do NW da Ibéria: o caso de estudo do monumento sob *tumulus* de Vale de Chão 1 (Braga, Portugal)

- SCHWEINGRUBER, F.H.; BÖRNER, A.; SCHULZE, E.D. 2008. *Atlas of Woody Plant Stems. Evolution, Structure and Environmental Modifications*, Berlin: Springer Berlag.
- SØRENSEN, T.F.; BILLE, M. 2008. Flames of transformation: the role of fire in cremation practices. *World Archaeology* 40 (2): 253:267.
- THÉRY-PARISOT, I. 2001. *Économie des combustibles au Paléolithique. Expérimentation, taphonomie, anthracologie*. DDA n°20. Paris: CNRS.
- VILAS BOAS, L. 2014. Vale de Chão 1, Braga. Um *tumulus* da Idade do Bronze no Noroeste português. *Estudos do Quaternário* 10: 15-23.
- WILLIAMS, H. 2004. Death warmed up. The agency of bodies and bones in Early Anglo-Saxon cremation rites. *Journal of Material Culture* 9 (3): 263-291.

BRONZE AGE FUNERARY CONTEXTS IN NORTHEAST PORTUGAL. TERRAÇO DAS LARANJEIRAS (SABOR VALLEY)

Rita Gaspar, Ricardo Ribeiro, Paulo Rebelo ²,
Nuno Neto ² & Maria Luís Carvalho ²

Abstract: The following work was undertaken as part of a project, which involved the registration and characterization of archaeological heritage necessitated by the construction of a hydroelectric dam on the river Sabor, in North-Eastern Portugal. The work carried out at the Terraço das Laranjeiras site revealed a prehistoric occupation consisting of a concentration of negative structures, organized in three different areas. Two child burials were identified and will be presented here.

Keywords: Bronze Age, Human burials, Sabor valley, Northeast of Portugal.

Resumo: As intervenções realizadas nos últimos três anos no vale do Sabor, no âmbito do Plano de Salvaguarda do Património (PSP) do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor (AHBS), permitiram a descoberta de importantes contextos da Idade do Bronze. Este tipo de sítios, caracterizado pela densa presença de estruturas negativas tipo fossa em amplas plataformas fluviais, era inédito até ao momento na região. No entanto, a identificação de contextos funerários nestes locais está já bem documentada noutros locais da Península ibérica não sendo o vale do Sabor exceção.

Neste caso apresenta-se o resultado da intervenção no Terraço das Laranjeiras, onde se identificou uma ocupação com concentração de estruturas em negativo de tipo fossa e dois enterramentos: um em fossa, de criança, e outro em cista de um sub-adulto. Este último foi datado da Idade do Bronze Inicial.

Palavras-Chave: Idade do Bronze, Contexto funerário, Vale do Sabor, Nordeste de Portugal.

1. INTRODUCTION

The recent archaeological work in the Trás-os-Montes region has been developed around the framework of the *Estudo da Pré-História no Vale do Sabor (Pre-historic study of Sabor valley)*³ project, which, coordinated by the first author, led to the discovery of new forms of prehistoric occupation previously unknown in this interior region. The archaeo-

¹ Baixo Sabor-ACE. E-mail: ritantunesgaspar@gmail.com

² Neoépica, Lda.

³ The study of prehistoric remains in the Sabor valley is being carried out within the framework defined by the *Plano de Salvaguarda do Património (PSP)* (Plan for the Safeguarding of Heritage) under the Empreitada Geral do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor (AHBS) (General contractor for the Baixo Sabor dam) sponsored by EDP and executed by Baixo Sabor, ACE which is constituted by the consortium ODEBRECHT/Bento Pedroso Construções S.A e LENA, Construções. The PSP has the following coordination structure: General coordinator: Paulo Dordio; Coordination of studies and teams: Rita Gaspar (Prehistory), José Sastre (Protohistory), Sérgio Pereira (Roman period), Luís Fontes (Middle Ages), Filipe Santos (Cilhades), Paulo Dordio (Traditional architecture), Sofia Figueiredo (Rock Art), Sérgio Antunes (Watching brief), Susana Lainho (Restoration and Conservation). The PSP is carried out within the Environment, Quality and Safety department of AHBS, coordinated by Augusta Fernandes.

logical interventions have permitted the identification of specific areas in the valley where we can see the long scale occupation of past communities since at least the Pleistocene, as is the case of Terraço das Laranjeiras, which is below presented. Still today these areas correspond to the major *Quintas* (estates/big farms), which were abandoned as working farms only in the last century. These areas correspond to vast open areas in a valley characterized for its narrow river bed with “V” shaped slopes.

Due to the intense drainage, the valleys in this region in general are very deep (Silva et al, 1989) and do not present the conditions necessary for the creation of flat platforms in the bottom of the valley. The exception to this seems to be the Sabor valley where the specific lithological conditions and neotectonic activities have conditioned the river course allowing the formation of large alluvial terraces in some specific points. These areas present the best conditions for agricultural practices and are an excellent source for a variety of natural resources. It seems that human occupation of the river valley throughout time has been structured by these spaces.

The Terraço das Laranjeiras site reveals itself as one of those communities’ focal points. It was excavated between 2012 and 2013 under the *Estudo da Pré-História no Vale do Sabor* (*Pre-historic study of Sabor valley*) project by the Baixo Sabor – ACE team with the collaboration of Neoépica - Arqueologia & Património Lda enterprise (Neto *et al.* 2012; Ribeiro *et al.* 2013). The archaeological work was undertaken in several phases, each aiming to respond to specific questions.

The Terraço das Laranjeiras is located in the administrative area of Torre de Moncorvo (Bragança), Eastern Portugal (Fig.1). The site itself is an alluvial terrace on the left bank of the Sabor. Orientated E-W, it is more than 500 m length and 40 to 80 m in width. The platform is 15 m above the level of the river and 123 m above sea level. The site corresponds to the following coordinates: WGS84: 41° 12' 34,84”N and 7° 04' 01,91”W and can be found on the 118 page of the Carta Militar de Portugal CMP 1:25 000 (ordnance survey map).

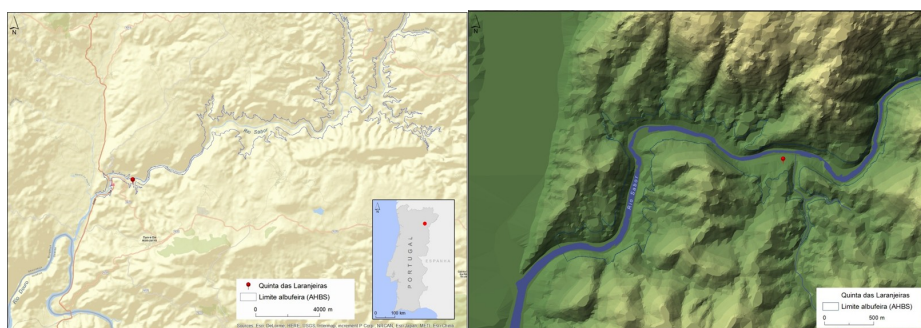


Fig. 1 - Terraço das Laranjeiras location in the Sabor valley in relation to the Douro (on the left) and the Sabor itself (on the right) (Map by Ana Rita Ferreira).

In geological terms, it is at this point in the course of the river that the narrow granitic (*Granito de Lousa-Larinbo* formation) river valley makes contact with the schists, phyllite and metagreywacke (*Desejosa and Pinhão* formation) (Silva *et al.* 1989), which widens the valley allowing the depositions which create alluvial platforms. On the left bank there are four temporary or seasonal drainage channels, the most important of which is a stream called Ribeira das Latas. These watercourses have the effect of naturally segmenting the space in this area of the valley.

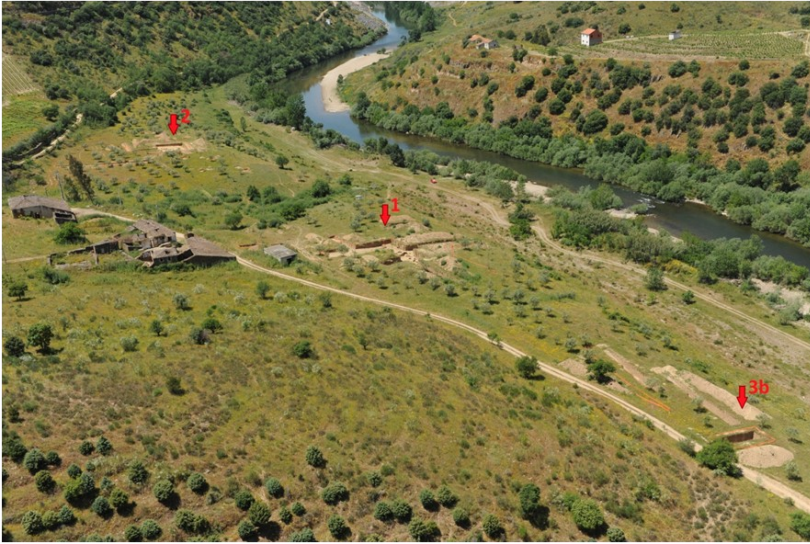


Fig. 2 - Terraço das Laranjeiras: viewed from the East. Location of Sector 1 (central area), Sector 2 (top left) and Sector 3b (bottom right).

2. ARCHAEOLOGICAL EVIDENCE

The platform presents a long-term occupation distributed throughout three excavated sectors. Geomorphologically the site is an alluvial terrace with a generally simple positive sequence with high energy deposits containing badly sorted pebbles at its base, covered by fine-grain (sand, silt and clay) deposits. On the top of the sequence some slope deposits and alluvial deposits from recent flooding are visible along with alterations due to agricultural activities.

The archaeological evidence was identified above the fine-grain deposits and covered by colluviums. Only negative structures were identified throughout the three sectors. It was evident as the field work was being carried out that based on the shape of the structures and associated material; the platform had been occupied during several different periods of Prehistory. The study of the site is ongoing.

Among the negative structures two funerary structures were identified, one in Sector 1 and the other in Sector 3b. They will be presented below (Fig. 3).

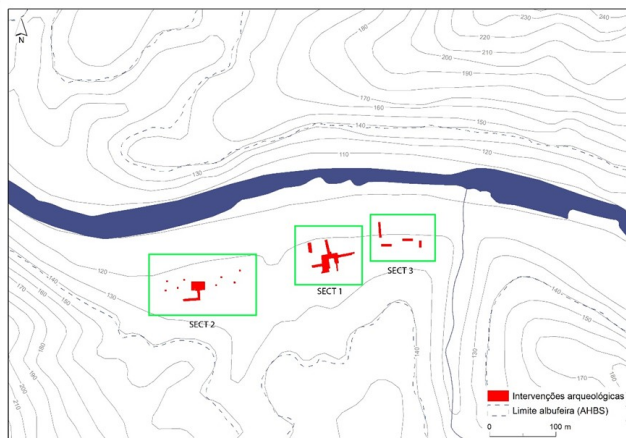


Fig. 3 - Terraço das Laranjeiras on the left bank of the Sabor and location of the three sectors (map by Ana Rita Ferreira).

In Sector 1 the stratigraphic sequence presents approximately 3,5 m of sedimentation above a schist bedrock. At the bottom of the sequence we can observe one high-energy alluvial deposit with badly sorted pebbles. Above that appears a thin fine-grain deposit [205] corresponding to an ancient floodplain on top of which the prehistoric occupation occurred. This sector contains the highest concentration of negative structures, totaling 63. The cist containing burial 1 is located in the eastern area (Fig. 4).

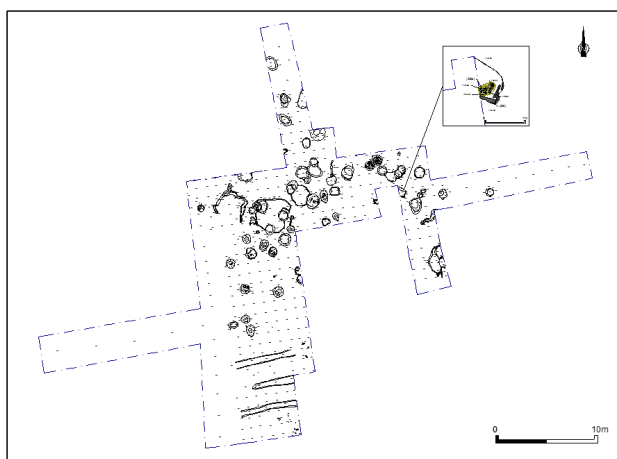


Fig. 4 - Distribution of negative structures in sector 1 and location of the cist (burial 1) (drawing by Ricardo Ribeiro).

In sector 3b the stratigraphic sequence contained more than 2 meters of sedimentation and was very similar to the one observed in sector 1. The schist bedrock was only identified in south area, as here the full stratigraphic sequence was not excavated in its

entirety. The same can be said for the high-energy alluvial deposit containing badly sorted pebbles also observed in Sector 1. However, in sector 3b only a few relatively uniform negative structures were identified, and isolated in the eastern area of the sector was burial 2 (Fig. 5).

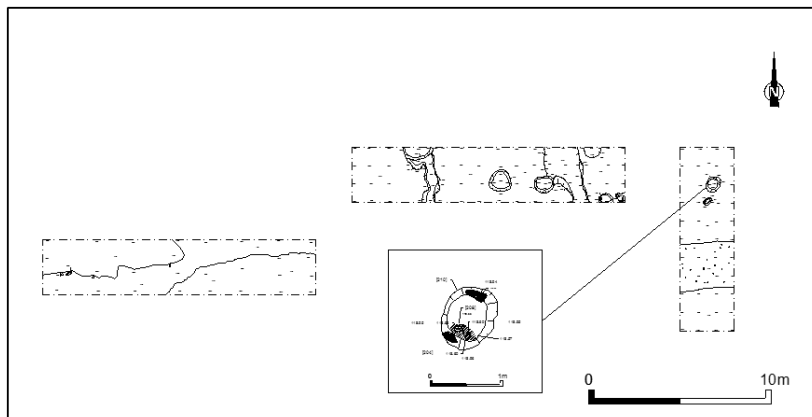


Fig. 5 - The distribution of negative structures in sector 3b and location of the burial pit (burial 2) (drawing by Ricardo Ribeiro).

3. THE FUNERARY CONTEXTS

As mentioned above, during the intervention two funerary structures were identified: one cist, in the central area of the platform (sector 1), and one pit in the easternmost area (sector 3b). These types of funerary structures are common to prehistoric agricultural communities, and according to Bettencourt (2011), these practices demonstrate the territorial appropriation of fertile valleys.

In the case of Terraço das Laranjeiras we see the funerary structures interspersed among other structures with domestic characteristics. That being said the study of the occupation is still ongoing and the contemporaneity of both types of structure still needs to be demonstrated. The fact also must be stressed that in this site two different types of funerary practices are present: cist and pit burials. Both are presented in detail below.

Table 1. Characteristics of burial structures

Burial	Type of structure	Length	Width	Opening	Depth
1 - [206b]	cist	1m (estimated)	0,77m	-	0,45m
2 - [208]	pit	-	-	0,85m	0,60m

3.1 - Burial 1

This burial was identified in test pit 2 from sector 1 (Fig. 4). It corresponds to a primary inhumation in a cist. The structure was dug in the fine-grain alluvial deposits [205] and was found approximately 1,5 m below the surface.

The funerary structure has a rectangular plan with an NW-SE orientation. The cist is composed by the vertical placement of large schist slabs forming a rectangular grave (see dimensions on Table 1). No cover stone or base stone were found. The transversal section of the cist is quadrangular (Fig. 6). The initial excavation, using methods aimed at the characterization of the alluvial terrace and Pleistocene occupation damaged the NW part of the structure and the superior part of the individual.

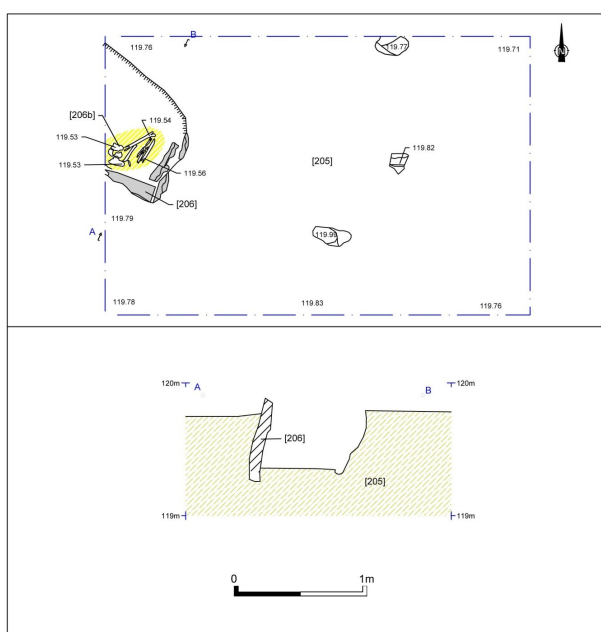


Fig. 6 - Plan of the cist identified in test pit 2, sector 1 (top) and transversal section of the cist (bottom) (drawing by Ricardo Ribeiro).

The individual identified [206b] (Fig. 7) was a primary deposition and had been positioned in a fetal position on its left side. Only the lower part of the inhumation was preserved as the cranium and torso were damaged during the first phase of the work, which led to the graves identification. Two loose teeth were also collected (a left lateral incisor and premolar) near the pelvis. Unfortunately, they cannot provide any information on associated pathologies or dental wear and both roots were broken.

The estimated age at the time of death using the Stoukal and Hanáková (1978) criteria is about 12 years old.



Fig. 7 - Human burial 1 during intervention (photo by Paulo Rebelo).

Associated with this burial was one ceramic recipient. The original position should have been near the cranium. Although fragmented, it was possible to reconstruct the form (Figs. 8 and 9). The small hemispheric pot is not decorated.



Fig. 8 - Hemispheric pot recovered from burial 1 (photo by Andrew May).

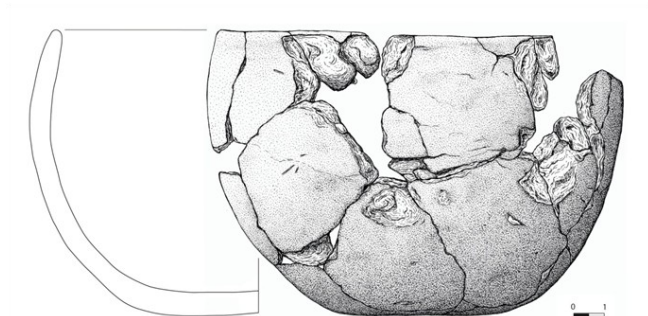


Fig. 9 - Hemispheric pot recovered from burial 1 (drawings by Patricia Fuentes Melgar).

The Centre for Isotope Research (University of Groningen) recovered one AMS date from the burial. The calibration curve used was Reimer *et al.* (2013) - Calib radiocarbon calibration program (Calib Rev 7.1.0.) (Table 2).

Table 2. Absolute date obtained for burial 1

Lab. reference	Archaeological context	BP date	Cal. BC (1 sigma)	Cal. BC (2 sigma)
GrA - 54501	Femur - Individual [206b] burial 1, cist	3615±35	2025 – 1936	2042 - 1888

3.2. Burial 2

Burial 2 [208] was identified in test pit 2 from sector 3b (Fig. 5). Sector 3b is located to the East of Sector 1, near the mouth of the stream Ribeira das Latas. The stratigraphic sequence is identical to the one observed in Sector 1, and the burial was found approximately 1,9 m below the surface. Burial 2 corresponds to a primary inhumation in a pit. The pit was excavated in the fine-grain alluvial deposits similar to burial 1 in sector 1. It is oval in plan with vertical walls and a “U” shaped profile (Fig. 10). The maximum diameter is 85 cm and it is 70 cm deep.

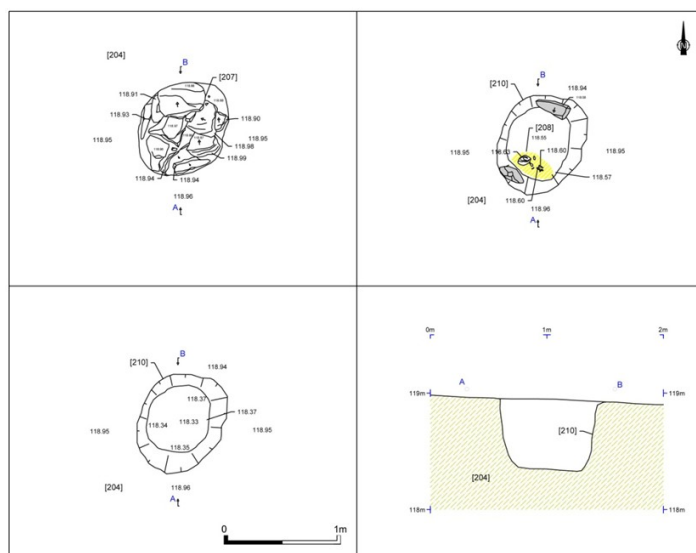


Fig. 10 - The pit in which burial 2 was identified; stone accumulation in the top of the pit (top left); location of infant burial inside the pit (top right); interface of negative structure (bottom left) and pit section (bottom right) (drawing by Ricardo Ribeiro).

When compared with the pits located in sector 1 this pit has some obviously different characteristics. It was clear that the fill was made up of more than one individual sediment although there was only a single moment of filling. Also, below the burial a fine-grain deposit was identified [209] which coated the base of the pit. It seems possible that this sediment was a preparation for the burial. Then, with the child placed in the pit there was a careful deposition of schist and granite slabs. Two of them were arranged vertically near the body and the other five horizontally, covering the body and sealing the pit (Fig. 11). These big slabs were afterwards covered with smaller fragments of schist with almost no sediment between the covering stones. On top of this covering there was a deposit of thin sediment.

The non-adult individual was buried near the pit wall, in a fetal position (Fig. 11e). But unfortunately the preservation of the bones was not ideal and it was not possible to infer more information in relation to the physical characteristics of the individual.

There were no offerings associated with the burial. It was not possible to obtain an absolute date to this burial.

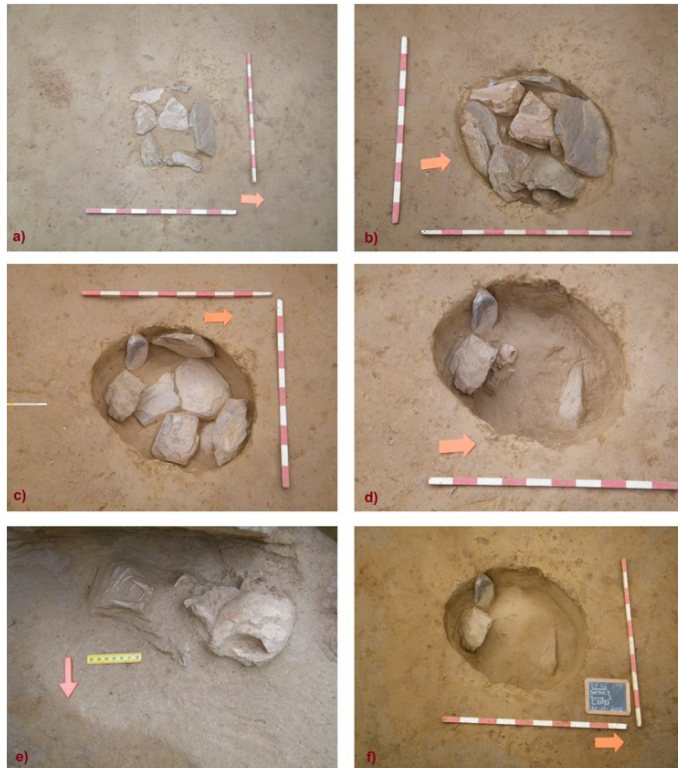


Fig. 11 - Burial 2: a) identification of the pit; b) and c) schist and granite slab accumulation on top of the burial; d) burial 2 and its position inside the burial pit in relation to the vertical slabs; e) detail of the child burial and f) pit base deposit after burial removal, interpreted as a preparation for the burial (photos by Ricardo Ribeiro).

3.3. Osteological data synthesis

Both human burials are non-adult individuals. The preservation conditions of both skeletons were not ideal and therefore the level of physical analysis was limited. No pathology or traumas were identified.

Even though the funerary structures are different the position of the individuals share the same orientation, NW-SE.

Table 3. Human burials characteristics

Burial	Structure	Individual orientation	Position of torso	Position of cranium	Position of superior limbs	Position of inferior limbs	Age at death
1	cist	NW-SE	Lying on left side	Not identified	Not identified	Bent to the left	Non adult (c. 12 years)
2	pit	NW-SE	Supine	Face up	Not present	Bent under the body	Non adult (baby)

4. DISCUSSION

The excavations in Terraço das Laranjeiras lead to the identification of two burials in a river terrace intensively occupied during several phases of Pre-history. The only similar case North of the river Douro of funerary structures located in low platforms at the bottom of a valley is the site of Terraço da Foz do Medal located about 20 km up stream on the Sabor (Gaspar *et al.* 2014). Either sites present funerary structures among habitational ones (pits and hearths), which seem to indicate a selection of these areas for daily activities and not just for funerary purposes or rock art as pointed to in the case of the Côa valley (Luís 2005). However, the contemporaneity of both types of structures (funerary and habitational) and consequently the coexistence of both ways of appropriating space still need to be confirmed at both sites in the Sabor valley, since the occupation model locally seems to correspond to a recurrent selection of the same locale by the different Pre-historic communities.

Burial 1 from Terraço das Laranjeiras was dated to the beginning of the regional Bronze Age (2042-1888 cal BC). About 10 km South of Terraço das Laranjeiras, on the left bank of the Douro several cists covered by stone mounds or cairns have been identified in Vale da Casa (Pocinho, Vila Nova de Foz Côa) (Baptista 1983). Grave goods consisting of a polished stone axe, worked flint and several natural quartz crystals accompanied the funerary structure and burial that was excavated. These burial structures were initially associated with nearby rock art (found on 23 panels), which was thought to correspond to the Early Bronze Age (Baptista 1983). However, with the successful carbon dating of the burial to 4140 ± 50 BP (2865-2601 cal BC), it was realized that it must belong to the first half of the 3rd millennium BC (Cruz 1998). The comparison of this data from

south of the Douro with burial 1 from Terraço das Laranjeiras seems to confirm the continuity of this type of funerary ritual from the 3rd millennium into the 2nd as Bettencourt (2010) already had indicated in other regions. She suggests that this type of funerary architecture occurs from the Chalcolithic to the Late Bronze Age and stresses the association of cist burials with fertile valleys.

This type of funerary architecture is also present in other regions of Northwestern Iberia, associated with the Bronze Age. The Lagares necropolis (Macedo de Cavaleiros) consists of large cists (over more than 1 meter length and depth) and is considered to be Early Bronze Age (Bettencourt 2010) due to the associated grave goods. Also integrated into the same period are the cists of Lomba da Fonte (Fontela de Godim, Montalegre) and Cabriadas/ Gorgolão (Montalegre) (Bettencourt 2009; 2010).

Regarding burial 2 from Terraço das Laranjeiras, unfortunately it was not possible to obtain a radiocarbon date because of the poor preservation of the bones and the lack of associated charcoal fragments. Thus it is not possible to associate this burial for certain with a specific phase of prehistoric occupation. However, it must be highlighted that the child burial shows evidence of special treatment because the base of the pit was prepared and the child was covered with schist slabs.

Similar rituals were identified in the Sabor valley at the site Terraço da Foz do Medal (Gaspar *et al.* 2014) in which 5 burials, one of them double, were discovered. The burials excavated there were also deposited in pits covered by schist slabs. However, no grave goods were found with the burials. It was possible to obtain a radiocarbon date at the site from a female burial, burial 2 (from pit 16), which dated to between 1768-1610 cal BC (Gaspar *et al.* 2014). Unfortunately, the sample to be dated from the adult burial, burial 5 did not have enough collagen, so it was not possible to date. The burial pits at Terraço de Foz do Medal was found among other pits which did not contain burials, and whose functions are still under study. It was possible to date the remains from some of these pits and the radiocarbon dates obtained show an anterior and posterior occupation of the site in relation to the human burial.

Even though burial 2 from Terraço das Laranjeiras can be considered to be dated to a chronology in the same range as that of the burials from Terraço da Foz do Medal which correspond to the Middle Bronze Age, it must be stressed that this assumption is based only on architectural and ritual parallels from this region. Terraço das Laranjeiras is very much still being studied and presents evidence of more than one prehistoric phase. It also must be remembered that pit burials have been identified in older Pre-historic occupations in the Iberian Peninsula (Fernández-López de Pablo *et al.* 2012).

The Bronze Age seems to be characterized by a multiplicity of burial architectures and rituals (Bettencourt 2010, 2011), as well as a variety of settlement strategies. In the region, alone the sites of Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros) (Senna-Martinez & Luís 2010; Luís 2010) from North of the Douro and Castelo Velho (Vila Nova de Foz Côa) (Jorge 1995), Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) (Vale 2012) and Fumo (Vila Nova de Foz Côa) (Carvalho 2004) from the South. These sites all vary in the type

of settlement, dimension, visibility in the landscape and the monumentality of their structures. And also in the Sabor valley several different types of settlements from the Early Bronze Age have been identified, but at this time are still under study.

5. CONCLUSIONS

The recent works in the Trás-os-Montes region have led to the identification and characterization of types of settlements previously unknown within the region. We believe the new information being brought to light will be decisive for the understanding of this frontier region between the prehistoric realities of North and South of the Douro on the one hand, and interior Iberia and coastal Northwest on the other. One of the most significant finds was the presence of human burials that allow the study of the Pre-historic population itself.

The excavation of the burials in Terraço das Laranjeiras and its relation to other funerary evidence from the Sabor valley can allow us a glimpse of the rituals surrounding death within a period where the individualization of burials shown since the Early Bronze Age seems to be linked with the loss of visibility of funerary structures (Bettencourt 2008; Senna-Martinez, 2009).

Acknowledgements

We would like to thank all the people involved in the archaeological survey of Terraço das Laranjeiras site. It should also be stressed that this work was made in the framework of EDP – Promoting entity of the Baixo Sabor Hydroelectric, as well as Baixo Sabor ACE – construction consortium: Odebrecht, Bento Pedroso Construções S. A. and Lena Construções.

REFERENCES

- BAPTISTA, A.M. 1983. O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa). *Arqueologia* 8: 57-69.
- BETTENCOURT, A.M. 2008. Life and death in the Bronze Age of the NW Iberian Peninsula. In F. Fahlander & T. Oestigaard (eds.) *The Materiality of Death—Bodies, Burials, Beliefs*, BAR International Series 1768, Oxford: Archeopress, 99-104.
- BETTENCOURT, A.M. 2009. Práticas Funerárias da Idade do Bronze de Trás-os-Montes e da Galiza Oriental. *Actas do 1º Congresso Transfronteiriço de Arqueologia: um Património sem Fronteiras (Barroso, Montalegre, 2008)*. [Revista Aquae Flaviae 41], 11-23.
- BETTENCOURT, A.M. 2010. La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: un análisis a partir de las prácticas funerarias. *Trabajos de Prehistoria* 67-1: 39-173.
- BETTENCOURT, A.M. 2011. Estruturas e práticas funerárias do Bronze Inicial e Médio do Noroeste Peninsular. In P. Bueno, A. Gilman, C. Martín Morales & F.J. Sánchez-Palencia (eds.) *Arqueología, Sociedad, Territorio y Paisaje. Estudios sobre Prehistoria Reciente, Protohistoria y Transición al Mundo Romano en Homenaje a M^a Dolores Fernández Posse*.

- [Bibliotheca Praehistorica Hispana (BPH) 27]. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 115-139.
- CARVALHO, A.F. 2004. O povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa). *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7 (1): 185-220.
- CRUZ, D. J. 1998. Expressões funerárias e culturais no Norte da Beira Alta (V-II milénio a.C.). *A Pré-História na Beira Interior*. [Estudos Pré-Históricos 6], 149-166.
- FERNÁNDEZ-LÓPEZ DE PABLO, J; SALAZAR-GARCÍA, D.C.; SUBIRÁ-GALDACANO, M.E.; ROCA, C.; GÓMEZ-PUCHE, M.; RICHARDS, M.P.; ESQUEMBRE-BEBIÁ, M.A. 2012. Late Mesolithic burials at Casa Corona (Villena, Spain): direct radiocarbon and palaeodietary evidence of the last forager population in Eastern Iberia. *Journal of Archaeological Science* 40 (1): 671-680.
- GASPAR, R.; CARRONDO, J.; NOBRE, L.; RODRIGUES, Z.; DONOSO, G. 2014. Espaço para a morte. O terraço da Foz do Medal (Vale do Sabor, Nordeste de Portugal) durante a Idade do Bronze. *Estudos do Quaternário* 10: 59-72.
- JORGE, S.O. 1995. Castelo Velho no Contexto da Pré-História Recente do Norte de Portugal. *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*. Lisboa: IPM-MNA, 37-38.
- LUÍS, E. 2010. *Primeira Idade do Bronze no Noroeste: o conjunto cerâmico da Sondagem 2 do sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros)*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Mestrado Polícopiada).
- LUIS, L. 2005. Arte rupestre e ocupação humana no vale do Côa. Balanço da investigação do Parque Arqueológico do Vale do Côa, *Côavisão. Cultura e Ciência* 7: 31-60.
- NETO, N.; REBELO, P.; GASPAR, R. 2012. *Relatório Preliminar – Sondagens de Diagnóstico Mecânicas EP 76 Terraço da Quinta das Laranjeiras*. Neoépica Lda.
- RIBEIRO, R.; NETO, N.; REBELO, P. 2013. *Relatório Final – Trabalhos Arqueológicos EP 76 Terraço Fluvial da Quinta das Laranjeiras*. Neoépica Lda.
- REIMER, P.J.; BARD, E.; BAYLISS, A.; BECK, J.W.; BLACKWEL, P.G.; BRONK RAMSEY, C.; BUCK, C.E.; CHENG, H.; EDWARDS, R.L.; FRIEDRICH, M.; GROOTES, P.M.; GUILDERSON, T.P.; HAFLIDASON, H.; HAJDAS, I.; HATTÉ, C.; HEATON, T.J.; HOGG, A.G.; HUGHEN, K.A.; KAISER, K.F.; KROMER, B.; MANNING, S.W.; NIU, M.; REIMER, R.W.; RICHARDS, D.A.; SCOTT, E.M.; SOUTHON, J. R.; TURNEY, C.S.M.; PLICHT, J.V. 2013. IntCal13 and MARINE13 radiocarbon age calibration curves 0-50000 years cal BP. *Radiocarbon* 55 (4): 1869-1887.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. 2009. Armas, lugares e homens: aspectos das práticas simbólicas na primeira Idade do Bronze. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 17:467-488.
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; LUÍS, E. 2010. A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de habitat da primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A campanha 7 (2009). *Cadernos Terras Quentes* 7:29-46.

- SILVA, A.F.; REBELO, J.A.; RIBEIRO, M.L. 1989. *Notícia explicativa da Folha 11C – Torre de Moncorvo*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- STLOUKAL, M.; HANÁKOVÁ, H. 1978. Die laenge der Laengsknochen altslawischer Bevoelkerung – unter besondere beruecksichtigung von Wachstumsfragen, *Homo* 29, (1): 53-69.
- VALE, A.M. 2012. *Modalidades de Produção de Espaços no Contexto de uma Colina Monumentalizada: o Sítio Pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Tese de Doutoramento-Policopiada).

JUNQUEIRO (SERRA DA FREITA, PORTUGAL). UM ESPAÇO DE FRUIÇÃO COMUNAL DESDE A PRÉ-HISTÓRIA

Alda Rodrigues¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é fazer uma aproximação à biografia do lugar de Junqueiro (Albergaria da Serra/Arouca), ocupado, fruído e vivenciado, recorrentemente, desde o neolítico à contemporaneidade. Trata-se de um alvéolo granítico profundamente irrigado, onde nasce o rio Caima localizado no alto da Serra da Freita, a 1009 metros, numa zona de encruzilhada de caminhos. A ocupação mais antiga remonta ao Neolítico, materializada pela construção de apenas um monumento megalítico, a Portela da Anta ou Casinha dos Moiros, de grande complexidade construtiva, durante uma fase fito-climática em que as condições seriam boas para a prática de uma pequena agricultura de lameiro e para a pastorícia. Durante o Calcolítico e a Idade do Bronze o Junqueiro continuou a ser usado como espaço de mortos, mas também e, muito provavelmente, como lugar de pastorícia. Na época, o monumento da Portela da Anta foi reutilizado para um enterramento ao mesmo tempo que o Junqueiro serviu como lugar de passagem e de ligação entre diferentes lugares importantes, situação que se parece ter mantido por centenas de anos dado a designação de Caminho dos Almocreves referente ao caminho carreteiro que aí passa. No séc. XX era ainda um “logradouro comum”, de encontro de gados e de pastores das aldeias de diferentes concelhos, como os de Arouca, Vale de Cambra e São Pedro do Sul, funcionando como local de paragem, de sociabilização. Hoje, é um lugar de fruição turística de interesse arqueológico e geomorfológico, mantendo a valência de área pastoril. Espaço de mortos, mas também de quotidianos de vida, este lugar poderá assumir hoje outro papel: um recurso ao serviço do desenvolvimento sustentável.

Palavras-chave: Serra da Freita, Junqueiro, Alvéolo granítico, Neolítico à Contemporaneidade, Biografia de um lugar, Lugar de encruzilhada, Recurso ao serviço do desenvolvimento local, Turismo e Arqueologia.

Abstract: The purpose of this paper is to make an approach to the biography of the site of Junqueiro (Albergaria da Serra / Arouca), occupied, experienced, and brought to fruition in many ways, from the Neolithic to the contemporaneity. It is a heavily irrigated granitic alveolus, where the river Caima is born, located at the top of Serra da Freita, at 1009 m, and where several paths cross. The site's earliest occupation dates back to the Neolithic, embodied by the construction of only one megalithic monument, the Portela da Anta or Casinha dos Moiros, isolated and of great complexity, over a phyto-climatic phase in which ecological conditions would be good for the practice for wetland agriculture and pastoralism. During the Calcolithic and the Bronze Age the Junqueiro was used as a burial ground, and probably continued used for livestock grazing. In the Roman period, Portela da Anta was reutilized for a burial, while the Junqueiro was a crossing and linkage point between several important places, situation that apparently has been kept for many hundreds of years, given the designation “Caminho dos Almocreves”, concerning to the existent carter path. In the 20th century it was still a "communal patio", a meeting point of herdsmen and cattle, from the villages of different municipalities: Arouca, Vale de Cambra and São Pedro do Sul, functioning as a halting place, of socialization. Today it is used as an archaeological and geomorphological

¹ Arqueóloga. Doutoranda em Arqueologia pela Universidade do Minho. Investigadora do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória – CITCEM. E-mail: aldacrodriques@gmail.com.

touristic attraction, maintaining its pastoral usage. Dead space, but also of everyday life, this site may now assume another role: a resource for sustainable development.

Keywords: Mountains of Freita, Tumulus of Bronze Age, Constructive matter, Memory of the dead scenography.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho enquadra-se nos passos iniciais de um projeto mais abrangente, de doutoramento, intitulado, *Junqueiro / Portela da Anta (Arouca, Serra da Freita) – biografia de um lugar do neolítico à contemporaneidade*, a desenvolver, pela autora. No âmbito do trabalho já efectuado pretendemos realizar uma aproximação à biografia do lugar de Junqueiro, desde o Neolítico até à atualidade, procurando perceber como é que este espaço foi materializado, vivido e percecionado pelas diversas populações que o usufruíram, e entender como se manteve simbolicamente ativo na longa duração. Tal tarefa permitirá criar um discurso coerente e cientificamente alicerçado que possibilitará a valorização desta área e dos seus recursos arqueológicos e antropológicos, ao serviço do desenvolvimento sustentável da região, transformando-o num produto turístico.

Para a prossecução dos objetivos enumerados, implementou-se uma metodologia organizada em duas grandes partes: trabalho inicial de gabinete e trabalho de campo. Na primeira parte efetuámos pesquisa bibliográfica e cartográfica, recolha e análise de dados dispersos sobre a ocupação pré-histórica do Junqueiro, pesquisa e recolha de documentação relativa à ocupação deste lugar em época histórica, pesquisa sobre os valores etnográficos da região e sobre os recursos e produtos usados para o desenvolvimento regional. Em relação ao trabalho de campo realizámos prospeções arqueológicas com vista à confirmação, correção e atualização do inventário dos sítios existentes, bem como à sua contextualização físico-ambiental. Para o estudo dos modos de vida tradicionais das populações que frequentaram ou frequentam o local, nos séculos XX e XXI, e perceber a forma como interagiram com os monumentos do passado, quer física, quer mentalmente (memória imaterial) usámos metodologias da antropologia como a observação e a entrevista direta. Realizámos, também, um levantamento dos recursos associados ao património cultural usados como produtos para o desenvolvimento. Em termos teóricos partimos das premissas da Arqueologia da paisagem. Partimos também das premissas do desenvolvimento local, um conceito de desenvolvimento surgido nos anos 70/80 do século XX, indissociável do esgotamento da visão funcionalista do desenvolvimento e da emergência da chamada corrente territorialista ou do desenvolvimento endógeno (Ribeiro & Santos 2006).

2. LOCALIZAÇÃO

O lugar de Junqueiro localiza-se na Região Norte (NUTT II), sub-região Entre Douro e Vouga (NUTT III), no distrito de Aveiro, município de Arouca, freguesia de

Albergaria da Serra, embora nas proximidades da fronteira com os municípios de Vale de Cambra e de São Pedro do Sul, mais concretamente nas imediações do limite com as freguesias de Cabreiros (Arouca), Manhouce (São Pedro do Sul), Arões e Cepelos (Vale de Cambra) (Fig. 1).

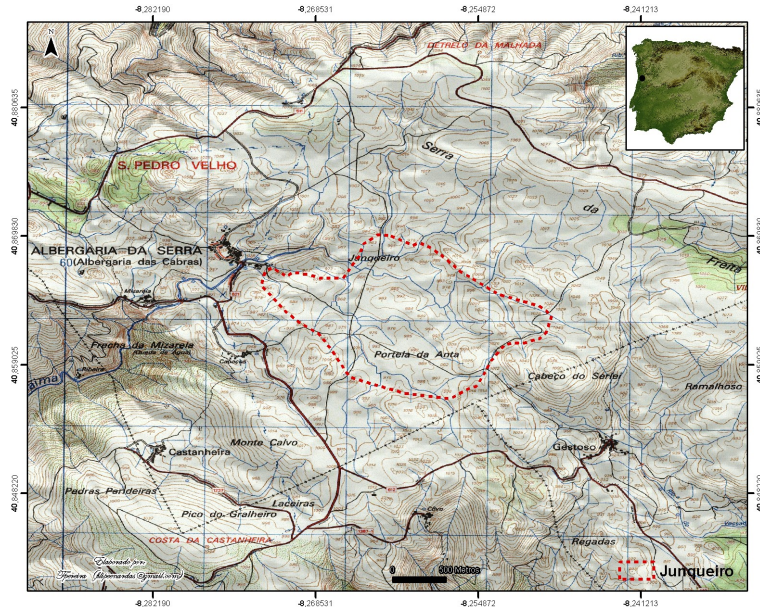


Fig. 1 - Localização aproximada do Junqueiro na Carta Militar de Portugal nº 155 da série M888, Edição 2, IGE 1977, esc. 1: 25 000.

3. CARACTERIZAÇÃO GEOFÍSICA

No que se refere ao contexto físico, o Junqueiro localiza-se na Serra da Freita (a área mais ocidental do Maciço da Gralheira) a uma altitude média aproximada de 1000 metros. Trata-se de um alvéolo granítico, com uma área aproximada de 17000 metros quadrados,



Fig. 2 - Vista geral do Junqueiro.

protegido dos ventos de diversos quadrantes. É rodeado por relevos de onde sobressaem, concretamente, o cabeço do Detrelo da Malhada (1099 m) a norte, o cabeço do Videiro (1097 m), a nascente e, o cabeço Serlei (1092 m), a sudeste (Figs. 1 e 2).

Esta área deprimida é profundamente irrigada, com lameiros e nascentes, sendo aqui que nasce o rio Caima, afluente da margem direita do rio Vouga.

Relativamente à potencialidade dos solos, esta zona mais montanhosa do município de Arouca apresenta, globalmente, solos muito delgados, com utilização preferencial para os matos. E, de facto, a generalidade da área do planalto da Freita corresponde à descrição, havendo, no entanto, pequenos espaços com solos mais espessos. Um desses espaços é o lugar de Junqueiro reunindo razoavelmente boas condições edafo-climáticas para o efeito pois trata-se de um local de acumulação de sedimentos, propícios ao desenvolvimento de vegetação herbácea e arbustiva (Fig. 3). O substrato geológico, de acordo com a Carla Geológica, é constituído, essencialmente, por granitos de tendência alcalina, que afloram abundante e impressivamente. No centro do Junqueiro, aflora um grande filão de quartzo leitoso que se orienta de este para oeste, assim como um enclave de xisto².

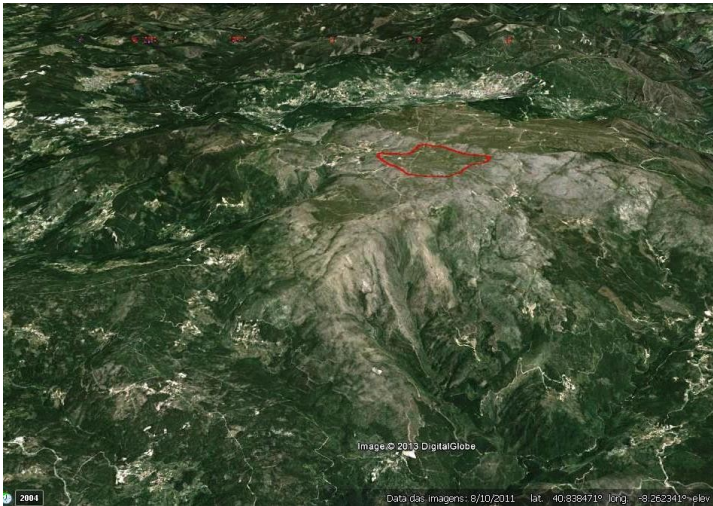


Fig. 3 - Localização aproximada do Junqueiro no Google Earth (imagem retirada do Google Earth em 4/11/2013).

As condições litológicas, geomorfológicas, mas também a tectónica estrutural criaram na Serra da Freita diversos locais de elevado interesse geológico. Este aspecto levou à criação e classificação deste território, na área de todo o município de Arouca, de um Geoparque onde estão inventariados 41 geossítios. Desses, um localiza-se no Junqueiro, são as Pedras Boroas do Junqueiro e outro, no limite sudeste, as Pias de Serlei. Este geossítio ocorre num dos relevos residuais graníticos do planalto da Serra da Freita. Refere-se a um conjunto de blocos, um dos quais fendido e deslocado por rotação basal de cerca de 90° da sua posição original, cuja superfície que define o plano de fratura se encontra fortemente fissurada, com estrutura poligonal (Vasquez 2010). No relevo de Serlei, a sudeste do Junqueiro, muitos blocos graníticos apresentam, na sua parte superior, pequenos alvéolos circulares, com secções mais ou menos côncavas, designados por pias.

² Agradecemos a informação e classificação litológica a Pedro P. Simões, Departamento de Ciências da Terras da Universidade do Minho.

4. A OCUPAÇÃO HUMANA DO JUNQUEIRO

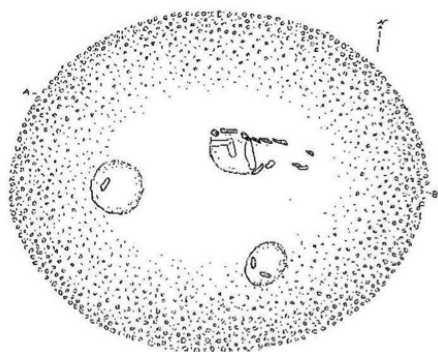


Fig. 4 - Planta da Portela da Anta (seg. Leisner & Leisner 1956).

A ocupação mais antiga que se conhece no Junqueiro remonta ao Neolítico e está materializada pela construção do monumento megalítico da Portela da Anta (designação erudita) ou Casinha dos Moiros (designação popular), localizado, sensivelmente, no centro deste alvéolo granítico.

Este monumento, referido inicialmente por Amorim Girão (Girão 1921), foi alvo de atenção dos Leisner que publicaram a sua planta em 1956 (Leisner & Leisner 1956) (Fig. 4). Nesta, podemos observar um grande *tumulus* coberto de pedra, de planta aproximadamente elíptica, sendo maior no sentido este-oeste, com três câmaras funerárias, sendo uma delas uma câmara com corredor diferenciado, descentrado relativamente ao *tumulus*.

Segundo Jorge (1982) aqui teria sido construído um dólmen de câmara poligonal e corredor e o que parecem ser duas pequenas cistas.

Nas décadas de 80 e 90 este monumento foi escavado por Fernando Pereira da Silva, nomeadamente, entre 1985 e 1995, com interrupções, no âmbito do seu projeto de doutoramento “O Estudo do Megalitismo a Sul do Rio Douro: Bacia do Vouga e Alto Paiva” entretanto não concluído fruto do seu falecimento. Sobre este local publicou um artigo preliminar em 1986 (Pereira da Silva 1986) e um artigo mais extenso, em 1996 (Pereira da Silva 1996), além de ter efetuado algumas referências ao monumento, em diversos artigos, entre 1993 e 1999 (Pereira da Silva 1993, 1994, 1997b, 1997c, 1999a, 1999b, 2004).

Para Fernando Pereira da Silva o dólmen de corredor sucedeu a uma outra estrutura tumular, de câmara simples. Segundo este autor, o *tumulus*, com 35 m no eixo este-oeste e 32 m no eixo norte-sul recobria, no setor norte, um dólmen de corredor de pouca mais de 6 m de comprimento, tendo a sul-sudeste uma depressão que poderia corresponder a uma pequena cista, de cronologia posterior à construção do *tumulus* e, a oeste-sudoeste, 2 esteios de outra câmara funerária também de cronologia indeterminada. Na extremidade oeste do *tumulus* este arqueólogo identifica o que pensa ser uma violação de uma terceira câmara onde jazia ainda uma laje. Mais tarde assume que a primitiva câmara do monumento seria simples, de forma poligonal, e teria sido destruída para a construção do dólmen de corredor (Pereira da Silva 1996, 1999b, 2004). A sepultura dolménica mais recente apresenta uma câmara poligonal, com nove esteios (não sendo a sua reconstituição isenta de dúvidas) com corredor diferenciado em planta e alçado, corredor intratumular e átrio descentrado em frente aos corredores (Fig. 5).

Tendo em conta este conjunto de dados a Casinha dos Moiros foi considerado por Fernando Pereira da Silva (1996) não como um monumento, mas como um espaço necropolizado.



Fig. 5 - Vista oeste-este do monumento da Casinha dos Moiros. Em último plano pode ver-se o átrio descentrado (Fot. de Pereira da Silva *in* Silva *et al.* 2009).

A nordeste do *tumulus*, Fernando Pereira da Silva pôs a descoberto um recinto sub-circular de 5,30 m no sentido nordeste-sudoeste por 4,20 m no sentido noroeste-sudeste, que “...distribui-se em parte sobre a mamoa inicial, tendo sido posteriormente incluído na mamoa da Portela da Anta, depois da monumentalização final que se seguiu à construção do Dólmen de corredor e que uniformizou todas as estruturas funerário-simbólicas aí existentes” (Pereira da Silva 1999b).

Segundo observações efetuadas no terreno, aos antigos perfis da escavação de Fernando Pereira da Silva confirmámos, de facto, que esta estrutura estava, parcialmente, inserida no próprio tumulus, pelo que nestas circunstâncias é de admitir a sua cronologia no Neolítico.

Este recinto é definido por um “murete” formado por um amontoado de pedras imbricadas de cerca de 1,25 m de largura, numa tradição construtiva que nos parece próxima da existente no átrio, embora um pouco mais arcaizante (Fig. 6). O resultado das escavações antigas não foi esclarecedor sobre a sua funcionalidade embora o seu escavador o tenha considerado hipoteticamente como ritual (Pereira da Silva 2004). De qualquer modo trata-se de um cenário de configuração circular que delimita um espaço interior de um espaço exterior e que poderia ser palco de reuniões e de ações, talvez relacionadas com as práticas ou cerimónias mortuárias, entre outras relacionadas com os antepassados.

Observámos que foi construído sobre uma grande laje granítica, horizontalizada, onde ocorre um filão de quartzo que se transforma em filão pegmatítico e que se prolonga sob o tumulus megalítico. Também é nítida a relação de proximidade espacial e de visualização de um grande e impressionante filão de quartzo que se localiza a poucos metros a norte deste recinto e que se visualiza de longe no centro do Junqueiro, o que nos leva a pensar que poderá ter existido entre os construtores do recinto e este fenómeno geológico uma interrelação de âmbito cosmológico que se pretende explorar futuramente.



Fig. 6 - Vista noroeste / sudeste do recinto adossado ao tumulus da Casinha dos Moiros (Fot. de Pereira da Silva 2004).

Apesar da inexistência de datações radiométricas para o momento da construção e reformulação deste monumento megalítico, pelas suas características, terá sido iniciado e finalizado ao longo do Neolítico, embora com reutilizações, posteriores.

Apesar de muitas dúvidas suscitadas após a análise de todos estes dados (que só futuros trabalhos arqueológicos poderão ajudar a resolver), cremos que a construção de um grande templo-túmulo de enterramento coletivo sucessivo, provavelmente do Neolítico Médio/Final, ao abarcar, intencionalmente, um túmulo primitivo e parte de um recinto de pedra, indicia a apropriação simbólica dos antepassados ali enterrados e a continuidade da importância do Junqueiro como lugar de sociabilização e de culto durante todo o Neolítico.

O achado de uma sovela de cobre no corredor, permitiu a Pereira da Silva (1996) admitir a reutilização da Casinha dos Moiros durante a Idade do Bronze, embora, pessoalmente consideremos que não é de excluir a hipótese da deposição deste artefacto ainda durante o Calcolítico Final. Pereira da Silva (1999a) também publica uma data de 3400 ± 100 BP para a reutilização do corredor que, segundo calibração a 2 sigma efetuada com base no programa OxCal 4.2, curva IntCal 13, situa este facto, entre os meados do séc. XX e os inícios do séc. XV AC, provavelmente entre os séculos XVIII e XVII AC (segundo calibração a 1 sigma), ou seja, nos finais do Bronze Inicial, inícios do Bronze Médio (Tab. 1). Embora Pereira da Silva (2004) tenha atribuído à sovela a cronologia da data radiométrica consideramos a possibilidade dela se aproximar mais da reutilização da Idade do Bronze que terá sido acompanhada da deposição de um vaso troncocónico proveniente deste monumento, segundo desenho apresentado por aquele autor em 2004. Seja como forma o que é significativo é o facto deste templo-túmulo, de origem neolítica, conter dados que indiciam que as populações da Idade do Bronze reconheciam a importância dos símbolos do passado e sentiam necessidade de o reintegrar no seu universo cosmológico.

Tab. 1 - Data de radiocarbono do corredor do túmulo da Casinha dos Moiros

Ref. Lab.	Data BP	Cal. BP (1 sigma)	Cal. 2 BP (2 sigma)	Contexto arqueológico
?	3400±100	1876-1840 (8.4%) 1822-1796 (5.9%) 1782-1610 (51.4%) 1576-1564 (2.6)	1950-1494 (94.2%) 1480-1456 (1.2%)	Desconhecido

De lembrar, ainda, as construções tumulares de tipo cista, admitidas por Jorge (1982), e a possível cista admitida por Pereira da Silva (1996, 1999b) existente a sul-sudeste do *tumulus* e posterior à sua construção o que revela bem a longa utilização deste espaço. Pereira da Silva (2006:72) admite uma utilização “...de mais de um milénio (finais do IV - II milénios a.C. [a esta] grande sepultura colectiva das comunidades de pastores que frequentaram a Freita há cinco mil anos...”.

Sendo o nosso objetivo a biografia do lugar e não apenas do monumento megalítico, sobressai a construção, a cerca de 200 m para sudoeste da Casinha dos Moiros / Portela da Anta, de um pequeno monumento sob *tumuli*, com 6 m de diâmetro, no seu eixo bem conservado, por 30 cm de altura, construído com blocos de granito e calhaus de quartzo, similares aos existentes no extremo su-sudeste do planalto da Freita e considerados da Idade do Bronze (Pereira da Silva 1997b, 2004; Silva *et al.* 2009, Sá 2014, Sá *et al.* 2014). Trata-se da designada Mamoia 2 da Portela da Anta (Pereira da Silva 2004). Estamos assim, perante mais um dado para admitir que o Junqueiro foi frequentado durante este período.

Se, no Neolítico, com o Ótimo Climático, mais quente e húmido do que atualmente, era possível que as populações vivessem no Junqueiro onde, devido às suas condições geomorfológicas, físicas e edáficas, seria possível uma pequena agricultura e a pastorícia, durante o Calcolítico e o Bronze Inicial e Médio, tal seria pouco provável. Trata-se de um período mais frio, por vezes mais seco e ventoso, segundo trabalhos desenvolvidos para o Noroeste da Ibéria por Fábregas Valcarce *et al.* (2003) e Martínez Cortizas (2009) pelo que admitimos que, durante estes períodos, esta área tenha sido frequentada, essencialmente, por pastores e por pastores e metalurgistas, pelo menos a partir do Bronze Médio, tal como também tem defendido Sá (2014) e Sá *et al.* (2014).

Se para a Idade do Ferro desconhecemos o que se terá passado no Junqueiro e áreas imediatas, este espaço foi frequentado, sem dúvida, na época romana.

Ao período tardo romano a tradição funerária neste espaço traduz-se na presença de uma sepultura subretangular, definida por lajes de granito, contendo no seu interior terras muito escuras e finas, que se abriu no montículo artificial da Casinha dos Moiros / Portela da Anta. Do interior desta sepultura, identificada, nas escavações de Pereira da Silva, foram recolhidos fragmentos do bordo de um recipiente em vidro esverdeado e cerca de 50 contas de colar e separadores, aparentemente em grafiti (Silva 2004). É bem possível que esta sepultura tivesse sido aqui colocada tendo em conta a eventual estrada

romana que atravessaria o local. Segundo Mantas (1996) de São Pedro do Sul, da Via que ligava Viseu à estrada Olisipo-Bracara, partia um diverticulum que, pela zona de Manhouce, na Serra da Arada, conduzia a Langobriga (em Fiães da Feira). Tendo em conta este autor, a geomorfologia da serra da Freita e a tradição que faz remontar a via que passa no Junqueiro à Idade Média, é muito provável que esta constitua o que resta do diverticulum referido, num percurso que cremos já conhecido e trilhado pelo menos, em parte, desde o Neolítico, dado a distribuição de monumentos megalíticos existentes nas vertentes da serra da Arada, não muito distantes da hipotética via. Aliás, a presença de sílex esbranquiçado-rosado, típico da região de Ançã / Portunhos, em Cantanhede, usado para o fabrico das oferendas aos mortos depositados na Casinha dos Moiros, demonstra que as populações do Junqueiro tinham contatos suprarregionais desde o Neolítico com as áreas mais litorais.

A importância do Junqueiro como lugar de passagem, durante a Idade Média e períodos posteriores, está bem expressa no séc. XIII, tendo o caminho que aqui passava servido de limite ao Couto de Arouca. De notar, igualmente, a toponímia local que designa o caminho que atravessa o Junqueiro como “Caminho dos Almoçreves” ou “Estrada Velha de Viseu” (Beato 1952; Lima 2004). Esta via entraria em Arouca, nas imediações da Portela da Anta e “*Sempre com orientação SE. - NO. passaria por Albergaria das Cabras, Providense, Quintela, Chão de Ave, Venda da Serra, Escariz e Fermedo*” onde ainda se conserva em algumas partes, nomeadamente em Escariz (Lima 2004: 311).

Também no início do séc. XIII já existia o que hoje se designa por freguesia de Albergaria da Serra com a designação de “albergaria montis de fuste”, ou seja “Albergaria de Monte Fuste”, no limite oeste do Junqueiro, tendo o seu nome permanecido até à primeira metade do século XVI (Fernandes 1999). Ainda durante a época medieval, séculos XII ou XIII, aí terá sido construída uma albergaria, ou seja, um local de paragem, para os caminhantes que atravessavam a serra. Esta terá permanecido, pelo menos, até ao séc. XVII pois tal está atestado epigraficamente (Azevedo 1877). Em 1747 há referência de que no passado se pagava uma pensão a quem tocasse uma buzina, até determinadas horas da noite, para orientar quem estivesse perdido pela serra (Cardoso 1747).

Se os documentos medievais e de época moderna se concentram essencialmente na história da aldeia de Albergaria, a biografia do lugar de Junqueira que lhe é contíguo, vai-se materializando através de novos vestígios arqueológicos que é necessário interpretar. Referimo-nos aos vários locais com arte rupestre cujo significado desconhecemos, nomeadamente ao afloramento com covinhas gravadas ou reaproveitadas do Junqueiro 1 (Silva et al. 2009), localizado nas imediações do rio Caima, certamente com conotação simbólica mais vinculada a crenças de tipo animista, motivo pelo qual aí foi gravada uma cruz latina, que se interpreta como a materialização da reintegração deste lugar na nova cosmologia cristã (Fig. 7).



Fig. 7 - Afloramento com covinhas e gravação de uma cruz, no Junqueiro. De notar que se trata de um afloramento isolado nas margens de inundação do Caima.

Tal inversão do sentido de lugar foi igualmente materializada num pequeno esteio oriundo da Portela da Anta / Casinha dos Moiros e existente sobre o seu *tumulus*, onde se gravou uma cruz grega com covinhas nas extremidades, inscrita num círculo, e ainda inédita³ (Fig.8).



Fig. 8 - Cruz grega gravada em esteio existente sobre o *tumulus* da Portela da Anta.

Também no Cabeço do Salgueirô, no extremo norte do Junqueiro, foi escavado um nicho na rocha, provavelmente para conter uma imagem de iconografia cristã.

Desconhecemos as datas destes fenómenos de cristianização mas serão, certamente, posteriores ao séc. IV d.C. e, possivelmente, medievais, cristianizando diferentes fases do caminho, diferentes acidentes geomorfológicos ou vestígios arqueológicos, o que significa que seriam lugares de sentidos distintos da nova lógica que se pretendia implementar.

³ Trata-se de uma símbolo cristão muito utilizado no século IV e na Idade Média que simbolizava os quatro pontos cardeais, os quatro ventos, bem como a disseminação da palavra de Deus (<http://www.dicionariodesimbolos.com.br/cruz>).

Na contemporaneidade, sabemos que este local foi maioritariamente usado para a pastorícia. De acordo com os testemunhos orais, obtidos junto das comunidades locais, o lugar do Junqueiro era, ainda no século XX, além de um dos caminhos naturais de romaria para o santuário da Senhora da Laje (um dos maiores da serra), um logradouro comum, ou seja, um lugar de pastagem, de encontro de gados e de pastores, de paragem, de socialização e de transmissão de conhecimentos e de novidades, utilizado pelas populações de diferentes lugares e concelhos da serra [como por exemplo: Mizarela (Arouca); Cabaços (Arouca); Albergaria (Arouca); Gestoso (São Pedro do Sul); Castanheira (Arouca) e Côvo (Vale de Cambra)].

Neste lugar e na sua envolvente, os pastores praticavam atividades, simultaneamente de diversão e de socialização, como jogos desenhados no chão ou riscados nos afloramentos e partilhavam histórias de vida que urge continuar a recolher com metodologias da arqueologia e da antropologia (Fig. 9).



Fig. 9 - Aglomerados populacionais da serra da Freita que, ainda hoje, utilizam o Junqueiro como “logradouro comum” ou ponto de encontro.

5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Em primeira lugar o que se nos oferece dizer é que o lugar do Junqueiro, além da sua extrema impressividade e riqueza geomorfológica, possui uma biografia rica que atravessa diferentes períodos históricos, passível de ser valorizada, contada, recriada e usufruída em termos do turismo cultural.

⁴Além de alguma actividade mineira, pois sabe-se pelas listagens das concessões mineiras, entre os finais do séc. XIX e os meados do séc. XX que “foram reconhecidos direitos de descoberta e emitidos alvarás de exploração a um total de 87 minas no concelho de Arouca”, sendo uma das explorações na freguesia de Albergaria das Cabras (Silva & Ribeiro: 401), ao qual pertence o lugar do Junqueiro, embora aqui não se tenha registado nenhuma exploração.

Em segundo lugar, é notório que, apesar das diferentes funções e sentidos, em termos diacrónicos, o lugar do Junqueiro terá sido, desde o Neolítico, um lugar recorrentemente frequentado e de referência para diferentes populações. Trata-se pois de um lugar de encruzilhada, de encontro de pessoas, de objetos e de ideias, ou seja, de paragem e de partilha, cuja história, se bem que fragmentada, ficou sedimentada na memória popular tão bem expressa na lenda existente atualmente sobre a Portela da Anta e que recolhemos no âmbito deste trabalho. Segundo esta, “*Na Casinha dos Moiros moravam os moiros que trabalhavam muito e que tinham uma força terrível. Estes, à noite, costumavam atravessar um arame no caminho para que os passageiros tivessem que parar... Era para os roubar*”. Esta lenda, tal como muitas outras existente no Centro-Norte de Portugal, atribui a construção do património mais antigo e inexplicável para as populações rurais, aos Mouros, ao mesmo tempo que reconhece que a sua edificação requereu um grande investimento construtivo e um grande esforço ao referirem que os Mouros *trabalhavam muito e tinham uma força terrível*. Revela, igualmente, a importância da paragem e do encontro entre diferentes populações, muito embora considere que a esta poderia ser perigosa, daí, provavelmente, a necessidade da cristianização do lugar.

Esta convivência entre diferentes mundos e pessoas está de novo patente no recente interesse turístico manifestado pelas populações exteriores à serra que procuram este lugar e a Casinha dos Moiros / Portela da Anta, quer na procura da “reinvenção do passado”, quer no reencontro com os modos tradicionais de vida, como é o caso da fruição pastoril ainda praticada por parte de alguns anciãos locais.

Além do seu valor intrínseco, do seu papel de aglomerador e gerador de memória coletiva, este lugar parece-nos ter um elevado potencial para ser entendido e trabalhado como um recurso ao serviço do desenvolvimento, se associado a outros recursos de que esta região dispõe, como é o caso do Geoparque de Arouca. Sendo objeto de alguma atenção, na medida em que está sinalizado (embora apenas no início do percurso) e integra alguns percursos pedestre na região, é um recurso cujas potencialidades podem ser maximizadas. Ao crermos que o Junqueiro terá sido um lugar relevante na Serra da Freita ao longo dos tempos, desde a sua primária ocupação, ele poderá vir a ter, no contexto do desenvolvimento endógeno da região, igualmente, um lugar de destaque.

Agradecimentos

Este trabalho foi realizado no âmbito da bolsa de doutoramento (SFRH/BD/85365/2012) onde se desenvolve o projeto intitulado *Junqueiro / Portela da Anta (Arouca, Serra da Freita)* que, por sua vez, decorre no quadro do projecto *Espaços Naturais, Arquitecturas, Arte rupestre e Deposições na Pré-história Recente da Fachada Ocidental do Centro e Norte Português: das Acções aos Significados – ENARDAS* (PTDC/HIS-ARQ/112983), financiado pelo Programa Operacional Temático Factores de Competitividade (COMPETE) e comparticipados pelo Fundo Comunitário Europeu FEDER.

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, J. 1877. *História eclesiástica da cidade e bispado de Lamego*. Porto: Typ. do Jornal do Porto.
- BEATO, A.G. 1952. Manhouce (Notas para a sua história). *Beira Alta* 11 (1-2): 19-23.
- CARDOSO, L. 1747-1751. *Diccionario geográfico ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelle se encontrão, affim antigas, como modernas, que escreve, e offerece a saudosa memoria, e eterna saudade do senhor Rey D. Joao V. nosso senhor*. Lisboa: Regia Officina Sylvaniae e da Academia Real.
- FERNANDES, A.A. 1999. *Censual da Sé de Lamego: século XVI*. Viseu: Tip. Viseense.
- GIRÃO, A.A. 1921. *Antiguidades pré-históricas de Lafões: contribuição para o estudo da arqueologia de Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- JORGE, V.O. 1982. *Megalitismo do Norte de Portugal: o Distrito do Porto – Os Monumentos e a sua Problemática no Contexto Europeu*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Tese de Doutoramento – policopiada).
- LEISNER V. & LEISNER G. 1965. *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel. Der Westen. Madrider Forschungen*. Band 1,3. Berlin: Lieferung.
- LIMA, A.M.C. 2004. Arouca medieval. Uma abordagem arqueológica. In A.M.S.P. Silva (coord.) *Memórias da Terra. Património Arqueológico do Concelho de Arouca*. Arouca: Arouca, Câmara Municipal, 307-337.
- MANTAS, V.G. 1996. *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*. Coimbra: Universidade de Coimbra (Tese de Doutoramento – policopiada).
- MARTÍNEZ CORTIZAS, A. 2000. La reconstrucción de paleoambientes cuaternarios: ideas, ejemplos y una síntesis de la evolución del Holoceno en el NW de la Península Ibérica. *Estudos do Quaternário* 3: 31-41.
- PEREIRA DA SILVA, F.A. 1986. Dólmen 1 da Mamoa da Portela da Anta. *Informação Arqueológica* 7: 8-9.
- PEREIRA DA SILVA, F.A. 1993. Megalitismo e tradição megalítica no Centro-Norte Litoral de Portugal: Breve ponto da situação. *Actas do 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. [Trabalhos de Antropologia e Etnologia 33 (1-2)]. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 93-130.
- PEREIRA DA SILVA, F.A. 1994. Túmulos do Centro-Norte Litoral. Prolegómenos a uma periodização. *Trabalhos de Arqueologia da EAM* 2: 9-33.
- PEREIRA DA SILVA, F.A. 1996. Dólmen 1 da Mamoa da Portela da Anta (Albergaria da Serra, Arouca): estudo preliminar. *UI-Vária, Arquivo de Estudos Regionais* 3 (1-2): 9-39.
- PEREIRA DA SILVA, F.A. 1997b. Problemática em torno do megalitismo do Centro-Norte Litoral de Portugal. In A. Rodríguez Casal (ed.) *O Neolítico Atlântico e as Orixes do Megalitismo. Actas do Coloquio Internacional*. Santiago de Compostela, 635-656.

- PEREIRA DA SILVA, F.A. 1997c. Contextos funerários da Idade do Bronze nos planaltos centrais do Centro-Norte Litoral português: tradição ou inovação? In R. Balbín Berhmann & P. Bueno Ramírez (eds.) *2º Congreso de Arqueología Peninsular. Tomo 2 - Neolítico, Calcolítico y Bronce*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, 605-20.
- PEREIRA DA SILVA, F.A. 1999a. Neolitização e megalitismo nos planaltos centrais do Centro/Norte de Portugal (maciço da Gralheira): a afirmação e consolidação das economias agro-pastoris em ambiente de média montanha. *1º Congrès d'El Néolitic a la Península Ibèrica*. [Sanguntum., Extra 2], 521-530.
- PEREIRA DA SILVA, F.A. 1999b. Práticas funerárias da Pré-história Recente na região Centro-Norte litoral. *Arqueologia e História* 51:167-195.
- PEREIRA DA SILVA, F.A. 2004. Megalitismo e tradição megalítica no concelho de Arouca: três mil anos de arquitectura funerária In A.M.S.P. Silva (coord.) *Memórias da Terra. Património Arqueológico do Concelho de Arouca*. Arouca: Arouca, Câmara Municipal, 44-203.
- PEREIRA E., GONÇALVES, L.S. & MOREIRA, A. 2006. *Carta e Notícia Explicativa da folha 13-D (Oliveira de Azeitões) da Carta Geológica de Portugal à escala de 1:50.000*. INETI, Departamento de Geologia.
- RIBEIRO, J.C. & SANTOS, J.F. 2006. Produtos do território e desenvolvimento local. In A. Romão, J.P. Pontes, M.B. Alves & N. Valério (coords.) *Ensaio de Homenagem a António Simões Lopes*. Lisboa: Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa, 165-197.
- SÁ, E. 2014. *Contextos e práticas funerárias da Idade do Bronze na Serra da Freita, (Arouca e Vale de Cambra, Centro-Norte de Portugal)*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado – Policopiada).
- SÁ, E.; BETTENCOURT, A.M.S. & SIMÕES P.P. 2014. Arquiteturas funerárias, materiais de construção e interação com o espaço na Idade do Bronze da Serra da Freita (Centro-Norte de Portugal). O caso do *tumulus* de Ladeiras do Covo 3, Vale de Cambra. *Estudos do Quaternário* 10: 25-34.
- SILVA, A.M.S.P. & RIBEIRO, M. 2004. Um breve relance sobre a arqueologia mineira e industrial em Arouca. In A.M.S.P. Silva (coord.) *Memórias da Terra. Património Arqueológico do Concelho de Arouca*. Arouca: Arouca: Câmara Municipal, 398-423.
- SILVA, A.M.S.P., LEITE, J. & ROCHA D. 2009. Do espaço vivido ao espaço imaginado. Aproximações interdisciplinares à antropização dos planaltos da Freita (Arouca) do 3º ao 1º milénio a.C. In A.M.S. Bettencourt & L.B.A. (eds.) *Dos Montes, das Pedras e das Águas. Formas de Interação com os Espaços Naturais da Pré-história à Actualidade*. Braga: CITCEM & APEQ, 131-162.
- VASQUEZ, L.M.J. 2010. *Estratégia de Valorização de Geossítios no Geoparque de Arouca*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado – Policopiada).

II. A DEPOSIÇÃO DE METAIS: CONTEXTOS E INTERPRETAÇÕES

LA ESPADA DE FORCAS (PARADA DE SIL, OURENSE) EN EL CONTEXTO DE LA CUENCA HIDROGRÁFICA DEL RÍO SIL

Beatriz Comendador Rey¹, Eduardo Breogán Nieto Muñiz¹
& Víctor Rodríguez Muñiz²

“...Cerca de San Vitor, en el canal de la fábrica eléctrica, existe otra [galería] sin explorar, en la que se encontró la espada que hay en el Museo de Orense, donada por el señor Conde Balvís...”.

Joaquín Arias Sanjurjo. 1914

Resumen: La localización de artefactos metálicos en puntos seleccionados del paisaje responde a acciones codificadas de las sociedades prehistóricas que muestran la relación simbólica del hombre con el medio. Sin embargo, el hallazgo casi siempre casual de estos conjuntos no permite una buena contextualización de los mismos, quedando apenas en la bibliografía una escueta mención a su hallazgo.

En el marco del proyecto de investigación y puesta en valor de San Vitor de Barxacova (Parada de Sil, Ourense), se indagó y localizó el lugar donde fue localizada a principios del siglo XX la espada de Forcas, depositada no Museo Arqueológico de Ourense. A pesar de ser un ejemplar bien conocido en la bibliografía europea de espadas de la Edad del Bronce, apenas se conocía información sobre el lugar, que permaneció “fossilizado” como A Pena da Espada en la microtoponimia en la ladera del Monte Tucela (Forcas, Parada de Sil, Ourense).

En este trabajo se aportan datos sobre su contexto y circunstancias de recuperación y se revisan otros depósitos metálicos relacionados con el entorno, y con la cuenca del Sil, tanto acuáticos como terrestres, entre ellos la espada de Mouruás en el valle del río Navea, y el del depósito de Santo Estevo de Ribas do Sil. A tiempo, el resultado pone de relieve la necesidad de revisar estos contextos para recuperar información de importancia en la interpretación de estos conjuntos.

Palabras claves: Depósitos, Contexto, Cuenca del Sil, Noroeste de la Península Ibérica.

Abstract: The finding of metal artifacts on selected points of the landscape derives from the coded actions of prehistoric societies that show the symbolic relationship between man and his environment. However, the findings of these assemblages -casual findings in almost all the cases- does not allow their good contextualization, becoming barely a small mention on the bibliography relative to the finding.

Within the framework of the investigation project and valorisation of San Vitor de Barxacova (Parada de Sil, Ourense), research was made to locate the place where the “espada de Forcas” (sword of Forcas) was found in the beginning of the XXth century, and now placed in the Archaeological Museum of Ourense. Notwithstanding the fact that it is a well-known object in the european bibliography on Bronze Age swords, little information was known about the actual place of the finding, which remained “fossilized” as “A Pena da Espada” (The Stone of the Sword) in the micro-toponymy of the slope of Mount Tucela (Forcas, Parada de Sil, Ourense).

¹Grupo de Estudos de Arqueoloxía, Antigüidade e Territorio (GEAAT) da Universidade de Vigo. E-mail: beacomendador@uvigo.es, info@breoganarqueoloxi.com

²Grupo de Historia Medieval e CCTT Historiográficas da Universidade de Vigo. E-mail: victor_muniz@hotmail.es .

This work presents data about the context and circumstances of recovery of the aforementioned sword; other metal deposits are revised, taking into account the environment in which they were found, be it aquatic (bowl of the river Sil) or terrestrial, such as the sword of Mouruás, on the river Navea valley, and the hoard of Santo Estevo de Ribas do Sil. The project highlights the necessity of revising these context in order to retrieve important information for the interpretation of these assemblies.

Keywords: Hoards, Context, Sil basin, Northwestern Iberia.

1. INTRODUCCIÓN

Las circunstancias de la revisión del hallazgo de la espada de Forcas, se circunscriben al proyecto de investigación de la necrópolis altomedieval de San Vítor de Barxacova (Parada de Sil, Ourense), enclavada en un escarpe del cañón del río Mao, en su confluencia con el río Sil, en el área de la denominada Ribeira Sacra (Fig. 1, 5 y 11).

Se trata de una necrópolis de tumbas antropomorfas excavadas en roca, cuya extensión la ha convertido ya en la mayor de todo el Noroeste peninsular. La primera intervención en este lugar se realizó en el año 2010, promovida por el Ayuntamiento de Parada de Sil y financiada por mediante un convenio con la Dirección Xeral de Patrimonio de la Xunta de Galicia. El objetivo de esta campaña no era más que la adecuación del sitio para hacerlo visitable dentro de una ruta de senderismo, aprovechando para indagar en su conocimiento arqueológico.



Fig. 1 - Cañón del río Mao en su confluencia con el río Sil.

Los espléndidos resultados hicieron que se buscaran los medios para continuar con los trabajos en los años siguientes. En el 2011 se realizó una intervención más amplia, financiada con el programa europeo Leader a través del Grupo de Desarrollo Rural Navea-Bibeí. Este año recibió además el apoyo de la Universidad de Vigo a través del proyecto “*El enclave medieval de San Vítor de Barxacova (Parada de Sil, Ourense) en el contexto del paisaje del cañón del río Mao en el área de la Ribeira Sacra*” (INOU11A-03), que obtuvo financiación de la Diputación de Ourense a través del INORDE, en la convocatoria de Grupos de Investigación de la Vicerrectoría del Campus de Ourense, dando un salto cualitativo en cuanto a las labores de difusión y conocimiento del lugar³.

³Las intervenciones arqueológicas del 2010 a 2014 estuvieron dirigidas por E. Breogán Nieto. El proyecto del 2011 estuvo dirigido por B. Comendador. En los años sucesivos continuaron los trabajos arqueológicos y de conservación, siempre bajo promoción y patrocinio del Ayuntamiento de Parada de Sil y bajo la dirección del mismo equipo arqueológico, contando con financiación municipal y con apoyo de la Xunta de Galicia en 2013 y 2014.

Los trabajos fueron especialmente encaminados al conocimiento del enclave medieval de la necrópolis de San Vitor de Barxacova, sus orígenes y las distintas etapas cronológicas, pero también se realizó una prospección intensiva del entorno para documentar su paisaje histórico, haciendo extensible la revisión de los hallazgos relativos a la Prehistoria Reciente. En este marco se revisó el hallazgo de la espada de Forcas, bien conocido en la historiografía arqueológica europea desde hace más de un siglo, pero que nunca había recibido atención en cuanto a las circunstancias concretas de su recuperación.

Al mismo tiempo se realizó el estudio histórico mediante el vaciado de la documentación medieval conservada en los monasterios de la zona, acción llevada a cabo por V. Rodríguez Muñiz.

En las diversas actividades arqueológicas y difusión, participaron como voluntarios alumnos de la Facultad de Historia del Campus de Ourense de la Universidad de Vigo. Toda la información se volcó públicamente de manera sincrónica al desarrollo de los trabajos en el blog del proyecto⁴.

2. EL CONTEXTO DE LA ESPADA DE FORCAS EN LA HISTORIOGRAFÍA ARQUEOLÓGICA

La localización de la espada de Forcas responde a un hallazgo casual que habría ocurrido a inicios del siglo XX tal y como se deduce de la primera noticia publicada en el *Boletín de la Comisión de Monumentos Histórico Artísticos de Ourense* al respecto de la donación por parte de D. Francisco Conde Valvís de *una hoja de espada prerromana, de bronce, hallada en una cueva artificial, descubierta al hacer la explanación del canal en el salto de agua de Forcas, ayuntamiento de Parada del Sil* (C.M.H.A.O 1905: 360). La espada ingresa en los fondos del Museo en Julio de 1905, tal y como consta en el registro, sin que consten otras informaciones en su expediente. Uno de autores de este trabajo realizó la ficha museográfica de la espada de Forcas, siendo esta la información que está volcada en la misma⁵.



Fig. 2 - Fotografía de Francisco Conde-Valvís.

Podemos destacar del texto de esta primera escueta referencia dos aspectos. En primer lugar, solo se menciona a la persona que hace la donación, el conocido erudito alaricano Francisco Conde-Valvís (Fig. 2), a quien López Cuevillas (1979: 162) llega a atribuir el propio hallazgo: *foi atopada polo inxenheiro Francisco Conde Valvís, en Tucela, na alcaldía de Parada do Sil, e regalada por il al Museo Arqueolóxico de Ourense*.

⁴ sanvitordebarxacova.wordpress.com

⁵ COMENDADOR, B. Fichas: Machado Forcas. CE000316; Espada Forcas; 000361; Espada Mouruás. CE0003942. Colecciones en Red, Ministerio de Educación Cultura y Deportes. Disponible online [<http://ceres.mcu.es/pages/Main>] Fecha de consulta Julio de 2014.

En segundo lugar, se señala que procede de una “cueva artificial” sin que se haga ninguna otra alusión a las características de la misma, ni a las razones por las que se considera que su origen no es natural. En un trabajo publicado por el ingeniero Joaquín Arias Sanjurjo en 1914, *Una excursión a la Ribera Sagrada*, se ratifica el hallazgo en dicho lugar, pero no se dan más informaciones, indicando tan solo que *Cerva de San Vitor, en el canal de la fábrica eléctrica, existe otra [galería] sin explorar, en la que se encontró la espada que hay en el Museo de Orense, donada por el señor Conde Balvís*.

Esta alusión a la condición “artificial” de la cueva será recogida por los autores posteriores que mencionan la espada desde los principios del siglo XX, sin que nunca se hubiese buscado la revisión del lugar original del hallazgo, al menos en la bibliografía conocida al respecto. Así por ejemplo, el propio Obermaier (1923: 27), describe en sus *Impresiones de un viaje prehistórico por Galicia*, que “se halló en una cueva artificial en el término de Tucela”. Otros se limitan a citar el lugar de Tucela, sin más indicaciones, como Bouza Brey y López Cuevillas (1929: 69). Nuevas publicaciones que incluyeron a la espada de Forcas como las de Almagro Gorbea (1972, 1976) o Harbison (1967), se centrarán en los aspectos tipológicos y en el establecimiento de los paralelos formales europeos, sin prestar demasiada atención a su contexto de aparición.

Con esta procedencia se incluye en la tesis doctoral de M^a Ruíz-Gálvez (1984: 96), quién menciona que apareció en la cueva artificial de Tucela, siendo posteriormente esta referencia, la más habitualmente citada hasta la actualidad.

3. LA REVISIÓN DEL HALLAZGO

La tarea se inició con la prospección arqueológica y revisión bibliográfica, y concluyó con la realización de diversas entrevistas a vecinos de la zona que incluso visitaron



Fig. 3 - Finamor Vázquez Matías, vecino de San Lourenzo de Barxacova, en su visita a la Pena da Espada.

el lugar, lo que permitió confirmar diversos aspectos en base a las informaciones orales. Al iniciarse en 2010 los trabajos de prospección relacionados con el proyecto de San Vitor de Barxacova⁶ (Parada de Sil) un vecino de San Lourenzo de Barxacova acompañó personalmente a dos de nosotros a un lugar conocido como *Pena da Espada*, ubicado en la ladera del Monte Tucela (San Mamede de Forcas), en el cañón del río Mao (Fig. 3).

⁶ Finamor Vázquez Matías, vecino de San Lourenzo de Barxacova.

Por aquel entonces, otro de nosotros planteó la pregunta sobre la localización de la “*cueva artificial de Tucela*”, referenciada en la bibliografía al respecto y entonces supuesto lugar de origen de la espada donada al MAPOu⁷. Esta afortunada circunstancia hizo coincidir el hallazgo del lugar con el interés concreto por este sitio.

Posteriormente, durante la prospección del año 2011, pudimos recoger de diversos testimonios, información más concreta sobre las circunstancias del hallazgo. Según la versión relatada por vecinos de Forcas, la espada la encontró un vecino del lugar, Manuel Fernández González, conocido como “O Eleno” (Fig. 4), cuando trabajaba en la construcción del canal viejo⁸, que como relata Arias Sanjurjo (1914: 47) *con grandes sacrificios tuvo que abrir la Compañía Eléctrica que da luz a Orense, para conducir el material a la fábrica de Barjacoba*.



Fig. 4 - Manuel Fernández González, apodado “O Eleno”, y su mujer, Dorinda Prieto Iglesias. Fotografía cedida por su familia para este trabajo.

Posteriormente hablamos con una nieta⁹ del mismo, quién escuchó que su abuelo había encontrado la espada “*entre Castiñeiras e o canal vello*”. Finalmente, según la versión de un vecino de Vilar nacido en la aldea cercana de As Cerdeiras¹⁰, la espada no la encontró el trabajador cuando estaba trabajando en las obras de canal viejo, sino su mujer (desconocía su nombre) cuando fue a llevarle la comida. Al parecer estuvo curioseando en A Cova dos Mouros y encontró la espada¹¹. Esta versión fue ratificada posteriormente por Manuel Pérez Fernández, nieto de “O Eleno”, quien nos dio a conocer el nombre de su abuela, Dorinda Prieto Iglesias (Fig. 4). Según este mismo testimonio, la espada la cogió el capataz de la obra, quien la entregó a Conde Valvís, que a su vez la donó al MAPOu.

Todas estas versiones ubican el hallazgo de la espada en el mismo sitio, lo que concuerda con versiones escritas, como la primera noticia ya citada (C.M.H.A.O. 1905: 360) o la recogida en un trabajo publicado por el ingeniero Joaquín Arias Sanjurjo en 1914, “Una excursión a la

⁷ Museo Arqueológico Provincial de Ourense, en adelante MAPOu.

⁸ Nuestros informantes fueron Lidia González Lamelas (Lila), 74 años y Oscar González Novoa (Caio) 79 años, vecinos de Forcas “...A espada atopouna o pai do Manolo, que ten terras por ahí, ao facer o canal...” (sic).

⁹ María Pérez Fernández, actualmente vecina de Ourense.

¹⁰ Vicente Rodríguez Crespo (76 años, vecino de Vilar, nacido en As Cerdeiras).

¹¹ Escucho que “o Eleno estaba traballando nas obras do canal vello. A muller baixou a levarlle a comida. A muller andivo a mirar na cova dos mouros e atopou a espada. A espada colleuna o capataz da obra”.

Ribera Sagrada”, según la que “...Cerca de San Vitor, en el canal de la fábrica eléctrica, existe otra [galería] sin explorar, en la que se encontró la espada que hay en el Museo de Orense, donada por el señor Conde Balvís...”.

Además, como comentaremos, el lugar está marcado simbólicamente en la tradición oral de la zona.

No es el único hallazgo de la Edad del Bronce realizado en la parroquia de Forcas. En el MAPOu está depositada un hacha plana de bronce de filo desarrollado. Solamente contamos con la siguiente referencia “...hallada en términos del lugar de Cerdeira, parroquia de Forcas, ayuntamiento de Parada de Sil.” (Vázquez 1904). A diferencia del hallazgo de la espada, no hemos encontrado a nadie que recuerde nada de su localización en el lugar de As Cerdeiras, si bien debemos tener en cuenta que actualmente en dicho núcleo de población residen solo tres personas.

4. EL LUGAR DEL HALLAZGO

La información recuperada para este trabajo ha permitido disponer de información concreta sobre la localización de la espada. Administrativamente el lugar se localiza en la parroquia de San Mamede de Forcas, en el ayuntamiento de Parada de Sil. Las coordenadas concretas del lugar son: Proyección UTM: X: 623.194 Y: 4.690.779; Coord. Geográficas: Long.: 7° 30' 14" W Lat: 42° 21' 32" N Datum ED50; Altitud: 700 m.s.n.m. N° de hoja (1:50.000): 189 (Figs 5, 6). Se accede por el tramo de carretera entre Casa do Vento y Forcas. Antes de llegar a la iglesia de San Mamede, se toma una carretera a la izquierda y se continúa unos 200 metros hasta llegar a una pista que baja al canal viejo, que hay que seguir unos 700 metros hasta llegar a la cueva.

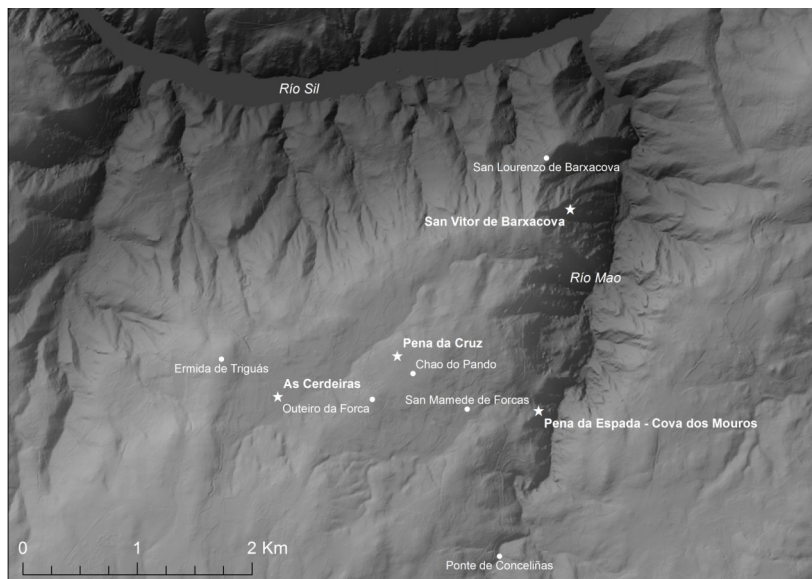


Fig. 5 - Mapa de localización de los distintos elementos citados en el texto.

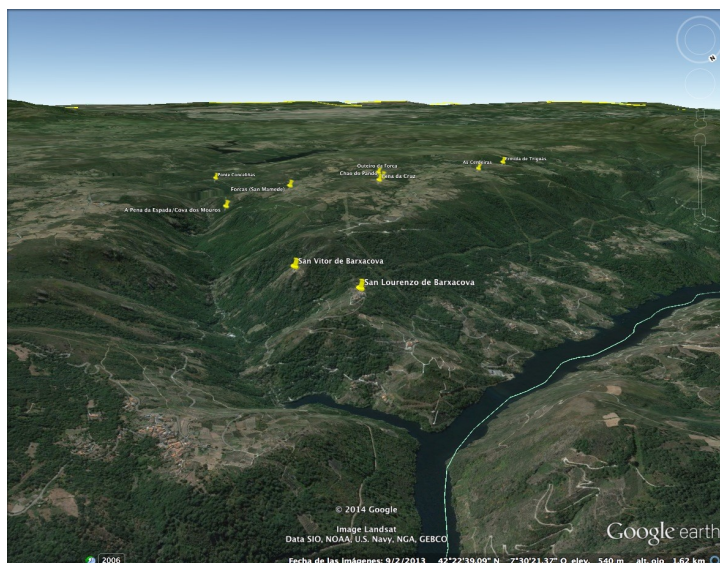


Fig. 6 - Imagen de Google Earth del cañón del Mao con la ubicación de los sitios señalados.

Se trata de una cavidad natural en la roca en la ladera este del Monte Tucela, sobre el cañón del río Mao, conocida tradicionalmente como *Cova dos Mouros*, pero donde además el hallazgo de la espada dejó un topónimo reconocible: *A Pena da Espada*, que se ubica en una ladera con fuerte desnivel en el tramo alto con cañón del Mao, afluente del río Sil por su margen sur (Fig. 7).

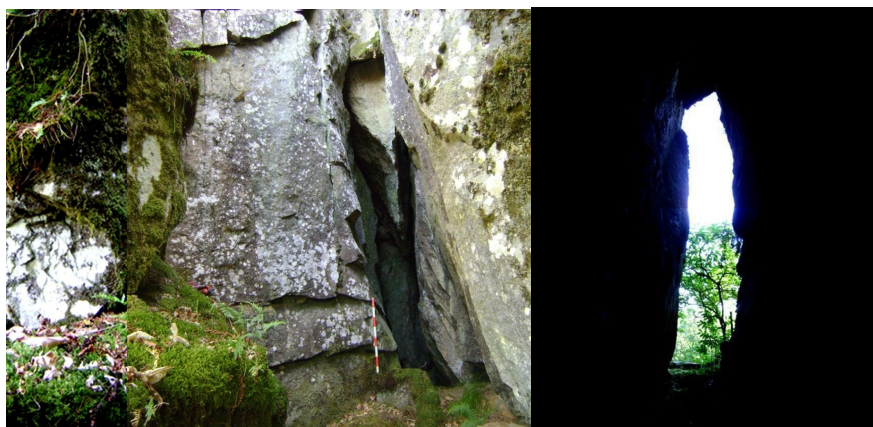


Fig. 7 - Aspecto exterior de A Pena da Espada/Cova dos Mouros, en el recorrido del Canal Vello (izquierda); Vista de la boca de la cueva desde el interior al exterior (derecha).

El lugar sería un pequeño espolón ocupado por la gran peña de granito fino o gneis donde aparece esta hendidura natural. Actualmente el acceso a su interior está parcialmente



Fig. 8 - Bloque en el techo de la entrada de la cueva, a modo de dovela colgante.

modificado por las obras de explanación para la construcción de un primer canal para la generación de energía hidroeléctrica. Abierta al canal, la pared izquierda es recta y posiblemente fue cortada, y la entrada viene por un corredor acodado hacia el este, a unos 2.30 m de canal. La boca tiene una altura aproximada de 3 metros, con la apertura hacia el NE. (Fig. 7). En la parte superior, pende un bloque de forma apuntado, sujeto a modo de dovela colgante (Fig. 8).

Desde el canal viejo hasta el fondo de la cavidad hay como máximo unos 13 m de largo, por lo que podemos afirmar que se trata de una oquedad con muy poco desarrollo. La entrada en su base, tiene 1 m. de ancho, que se va reduciendo hacia el interior, donde finalmente se bifurca en dos pequeñas galerías muy angostas ascendentes (Fig. 9). Antes de esta bifurcación, en la parte derecha de la galería principal, la pared

no llega al suelo, sino que conforma la entrada de una especie de camarín que actualmente presenta no más de 15 cm de apertura y poco más de un metro de fondo. Según las versiones recogidas, este es el lugar donde Dorinda Prieto recogió la espada al introducir su brazo por el estrecho hueco. La revisión con luz artificial permitió reconocer que se encuentra muy colmatado por pequeños bloques y sedimento, y aunque aparentemente está cegado, lo estrecho del lugar no nos ha permitido confirmar a ciencia cierta si esta estancia pudiera

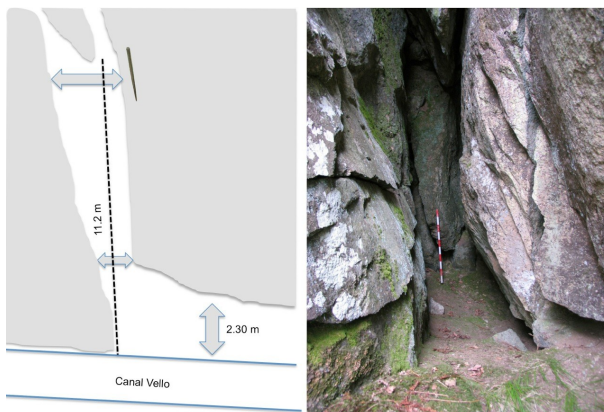


Fig. 9 - Interior y fondo de la Pena da Espada/Cova dos Mouros.

tener un mayor desarrollo. Los vecinos refieren que lanzan piedras y las oyen caer largo rato, pero la experiencia realizada por nosotros indica que actualmente no parece ser así y que forma parte de la mitología del lugar.

Como hemos señalado, diversos autores recogían la primera indicación sobre su condición de “cueva artificial”, pero se trata de un espacio configurado por bloques fracturados de granito de grano fino/gneis, sin que se perciba acción antrópica sobre su configuración, por lo que podemos afirmar que no es “artificial”, sino natural. Hay que señalar que actualmente dicha apertura presenta un carácter escenográfico perceptible tanto desde el exterior como del interior de misma, aspecto que fue señalado por la tradición oral y legendaria de las poblaciones del entorno.

Así pues, podemos considerar que su consideración como “cueva artificial” puede deberse a dos aspectos. Por un parte, desde el punto de vista erudito, no se consideró una cueva propiamente dicha, dado su corto desarrollo en profundidad y sobre todo, porque se observaría que su origen fue la fragmentación y separación de la masa rocosa y a la disposición de los bloques resultantes en un paisaje granítico, y no un proceso de formación por la solubilidad de los materiales mediante la acción del agua, como en el caso de las rocas carbonatadas en paisajes kársticos.

Por otra parte, esta hendidura en la pared rocosa fue percibida como “artificial” por las comunidades locales del entorno, muy posiblemente debido a su carácter singular y escenográfico. Este aspecto podemos derivarlo del topónimo más antiguo recogido, a Cova (o Burato) dos Mouros, y la tradición oral que se vincula y que señala simbólicamente este paraje como un lugar habitado por estos seres mitológicos de la tradición oral galaico-portuguesa, común a buena parte de Europa¹². Ya hemos comentado que las leyendas inciden en la “profundidad” desproporcionada de dicha cueva. Varios vecinos cuentan que tiene un pequeño agujero a la derecha por donde tiraban piedritas, que oían “caer y caer hasta el Mao”. Según relató un vecino de Forcas¹³ “*vinieron dos hombres preparados para las cuevas, y uno de ellos bajó atado con una cuerda, y cuando llevaba 20 metros se le apagó el farol y tiró de la cuerda para que lo subieran*” (ponen en entredicho si se había acabado la cuerda o tuvo miedo). Dependiendo de los testimonios, la cueva iría a dar al río Mao o incluso al otro lado del cañón.

Además se destaca el paraje como lugar liminal de encuentro entre seres reales e imaginarios, y la cueva como lugar de acceso al inframundo, donde habitualmente la tradición señala que habitan estos seres. Así recogimos el testimonio de M.P.F. según la que cuando era pequeña *el sitio imponía respeto porque por allí salían las mouras que iban a lavar al río, y algunos ni querían pasar por allí con las vacas* (sic). Por último, llamamos la atención a la relación con el agua, siendo habitual la vinculación entre lugares con agua y tesoros, en las

¹² Semejante es el caso de la Cova das Choias de la Serra da Urdiñeira (Riós-A Gudiña) donde los vecinos señalan que esta cueva, de origen igualmente natural, por sus características morfológicas singulares, fue hecha por la mano del hombre, a diferencia de las demás cavidades del entorno.

¹³ Oscar González Nóvoa (Caio), de 79 años, nacido y residente en Forcas.

¹⁴ María Pérez Fernández (nieta del Eleno), vecina de Ourense.

historias protagonizadas por las mouras en Galicia (Aparicio 1999; Llinares 1990), las xanas en Asturias (Suarez López 2001), o las moras en la Meseta (García Figuerola 2012).

Actualmente el terreno es monte comunal y hay abundante foresta, por lo que no se percibe con claridad el entorno, pero sí se percibe el sonido de las aguas del río Mao y se divisan parcialmente las peñas de la otra margen del cañón, en el ayuntamiento de A Teixeira. Recogimos referencia a que tradicionalmente los vecinos bajaban con las vacas y se cultivaba en todo el monte, especialmente en el área que recibe el nombre de O Baligoto, hacia la parte inferior del canal viejo, donde plantaban patata.

En la misma zona se recogen otras leyendas semejantes, como la relatada por M.G.C¹⁵. sobre el Pozo do Cazapedo y también vinculadas a formaciones naturales singulares. *Ali había un lugar chamado a “Silla da Raiña”. Había un burato grande onde vivían os mouros. A súa tía ia lavar ao pozo do Cazapedo. Por alí saía auga quente. Non tiña moita auga. Tapou cun trapo e cando estaba a rebosar veu algo que brillaba como unha chocolateira de cobre. Dixo: mira por onde ven a auga. Cando foi tocar xa non estaba. El mesmo vecino relató que en el paraje de Forcadas (antes do Pozo de Cazapedo) encontraron unha tumba rodeada cunha cadena de pedra grabada que ponía “Dame la vuelta y hallarás”. Un señor meteu un barreno. Atopou un burato pulido. Sacou polvillo branco. Veu o vento e levou case todo, pero colleu un pouco e levouno a analizar... non sei... pero despois fíxo unha casa.*

Un vecino de Forcas contó la historia de A Pena do Outorel, en A Lama da Pedrafitá (ayuntamiento de A Teixeira, al otro lado del Mao). *Estaban cavando, sachando e apareceu un escrito “A grande fortuna que hubiera, o que a volta me diera”. Deulle a volta e apareceu escrito: “Gracias a Dios el alabado, que estoy de vuelta al otro lado”. E non veu nada.*

Con respecto a la contextualización del lugar, es de señalar que se trata de un paisaje extremadamente escarpado, pero sin embargo el tramo entre Forcas y San Lourenzo de Barxavova, en la confluencia del río Mao con el Sil, ha sido tradicionalmente un área de tránsito, poco parecido a la imagen de aislamiento hoy transmite la zona de la Ribeira Sacra. Entre los núcleos citados, bajando por la ladera oeste del cauce del río Mao, transcurría el camino de comunicación principal entre la sierra y la ribera del Sil. La presencia del puente medieval de As Conceliñas no hace más que certificar la importancia de ese camino en el pasado. Cerca de ese puente se encuentra el llamado Regueiro das Porfías, límite entre las parroquias de Pradomao y Forcas, donde se sitúan leyendas de enfrentamientos entre ambas feligresías por el derecho de las gentes de Ivil (Pradomao) a pasar por Forcas para enterrarse en la necrópolis medieval de San Vitor (San Lourenzo de Barxacova). Al mismo tiempo el petroglifo de cazoletas de “Pena da Cruz”, en Chao do Pando, está inmediato al llamado Outeiro da Forca, donde cuentan las leyendas que ajusticiaban y ahorcaban a los rebeldes.

5. OTROS HALLAZGOS DE LA CUENCA HIDROGRÁFICA DEL SIL

Con motivo de la pesquisa sobre el hallazgo de Forcas, procedimos a la revisión de otros hallazgos realizados en la cuenca hidrográfica del Sil (Fig. 10).

¹⁵ Marisa González Cortes (70 años, veciña do lugar de Vilar, na parroquia de Forcas).

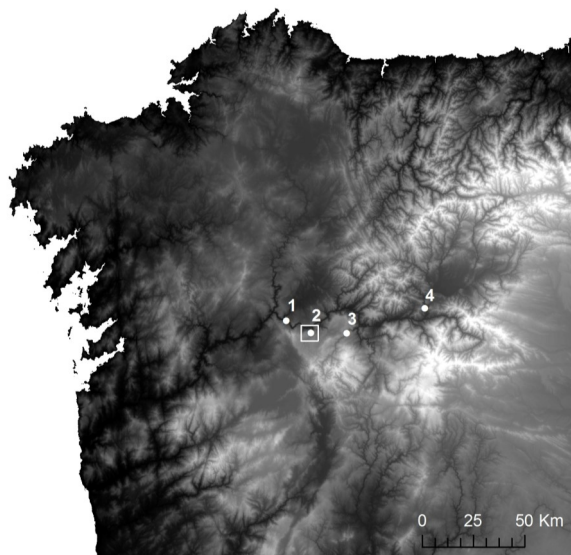


Fig. 10 - Ubicación hallazgos mencionados de la cuenca del río Sil: 1. Depósito de Santo Estevo de Ribas de Sil (Nogueira de Ramuín); 2. Espada da Cova dos Mouros, Monte Tucela, Forcas; 3. Espada de Mouruás (San Xoán do Río); 4. Hallazgos en cueva de Pardollán (Rubiá)



Fig. 11 - Fotografía área de las obras de la presa de Santo Estevo en 1953 (Tomada de M. Almagro Basch, 1954).

Uno de los más relevantes es el del depósito acuático de Santo Estevo de Ribas do Sil (Nogueira de Ramuín), localizado en Julio de 1954, durante las obras de construcción de la presa del mismo nombre. Según relata M. Almagro Basch (1954), en aquel verano se realizaron profundas excavaciones en las paredes del cañón del río Sil para encajar la presa en la roca, consiguiendo desecar el lecho mediante túneles y ataguías. Un obrero anónimo vio asomar la punta de una lanza en una poza lleno de acarreos en el centro del río y la una profundidad de casi cuatro metros, inmediatamente aguas abajo de los bloques empleados en la construcción de la presa (Fig. 11).

Movilizado el capataz (Rey), avisó al encargado de la obra (Oliden), que dio orden de excavar con cuidado el resto de aquella poza. Salieron a la luz dos puntas de lanza, una espada y un colgante, todos hechos en bronce. Estaban prácticamente reunidos y poco deteriorados. Los artefactos fueron a parar las manos de los directores de las obras, Juan Antonio Bravo (gerente de la Sociedad Hidroeléctrica de los Saltos de él Sil), y Santiago Castro (ingeniero director). Estos resolvieron entregarlo “generosamente” al Museo Arqueológico Nacional, en Madrid, desde donde los había reclamado el arqueólogo Martín Almagro Basch, quien publicó el hallazgo ese mismo año.

No es que no hubiera intelectuales gallegos interesados en el hallazgo. Según cuenta Cuevillas, dos orensanos “peritísimos”, Jesús Ferro Couselo y Xaquín Lorenzo (Xocas), consiguieron ver el conjunto antes de que lo llevaran definitivamente a Madrid, y con aquella información escribió su conocido artículo de 1955, donde expone una interpretación en el contexto simbólico del culto a las aguas y señala los diversos hallazgos en ríos europeos.

Otro de los hallazgos relevantes es el de la espada de Mouruás (San Xoán do Río), en una ladera con amplio dominio visual sobre la cuenca del río Navea, afluente del Sil. Según Ferro Couselo (1971: 303) “*en 1968, en el pueblecito de Mouruás, con motivo de la extracción de piedra que se hacía de una cantera para el afirmado de la carretera que se estaba construyendo en aquel lugar, se descubrió una espada de bronce*”. Las circunstancias y el lugar de localización, revisado recientemente (Losada y Comendador 2011; Gago 2011; Losada 2012), indican su vinculación con un paraje singular en Mouruás, denominado A Pena dos Castros, donde diferentes conjuntos graníticos reciben diversos topónimos y están asociados con una rica tradición oral. El Penedo da Moura, con una serie de escaleras excavadas en la propia roca, presenta además grabados en su parte superior; el Penedo da Raiña es un enorme bolo granítico; y el Penedo da Pastora, donde habría aparecido la espada, conformaría un gran espacio en su interior. Al parecer, la espada salió volando por los aires al volar el Penedo da Pastora para la construcción de la carretera, por lo que se supone que estaría oculta en alguna grieta de la roca. En la visita realizada al lugar los propietarios de la finca donde está A Pena dos Castros, refirieron que conjuntamente con la espada se habrían recogido unos “aros”, quizás metálicos (Losada 2012), aspecto este del que parece haber constancia en el expediente del MAPOu, aunque se desconoce si eran de metal o piedra, así como su paradero.

En el entorno del Sil, además de la ya mencionada localización de un hacha tipo Barcelos en As Cerdeiras (Forcas), cabe mencionar que hay constancia de la recuperación de otros elementos metálicos de la Edad del Bronce, como el depósito de siete hachas de tope de Monte da Vide, en el valle del río Cabe, en Distriz (Monforte), localizado en 1896 o 1897 tras un desprendimiento de tierras y de los que apenas hay noticias (Castillo 1927: 40).

5. LOS ARTEFACTOS

La espada de Forcas (para algunos estoque) se trata de un ejemplar con seis agujeros dispuestos en corona para sujetar el empuñaje mediante remaches (dos de ellos fragmentados); cuatro en la parte distal y otros dos justo debajo de los exteriores. Sus dimensiones son: long. 67,4 cm; anch. 4,4 cm (Fig. 12).



Fig. 12 - Espada de Forcas (Parada de Sil) (Fotografía de Fernando del Río, MAPOu).

Fue analizada e incluida en la serie S.A.M. de los laboratorios de Stuttgart con el número de referencia 7574 (Junghans *et al.* 1968: 208-209). Los resultados indican que se trata de un bronce con bajo contenido en estaño y con contenidos en arsénico y otras impurezas¹⁶.

La hoja, de sección lenticular, presenta un suave nervio central y rebajes laterales que conforman un bisel simple, que se une en la punta, también biselada. Este tratamiento perimetral obtiene unos filos finos y cortantes. No conserva la empuñadura, que sería de materia orgánica, pero si la huella de un arco de doble herradura en la cabecera de la hoja, peculiaridad que Gómez Ramos (2001: 14) considera una característica genérica de todas las espadas peninsulares del Bronce Medio y que marcaría el carácter autóctono de este tipo de empuñaduras con respecto a otras áreas europeas y mediterráneas. Pero lo que constituye una excepción en el panorama de las espadas adscritas genéricamente al Bronce Medio es que esta doble marca de dos arcos de herradura, se encuadra en la impronta de un arco mayor también en la zona de la empuñadura, detalle que dibuja el irlandés Harbison (1967: 100, Fig. 1.2), indicando que tiene trazas de doble empuñadura (Fig. 13).

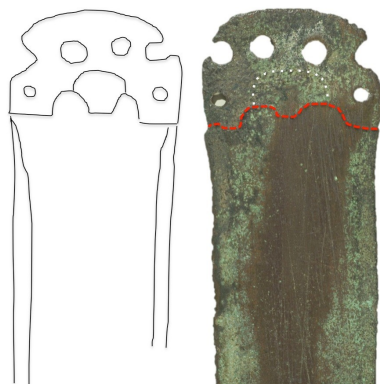


Fig. 13 - Fotografía/Dibujo de la empuñadura de la espada de Forcas, a partir de Harbison (1967: Fig. 1.2) (Fotografía de Fernando del Río, MAPOu).

central obtiene unos filos finos y cortantes. No conserva la empuñadura, que sería de materia orgánica, pero si la huella de un arco de doble herradura en la cabecera de la hoja, peculiaridad que Gómez Ramos (2001: 14) considera una característica genérica de todas las espadas peninsulares del Bronce Medio y que marcaría el carácter autóctono de este tipo de empuñaduras con respecto a otras áreas europeas y mediterráneas. Pero lo que constituye una excepción en el panorama de las espadas adscritas genéricamente al Bronce Medio es que esta doble marca de dos arcos de herradura, se encuadra en la impronta de un arco mayor también en la zona de la empuñadura, detalle que dibuja el irlandés Harbison (1967: 100, Fig. 1.2), indicando que tiene trazas de doble empuñadura (Fig. 13).

¹⁶ Composición SERIE SAM (%): Sn: 5.1; Pb: Spur; As: 1; Sb: 0.23; Ag: 0.013; Ni: 0.88; Bi: 0.018; Au: -; Zn: -; Co: -; Fe: -.

La introducción del hallazgo de Forcas en la historiografía de las espadas europeas, se debe a Obermaier (1923: 27), que la señala como “pieza capital” en la colección orensana y añade que “no tiene esta pieza nada que envidiar a los mejores ejemplares hallados por los hermanos Siret en El Argar”. López Cuevillas (1979: 162) la relaciona con las espadas argáricas por su sistema de unión con la empuñadura, pero por su hechura general y por su longitud, la relaciona con espadas francesas e italianas del periodo central de la Edad del Bronce, señaladamente con el ejemplar encontrado en los dragados del río Sena en Vileneuve de Saint Georges. Ruiz-Gálvez (1984) la describe como “estoque argárico” e indica que “a lo largo de la superficie de la hoja se observan huellas en forma de suaves arañazos que se entrecruzan, debidos probablemente a los pelos de la vaina del cuero que la envolvió antaño”, aspecto este que no ha sido revisado en estudios posteriores con nuevas tecnologías. Meijide (1988: 4-5) la sitúa en un momento avanzado de la Edad del Bronce y Almagro (1972, 1976) en un momento posterior en su secuencia (Estadio VII), al final del Bronce Medio, antes del 1200 a.n.e., ya que considera que debe ponerse en relación con espadas o estoques atlánticos de cabeza trapezoidal tipo Rosnøen. Por los mismos criterios tecno-tipológicos, Ruiz-Gálvez (1984: 235) la incluye en el Bronce Final I (entre 1250-1000 a.C), considerando que este tipo de espadas argáricas habrían evolucionado de los modelos bretones de finales del Bronce Antiguo, que llegarían a la Península vía atlántica. De este modo, las espadas bretonas tipo Saint Brandan y las de tipo argárico derivarían de una misma familia común aunque que desarrollarían fisonomías particulares.

Gómez Ramos (2001: 9, 25, Fig. 1) considera más recientemente que la doble impronta podría ser el indicio de que tuvo dos empuñaduras consecutivas diferentes, y de hecho considera tipológicamente la espada del Bronce Final, siendo este aspecto un indicio de un enmangado más tardío con la “pérdida de la particularidad del doble arco”. En todo caso, se trataría de un indicio de su uso antes de ser amortizada.

Así pues ha recibido distintas propuestas cronológicas en función de su tipología y composición, ya en el Bronce Medio o en las fases iniciales del Bronce Final.

Esta cronología podría ser cercana a la del hacha de bronce de filo desarrollado de As Cerdeiras (Forcas), que según las referencias, habría sido recuperada a no más de 2,5 kilómetros lineales del lugar. Sus dimensiones son: long. 149 cm; anch. 68 cm; 1,4 cm; 565 g (Fig. 14).



Fig. 14 - Hacha de filos desarrollados localizada en As Cerdeiras (Forcas, Parada de Sil) (Dibujo de Luis Montegudo, Fotografía de Fernando del Río, MAPOu).

Incluida por Harbison (1967: 100, Fig. 8.6) en el Tipo Barcelos, y por Monteagudo (1977: n° 735) en su tipo 11D, responde a los modelos propios de mediados del II milenio a.n.e. y se trata de una hacha de bronce según los análisis publicados por Junghans *et al.* (1968: n° 7572). Adscritas genéricamente al Bronce Medio (c. 1750-1250 a.n.e.), el origen de este tipo de hachas es desconocido en el Noroeste Peninsular, aunque se sabe que en la segunda mitad del II milenio a.n.e. se fabricaban artefactos de bronce como indican los datos de A Sola IIB (Braga) o Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros), y la producción de este tipo de hachas también está atestiguada en Galicia por la presencia de moldes como el de Monte das Carballas (Guillade, Ponteareas, Pontevedra) y el de Erosa (A Gudiña, Ourense) (Comendador y Bettencourt 2011: 21). No así en Asturias, donde no se conocen moldes de hachas de este tipo, lo que para Blas (2008: 639) podría hacer pensar en importaciones, sugiriendo el estaño como elemento explicativo de la afinidad morfológica. La morfología es conocida en Irlanda, donde se fabricaron mayoritariamente en cobre desde el 2.500 a.n.e., por lo que autores como Harbison (1967: 115) propusieron que las imitarían localmente, añadiendo la presencia de un motivo ornamental típicamente irlandés a base de golpes oblicuos consecutivos con cincel, la denominada decoración de gotas de lluvia (raindrops), que aparece en un hacha procedente de Galicia (posiblemente del entorno de Fisterra) (Harbison 1967: fig. 8, n° 9; Comendador 1998) y en un hacha procedente de Asturias perteneciente a la colección Fontaneda (Blas 2008: 640-641).

La relación de proximidad entre ambos hallazgos metálicos aislados permite plantear una utilización singular del entorno por parte de grupos humanos desde mediados del II milenio a.n.e.

Con respecto a los otros depósitos mencionados, la cronología de Forcas sería la de cronología más antigua en cuanto a las espadas del Sil.

En el caso de Santo Estevo de Ribas do Sil, se trata de un conjunto cerrado de los llamados complementarios, ya que formaría un juego de armas ofensivas completo. La espada pistiliforme (M.A.N. 38.243) tiene las siguientes dimensiones: long. 70,5 cm; anch. 4,8 cm; esp. hoja 0,9 cm; lengüeta 1,2 cm; peso 310 g. (Fig. 15).



Fig. 15 - Depósito de Santo Estevo de Ribas de Sil.



Fig. 16 - Espada de Mouruás (Fotografía de Fernando del Río, MAPOu).

900 a.n.e. Se considera que podría tratarse de una importación por vía marítima desde las costas atlánticas francesas o desde las Islas Británicas.

8. INTERPRETACIÓN

En la biografía de estas espadas, fabricadas, usadas y finalmente amortizadas, se plantea si se trata de depósitos o si se vinculan a un contexto funerario. En el caso de la espada y el hacha de Forcas, en la cuenca del Sil, tenemos concomitancia de hallazgos tanto en medio acuático como terrestre, y además en este último, tanto en oquedades como en la cercanía de cursos de agua o manantiales.

La localización, ahora confirmada, de la espada de Forcas en una cavidad, la pone en relación contextualmente en relación con otros hallazgos arqueológicos semejantes del norte peninsular, como el de la espada de Entrambasaguas, en Cantabria, o el de las tres espadas, con remaches de plata localizadas en la Cueva Llusá de Ogarrío (Ruesga), a escasos doce kilómetros en línea recta del hallazgo anterior, cronológicamente anteriores desde el punto de vista tipológico (Almagro Gorbea, 1976).

Ruiz-Gálvez (1995) propone que la espada de Forcas, relacionada con una vía natural de paso (la del Bierzo a través del curso del Sil), fue tal como otras, ocultada intencionadamente con finalidad funeraria y de control de un punto de paso estratégico, en un acto público de amortización de un objeto de valor social, interpretación semejante a la que propone para el caso de Mouruás.

En el caso de los depósitos en medio acuático, ya López Cuevillas planteaba en su

trabajo sobre las *Armas ofrendadas al Sil*, la interpretación como ofrendas rituales vinculadas a la existencia de un culto a las aguas, que llegó a denominar “*religión de las fuentes*” o “*de las corrientes fluviales*” (López Cuevillas 1955: 234), aspecto señalado por autores como Bouza Brey (1942) en su tratado sobre “*Los mitos del agua en el Noroeste Hispano*”. Los trabajos sobre las espadas peninsulares (Meijide 1988; Brandherm 2007) recogen que es común a toda Europa (de la meridional a la nórdica) la aparición de armas depositadas en medio acuático en la Edad del Bronce. En la Península Ibérica más del cincuenta por ciento de las espadas procede de ríos.

Para el caso de Santo Estevo de Ribas do Sil, por la inaccesibilidad del lugar y la relativamente buena conservación de las piezas, Almagro Basch (1954) daba una explicación más particular: el accidente de un guerrero que caería al río muriendo ahogado. Pero del mismo modo, años después, Ruiz-Gálvez (1995) lo relaciona con todos los casos de depósitos rituales de espadas en zonas vadeables de los ríos. Sin embargo, en este caso concreto, hay que matizar que el depósito aparece aguas arriba de la confluencia del Cabe con el Sil, y no exactamente por donde se hacía tradicionalmente el cruce en barca antes de la construcción da presa.

González-Ruibal (2006-2007) también señala los depósitos de Santo Estevo (que señala incorrectamente en la grieta de una roca) y Mouruás como relacionados con vados, pero también como lugares separados o liminales, donde existe un poblamiento reducido desde la prehistoria, aspecto que no resulta concordante para el caso de Forcas, según hemos descrito anteriormente.

Desde esta perspectiva, ya en las aguas, ya en la roca, la ocultación respondería a un acto público de sucesión/competición por el poder, mediante la amortización de objetos de valor social, de símbolos de rango que distinguirían la preeminencia de ciertos individuos, en el contexto de sociedades donde la naturaleza de poder no está institucionalizada.

Tenreiro (2005, 2011) ha revisado estas propuestas desde un punto de vista multidisciplinar, sintetizando las diversas hipótesis al respecto y proponiendo el carácter legitimador sobre el territorio.

En todo, cabe destacar la proximidad con el grupo de hallazgos astur-leoneses tanto de espadas como de hachas y la circunstancia de ser el Sil, el mejor camino de penetración en Galicia, aspecto ya puesto de relieve por López Cuevillas (1955).

Así podemos mencionar a localización de hachas de bronce en el interior de cuevas, como las dos hachas planas procedentes de dos cavernas en la cuenca hidrográfica del río Aller (Cueva de la Mora, Santibáñez de Muries) (Blas 2008), que a veces aparecen acompañando restos esqueléticos, como puede ser el caso del hacha desaparecida en la cueva d'el Palacín o Palagón (Cubía, Grau, Asturias), donde hicieron excavaciones arqueológicas en el año 1936 que sacaron a la luz un esqueleto y un hacha metálica desaparecidos que pudieran ser un enterramiento de la Edad del Bronce.

También podemos mencionar el caso de las hachas de Figares (Sales) o el de Fuente Frieras (Posada la Vieja, Llanes) (Blas 2008). En Galicia, o número de hachas de filos desarrollados apenas supera la treintena, y aunque muchos son hallazgos casuales, la revi-

sión de los contextos (tanto de las gallegas, como de las nordportuguesas o asturianas), permite proponer su deposición intencional en lugares determinados del paisaje, especialmente vinculados al agua. En el caso del hacha de As Cerdeiras, es destacable su relación de proximidad con la cueva de Tucelas y con un manantial cercano conocido como Fontenla de Cerdeiras. Durante los trabajos de prospección, se localizó en una pequeña elevación, Outeiro da Forca, un petroglifo a base de cazoletas, conocido como A Pena da Cruz, con amplia tradición oral.

Carecemos de referentes para proponer una posible vinculación funeraria, aunque el medio geológico no es favorable para la conservación de la materia orgánica. Sin embargo, en este sentido son de mencionar recientes hallazgos en la cuenca hidrográfica del Sil, en la zona de la Serra da Encina da Lastra, punto de paso natural entre las actuales provincias de León y Ourense aprovechando el curso del río. Se cuenta con referencias a la recuperación de diferentes materiales arqueológicos en diferentes cuevas desde la década de los sesenta y principios de los ochenta, con motivos de la labor de topografiado por parte de diversos grupos de espeleología, especialmente relativos a la Edad del Bronce y Edad Media sintetizados hasta el 2006 (Fernández y Somoza 2006; Elguero y Muño 2011). Desde entonces han sucedido nuevas localizaciones de deposiciones cerámicas y humanas, como el recientemente publicado vaso de Pardollán, estudiado por Suárez (2014), quién señala que este y otros ejemplares conforman un grupo de recipientes cerámicos apenas conocidos que se pueden definir como jarras bitroncocónicas con carena media más o menos acusada, pequeña asa vertical y paredes lisas de acabados cuidados, encuadrables tipológicamente en una horquilla cronológica semejante, desde el 1800-1600, hasta el 1100 a.n.e. El mismo autor considera además la posibilidad de que se traten de esquemomorfos de recipientes metálicos que remiten a los modelos de jarras y vasijas europeas realizadas en materiales nobles. Este grupo se correspondería con el que Betten-

court (2011: 120) denomina *de pícaros com carena na pança*, localizados en monumentos con túmulos pequeños y en reutilizaciones de monumentos megalíticos, a los que igualmente atribuye una cronología del Bronce Medio.

Recientemente hemos tenido acceso a la observación de una jarra procedente de otra cavidad en Rubiá (Valdeorras), perteneciente a una colección particular, que respondería al mismo grupo, con la particularidad de estar profusamente decorada (Fig. 17). A favor de la hipótesis funeraria debemos señalar la publicación de un estudio sobre los



Fig. 17 - Jarra localizada en una cavidad de Pardollán Rubiá (colección particular)

restos esqueléticos humanos y animales localizados en A Cova do Santo (San Estevo de Pardollán, Rubiá), en un alto inmediato al Sil, datados radiocarbónicamente en la Edad del Bron-

ce, y que describen un grupo amplio de individuos representativos de la mayoría de grupos de edad, con amplia presencia de piezas infantiles y juveniles, y con una inusual presencia de traumatismos (López Costas 2008; López Costas *et al.* en prensa).

9. CONSIDERACIONES FINALES

Cuando comenzamos el proyecto de San Vitor de Barxacova había un gran desconocimiento de las “espadas del Sil” por parte de las comunidades, a pesar de tratarse de hallazgos bien conocidos en buena parte de la bibliografía europea. Significativo del estado de confusión entre las tres espadas del Sil, es que los vecinos de Parada de Sil conocían la espada de Forcas como “la espada de Madrid”, haciendo alusión al lugar del depósito de la misma, aunque en realidad la que está depositada en el Museo Arqueológico Nacional es la del conjunto de Santo Estevo de Ribas do Sil. Por otro lado, el ya desaparecido Centro Comarcal de Cas-



Fig. 18 - Reproducción de la espada de Mouruás que estuvo expuesta en el Centro Comarcal de Castro Caldelas, con una cartela debajo que la etiquetaba como la espada de Forcas.

circunstancias del hallazgo de estos tres conjuntos, ha tenido amplia difusión y ha permitido incluso recuperar nuevos detalles al respecto.

A pesar de que, desde el punto de vista arqueológico, en ocasiones se renuncia a recuperar el contexto de depósitos “aislados” seculares, en el caso de la espada de Forcas, sorprende la facilidad con la que fue localizado un lugar identificado e identificable desde hace cien años, sin que nunca recibiese atención por parte de los investigadores, que una y otra vez han mencionado el hallazgo de la espada. Para nosotros, la experiencia pone de

tro Caldelas, mostraba hasta hace poco una reproducción de la espada de Mouruás con una cartela debajo que la etiquetaba como la espada de Forcas (Fig. 18).

Por este y otros motivos promovimos la difusión de esta información a través del blog del proyecto, así como a través de una serie de tres artículos de carácter divulgativo para el periódico *El Sil*, con especial proyección en las comarcas de la provincia de Ourense, como una suerte de ofrenda simbólica al río de las letras. Estos tres trabajos (Comendador 2011a, 2011b; Losada y Comendador 2011) que aclaraban las

manifiesto la importancia de recuperar estos contextos así como la necesidad de reinserir socialmente esta memoria (Fig. 19).

Recientemente un proyecto de recuperación de la memoria desarrollado por un grupo de profesores de Vila de Cruces (Pontevedra), ha permitido la realización del “Mapa dos Tesouros” y la identificación de la leyenda de la espada de Brandomes, arrojada a las aguas¹⁷. El magnífico trabajo que están desarrollando no solo ha permitido la recuperación de esta riqueza cultural vinculada directamente a la lengua, sino que ejemplifica las posibilidades de este tipo de recursos con fines educativos y sociales.

Quizás el tratamiento de “tesoro”, que aplicamos habitualmente solo a la materia de los objetos metálicos, haya que trasladarlo a la riqueza del paisaje como legado natural y cultural, y a la tradición oral vinculada. Porque conocer y dar a conocer, es al fin y al cabo, una forma de volver a “hacer visibles” en la memoria social, los acobillos ocultos a lo largo de los siglos, cuyo sentido fue siempre, el de ser recordados.



Fig. 19 - Vecinos de Forcas, entre ellos, la nieta del descubridor de la espada, charlando sobre el hallazgo.

Agradecimientos

Este trabajo fue iniciado en el ámbito del proyecto: *Limpeza, investigación e posta en valor do despoboado de San Vitor. Ribeira Sacra* (SVT.10), promovido por el ayuntamiento de Parada de Sil y financiado mediante convenio con la Xunta de Galicia, y finalizado ya en el contexto del proyecto “*El enclave medieval de San Vitor de Barxacova (Parada de Sil, Ourense)*”

¹⁷ Proxecto Mámoas do IES Marco do Camballón (Vila de Cruces, Pontevedra), reconocido con el Premio á innovación no Fomento da Lingua. Blog Palabras de Pedra. www.blogoteca.com/diverblogue

en el contexto del paisaje del cañón del río Mao en el área de la Ribeira Sacra” (INO11A-03), que obtuvo financiación de la Diputación de Ourense a través del INORDE, en la convocatoria de Grupos de Investigación de la Vicerrectoría del Campus de Ourense de la Universidad de Vigo.

Los autores agradecen su colaboración al Ayuntamiento de Parada de Sil en la figura de su alcalde Francisco Magide Bizarro, al Museo Arqueológico de Ourense y al CETRA.

Pero nuestro agradecimiento sincero es para los vecinos que nos abrieron las puertas de sus casas y de su memoria para recordar con nosotros la historia de la espada.

BIBLIOGRAFÍA

- ALMAGRO BASCH, M. 1954. Un nuevo depósito de Bronce final hallado en San Esteban del río Sil. *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales* 15. Madrid: Ministerio de Educación.
- ALMAGRO GORBEA, M. 1972. La espada de Guadalajara y sus paralelos peninsulares. *Trabajos de Prehistoria* 29: 55-82.
- ALMAGRO GORBEA, M. 1976. La espada de Entrambasaguas. Aportación a la secuencia de espadas del Bronce en el Norte de la Península Ibérica. *XL Aniversario del Centro de Estudios Montañeses*. Vol. 3. Santander, 455-477.
- APARICIO CASADO, B. 1999. *Mouras, Serpientes, Tesoros y otros Encantos. Mitología Popular Gallega*. A Coruña: Edicións do Castro.
- ARIAS SANJURJO, J. 1914. Una excursión a la Ribera Sagrada. *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense* 5 (98): 56.
- BETTENCOURT A.M.S. 2011. Estructuras e prácticas funerarias do Bronze Inicial e Médio do Noroeste Peninsular. In P. Bueno, A. Gilman, C.M. Morales & F.J. Sánchez-Palencia (eds.) *Arqueología, Sociedad, Territorio y Paisaje. Estudios sobre Prehistoria Reciente, Protohistoria y Transición al Mundo Romano en Homenaje a M^a Dolores Fernández Posse* [Bibliotheca Praehistorica Hispana (BPH) 27], Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto de Historia, 115-140.
- BOUZA BREY, F. 1942. Los mitos del agua en el Noroeste Hispánico. *Etnografía e Folklore de Galicia*. Vol. 2, 219-239.
- BOUZA BREY, F. & LOPEZ CUEVILLAS, F. 1929. *Os Oestrímnios, Os Saefes e A Ofiolatría en Galicia*. Santiago de Compostela: Arquivos do Seminario de Estudos Galegos.
- BRANDHERM, D. 2007. *Las espadas del Bronce Final en la Península Ibérica y Baleares*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag.
- BLAS, M.A. de 2008. Hacia las sociedades metalúrgicas: las sociedades del Cobre y del Bronce Antiguo. In J. Rodríguez Muñoz (coord. y dir.) *La prehistoria en Asturias: un legado artístico único en el mundo*. Oviedo: La Nueva España, 567-618.
- CASTILLO, A. 1927. Hachas de bronce de talón (Hallazgo de un depósito). *Boletín de la Real Academia Gallega* 22 (194): 33-42, 75-97.

- COMENDADOR, B. 2011a. Espadas do río Sil (I): A Pena da Espada: Forcas (Parada de Sil). *Xornal O Sil*, nº 184, 45.
- COMENDADOR, B. 2011b. Espadas do río Sil (II): A Pena de Madrí: O depósito de Santo Estevo de Ribas do Sil (Nogueira de Ramuín). *Xornal O Sil*, nº 185, 55.
- COMENDADOR, B. & BETTENCOURT, A.M.S. 2011. Nuevos datos sobre la primera metalurgia del bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: la contribución de Bouça da Cova da Moura (Ardegães, Maia, Portugal). *Estudos do Quaternario* 7: 19-31.
- COMISIÓN DE MONUMENTOS HISTÓRICO ARTÍSTICOS DE ORENSE (C.M.H.A.O.) 1905. Noticias. *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense* 44 (2): 360.
- ELGUERP, L. & MUÑO, J.A. 2011. Historia da investigación arqueolóxica en cavidades kársticas de Galicia. *Actas Congreso Galego de Espeleoloxía (13, 14 e 15 de outubro 2006. O Barco de Valdeorras, Ourense)*. [Furada. Nº especial]. Federación Galega de Espeleoloxía, 57-66.
- FERNANDEZ, C. & SOMOZA, A. 2006. La colaboración entre la espeleología y la arqueología: resultados en la Sierra de Encina da Lastra (Rubiá, Ourense). *I Congreso Galego de Espeleoloxía. Federación Galega de Espeleoloxía*. Vigo: 57-66.
- FERNÁNDEZ, C.; PÉREZ, L. & MARTÍNEZ, R. 2006. Análisis del material arqueológico de las palas da Zorra y do Meandro (Cobas, Rubiá, Ourense). *I Congreso Galego de Espeleoloxía*. Vigo: Federación Galega de Espeleoloxía, 77-90.
- FERRO COUSELO, J. 1942. *Memoria del Museo Arqueológico de Orense*. Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales 1941, Madrid, 121.
- FERRO COUSELO, J. 1971. Breve reseña del Museo". *Boletín Auriense* I: 303-304.
- GAGO MARINO, M. 2011. A Excalibur galega e o TNT. Entrada en el blog *Capítulo 0*. Disponible online. <http://www.manuelgago.org/blog/index.php/2011/04/24/as-excalibur-e-o-tnt/> [Fecha de consulta Julio 2014]
- GONZÁLEZ RUIBAL, A. 2006-07. *Galaicos. Poder y comunidad en el noroeste de la Península Ibérica (1200 a. C. - 50 d. C.)* [Brigantium 18-19]. A Coruña: Museo de Santo Antón.
- GÓMEZ RAMOS, P. 2001. La espada de la Perla. Estudio de las empuñaduras de remaches con doble arco: un unicum en la serie de armas europeas de la edad del bronce. *Gladus* 21: 5-30.
- GARCIA FIGUEIROLA, M. 2012. *Tesoros Escondidos en la Meseta Norte*. Castilla Tradicional. Valladolid: Museo Etnográfico de Castilla y León.
- HARBISON, P. 1967. Mediterranean and atlantic elements in the Early Bronze Age of Northern Portugal and Galicia. *Madridener Mitteilungen* 8:100-122.
- JUNGHANS, S., SANGMEISTER, E., SCHRÖDER, M. 1968. *Kupfer und Bronze in der frühen Metallzeit Europas. Katalog der Analysen Nr. 985-10040*. Studien zu den Anfängen der Metallurgie, Band 2, Teil 3. Berlín: Mann Verlag.

- LLINARES, M. 1999. *Mouros, Ánimas y Demonios. El Imaginario Popular Gallego*. Barcelona: Akal.
- LÓPEZ COSTAS, O. 2008. Estudo antropolóxico dos restos óseos recuperados da necrópole da Cova do Santo, Pardollán, Rubiá, Ourense. Unha necrópole da Idade do Bronce en Galicia. *Revista Real Academia Galega de Ciencias* 27: 131-144.
- LÓPEZ COSTAS, O.; MÜLDNER, G. & MARTÍNEZ CORTIZAS, A. (en prensa). Diet and health in Bronze Age Northwest Spain: The collective burial of Cova do Santo. *Journal of Archaeological Sciences*.
- LÓPEZ CUEVILLAS, F. 1955. Armas de bronce ofrendadas al río Sil. *Zephyrus* 6: 234-240.
- LÓPEZ CUEVILLAS, F. F. 1979. *Prehistoria*. En Otero Pedrayo (Dir.): Historia de Galicia.
- LORENZO RUMBAO, B. 2006. A Espada de Mouruás. Peza do Mes. Museo Arqueolóxico de Ourense. Disponible online <http://www.musarqourense.xunta.es/?mod=pezames&id=73> [Fecha de consulta Julio 2014]
- LOSADA, M. & COMENDADOR, B. 2011. Espadas do río Sil (III): A espada de Mouruás (San Xoán do Río). *Xornal O Sil*, nº 186, 48.
- LOSADAM. 2012. La espada de Mouruás no seu contexto material e inmaterial. Apuntes para unha análise crítica dun escenario histórico. *Sociedade Antropolóxica Galega. Caderno de Campo* 1:1-8.
- MEJIDE CAMESELLE, G. 1988. *Las espadas del Bronce Final en la Península Ibérica*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago.
- MONTEAGUDO, L. 1977. *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*. Prähistorische Bronzefunde, 6. Munich: Man Verlag.
- OBERMAIER, H. 1923. Impresiones de un viaje Prehistórico por Galicia. *B.C.M.H.A.O.* 7 (149): 27.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. 1984. *La Península Ibérica y sus relaciones con el círculo cultural atlántico*. Madrid: Universidad Complutense (Tesis policopiada).
- RUIZ-GÁLVEZ, M. (ed.) 1995. Depósitos del Bronce Final: ¿Sagrado o profano? ¿Sagrado y, a la vez, profano?. In M. Ruíz-Galvez (ed.) *Ritos de paso y puntos de paso*. Madrid: Universidad Complutense, 21-32.
- RUIZ-GÁLVEZ, 1998. *La Europa Atlántica en la Edad del Bronce. Un viaje a las raíces de la Europa occidental*. Barcelona: Crítica.
- SUÁREZ LÓPEZ, J. 2001. *Tesoros, Ayalgas y Chalqueiros: La Fiebre del Oro en Asturias*. Gijón: Fundación Municipal de Cultura, Educación y Universidad Popular.
- SUÁREZ OTERO, J. 2014. Vaso de la Edad del Bronce de Pardollán (Valdeorras). *Pieza del Mes. Enero*. Museo Arqueolóxico de Ourense. Disponible online http://www.musarqourense.xunta.es/es/peza_mes/vaso-da-idade-do-bronce-de-pardollan-valdeorras/ [Fecha de consulta Julio 2014]
- TENREIRO, M. 2005. Arrojar la lanza: un ritual jurídico en una crónica castellana del s. XV y sus parralelos. *Anuario Brigantino* 28: 65-76.

- TENREIRO, M. 2011. A lança na áuga a espada na pedra: Etnoarqueología de um ritual entre celtas e germanos. *III Congreso de Estudos Celtas (Narón, 16 Abril, 2011)*. Comunicación oral. Disponible online <http://vimeo.com/41208851> [Fecha de consulta Julio 2014]
- VÁZQUEZ, A. 1904. La Edad del Bronce en el Museo Provincial de Ourense. *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Histórico Artísticos de Ourense* 2: 20.

O DEPÓSITO DE MACHADOS DE TALÓN DE CABEIRAS (ARBO, GALIZA) NO CONTEXTO DA BACÍA BAIXA DO RÍO MIÑO

Xulio Carballo Arceo¹ & Josefa Rey Castiñeira²

Resumen: Apresenta-se o depósito de machados de talão de Cabeiras (freguesia do mesmo nome, câmara municipal de Arbo e provincia de Pontevedra), que apareceu casualmente no ano 1991 numa parcela dedicada a viñedo, e que ainda não foi dado a conhecer de maneira detallada.

Assim mesmo, trata-se dos outros machados de talão que apareceram na bacia baixa do rio Minho (vertente galega).

Realiza-se uma breve análise espacial da sua situación dentro do território e em relação com as zonas de passagem natural. Por outra parte, faz-se uma análise em relação com os xacementos arqueolóxicos próximos, e uma valoración dos depósitos de bronze em relação com a ocupação do território, no marco do contexto cronolóxico que convencionalmente se denomina transición do Bronze Final à Idade do Ferro.

Palabras claves: Depósito de machados de talão, Rio Minho, Zonas de passagem natural, Ocupação do território.

Abstract: We present the palstaves hoard of Cabeiras (parish of the same name, Arbo municipality and province of Pontevedra), who casually appeared in 1991 in a farm field and that has not been given know in detail.

In the same way, we study other metal axes that appeared on the north side of the lower basin of the river Minho (Galicia).

Finally, we carried out a spatial analysis of the location of the deposit and others metallic findings, both in relationship to areas of natural passage, either with archaeological settlements of the Late Bronze to the Iron Age transition.

Keywords: Palstaves hoard, Minho River, Areas of natural passage, Occupation of the territory.

1. INTRODUCCIÓN

No ano 1991 descubriuse casualmente un depósito de dez machados de talón de bronze na parroquia de Cabeiras (concello de Arbo), que foi identificado e recuperado por técnicos da Dirección Xeral de Patrimonio Cultural, da Xunta de Galicia, logo do descubrimento por un agricultor mentres realizaba traballos nun viñedo. Tras dos trámites oportunos, o depósito ingresou no Museo de Pontevedra pouco despois. Desde entón, o depósito de machados permanece inédito, e resulta bastante descoñecida a súa existencia, mesmo entre os arqueólogos.

¹ Xunta de Galicia. Servizo Territorial de Patrimonio Cultural. Pontevedra, Galicia. E-mail: luis.xulio.carballo.arceo@xunta.es

² Universidade de Santiago de Compostela. Galicia. Departamento de Historia I. Email: josefa.rey@usc.es

A finalidade deste traballo é, por tanto, dar a coñecer o conxunto de machados de bronce, as condicións en que apareceu o depósito e o contexto xeográfico e arqueolóxico no que se inscribe o achado.

Pero, ademais, cómpre resaltar que o conxunto de machados de Cabeiras ten unha importante transcendencia, por canto se trata dun dos poucos depósitos do Bronce Final descubertos na bacía baixa do río Miño, vertente galega, e que, ademais, puido ser contextualizado de maneira relativamente rigorosa, a diferenza doutros casos, dos que se descoñecen moitos datos e do que o seu contexto e condicións de achado está cheo de incertezas ou imprecisións.

2. CIRCUNSTANCIAS DE APARICIÓN DO DEPÓSITO

No ano 1991 Ramiro Gil Doval, veciño do lugar de Curro (Cabeiras, Arbo), cando facía traballos agrícolas na parcela da súa propiedade, chamada *A Laxiña*, atopou un conxunto de dez machados de talón de bronce. Gardounos na casa, sen saber que eran exactamente. Uns poucos meses despois, un fillo seu veu uns machados semellantes nun museo galego, onde lle informaron que eran exactamente esas pezas. Coñecedores da importancia dos machados de bronce, contactaron co director do Museo Municipal de Ponteareas, quen transmitiu a noticia á Dirección Xeral de Patrimonio Cultural en agosto de 1991.

Desde o servizo territorial de Patrimonio Cultural de Pontevedra realizáronse varias visitas ao lugar, redactáronse os informes específicos e fixéronse as xestións oportunas, de cara a recuperar os machados e ingresalos nun museo. Desde o principio o descubridor do depósito actuou cunha grande xenerosidade, dándolle o conxunto de machados ao arqueólogo do servizo territorial de Patrimonio Cultural, para que fosen ingresados nun museo.

Unha das informacións que se lle deu á persoa que atopou o depósito foi a de que, segundo recolle a lexislación galega sobre patrimonio cultural³, se daban as circunstancias para poder solicitar á Xunta de Galicia un premio en metálico, equivalente á metade do valor en taxación legal das pezas, dado que se reunían na mesma persoa as condicións de descubridor e propietario da parcela. Tras da presentación da documentación precisa, o expediente de pago finalizou coa transferencia do premio⁴ a conta bancaria de Ramiro Gil Doval.

Para completar a documentación do depósito, a Dirección Xeral de Patrimonio Cultural encargoulle unha intervención arqueolóxica de sondaxes na parcela a Fidel Méndez Fernández, que se executou nos meses de setembro-outubro de 1991. Realizáronse dúas sondaxes, unha de 2 x 1 m no punto onde pareceu o depósito, e outra, de 2 x 2 m noutra parte da parcela. En ningunha das dúas apareceu nada, nin materiais, nin estruturas en negativo; unicamente o nivel agrícola por riba dun horizonte natural.

³ Concretamente o artigo 60 da Lei 8/1995, do patrimonio cultural de Galicia.

⁴ O depósito foi valorado en 500.000 pesetas (ano 1991), polo que se lle deu ao descubridor e propietario, en febreiro do ano 1992, a cantidade de 250.000 pts (equivalentes a 1.500 €).

Tamén pasaron un detector de metais para ver se puidera quedar algún outro machado, pero o varrido foi infrutuoso, porque emitía sinais en toda a parcela, dado que había moitas anacos de arame da viña soterrados.

Unha vez rematado o procedemento administrativo de pago do premio en metálico do achado casual, a Xunta de Galicia ordenou o traslado do conxunto de dez machados ao Museo de Pontevedra, onde ingresaron en marzo de 1994, dándolle o nº de rexistro 13.514. Nese ano, o museo encargou un tratamento de restauración-conservación dos machados á empresa Tomos, SL

Segundo o informe⁵ da restauradora Rosa Benavides, de Tomos, SL, as pezas estaban en bastante mal estado, de conservación, con macro e micro rechupes e gretas, así como graves alteracións superficiais por corrosión, con pequenos desprendementos. O tratamento consistiu na limpeza, estabilización da corrosión, inhibición, consolidación e pegado. Actualmente, o depósito está exposto nunha vitrina das novas salas do Museo de Pontevedra⁶.

3. LUGAR E CONTEXTO DO ACHADO



Fig. 1 - Posición aproximada en que se atopaban os machados no momento en que se descubriron.

Concretamente, o achado produciuse a aproximadamente uns 0'80 m de profundidade, cando o propietario da parcela estaba a cavar na terra un buraco para colocar un tirante dun poste do viñado. Segundo Ramiro Gil, os dez machados estaban xuntos e amoreados, co fío disposto en sentido inverso, de xeito semellante a como se exemplifica na fotografía adxunta (Fig. 1)⁷. Non se observou ningún outro resto cerámico ou metálico, nin a existencia de pedras delimitando o depósito. Un dos machados foi partido polos descubridores, para ver de que metal se trataba.

O conxunto de dez machados de talón de bronce, como se dicía anteriormente, foi atopado na parcela nº 237 do polígono catastral 72 do concello de Arbo, de 261 m² de superficie, denominada *A Laxiña* ou *Mondín*, que é propiedade de Ramiro Gil Doval. Sitúase a uns 200

⁵ "Informe del tratamiento de conservación de diez hachas de tope procedentes de Cabeiras, Arbo, y depositadas en el Museo de Pontevedra", asinado por Rosa Benavides (Tomos, SL), en marzo de 1995, a quen agradecemos a información.

⁶ Agradecemos a Antonio de la Peña, arqueólogo conservador do Museo de Pontevedra a súa colaboración para examinar os machados.

⁷ Varios anos antes, segundo o propietario do predio, fora barrenada unha rocha que sobresaía do terreo, situada na parte setentrional da parcela, a uns 10 m do depósito de machados. Naqueles traballos atopárase un obxecto metálico que, segundo as descrições de Ramiro Gil, tería unha forma apuntada. O obxecto foi tirado de novo nas terras da parcela. Descoñecemos se a rocha sobresaía pouco do terreo, ou se trataba dunha peneda.

metros ao NE do lugar de Fontán. Coordenadas UTM do punto de achado: X = 555.318, Y = 4.662.869 (ED50, fuso 29). Altitude: 150 metros. A parcela pertence á freguesía de Cabeiras, concello de Arbo, e provincia de Pontevedra (Fig. 2).

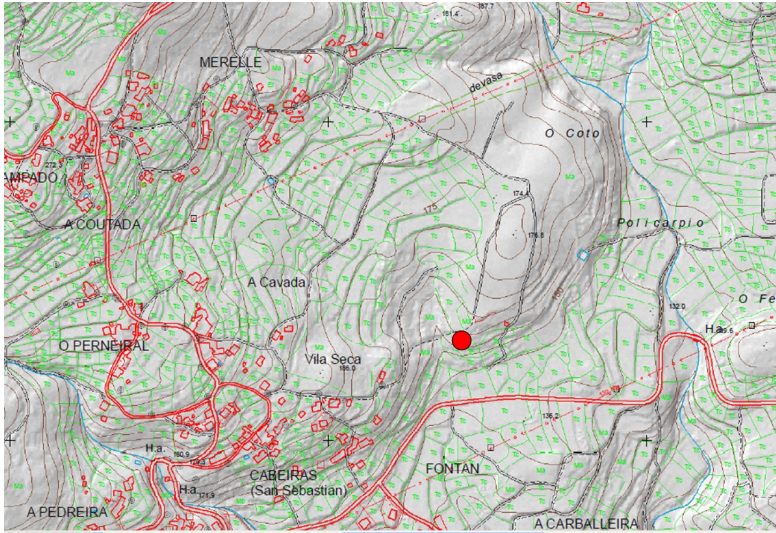


Fig. 2 - Situación do lugar de aparición do depósito de machados (círculo vermello).

A parcela onde se produciu o achado está dedicada a viñedo desde hai anos, como outras dos arredores (Fig. 3). Nos anos 50 a leira e toda a zona estaba dedicada a cultivos



Fig. 3 - Vistas do lugar do achado, numa zona de cultivos agrícolas.

agrícolas, como se pode ver na fotografía aérea do chamado “voo americano” realizado no ano 1956 (Fig. 4). Cabe definir, por tanto, o lugar de achado como área de vocación agrícola; o que non quere dicir obviamente que durante a Idade do Bronce tivese ese mesmo uso.

Desde o punto de vista xeográfico, o sitio localízase na bacía media do río Miño, e concretamente, nun pequeno val secundario formado polo río Cea, afluente daquel, que é máis un regueiro ca un río, propiamente. Ese pequeno val está cerrado pola parte norte



Fig. 4 - Situación do lugar de achado do depósito na fotografía do ano 1956.

e oeste por un cordal montañoso que ten un importante desnivel sobre o fondo de val (Fig. 5); cara o leste tamén se define por unha estribación montañoso, algo máis baixa, que o separa do val do río Deva, este si, un dos principais afluentes do Miño pola súa marxe dereita. O val ábrese polo sur cara o Miño. Pódese definir, por tanto, a posición que ocupa o sitio como unha ladeira de pendente media dun val aberto.

Perto do lugar de aparición do depósito de machados (a uns 40 m) corre un rego de auga que ten o nacemento máis ao norte, nas balsas de Mondín. Cara o leste, a uns 400 m, sitúase o río Cea, un curso fluvial pequeno, de escaso caudal. Con todo, non existe unha relación visual entre o lugar de achado do depósito e o río, que queda algo encaixado en relación a aquel. A bastante maior distancia (1'6 km) sitúase o curso do río Miño.

Como dicíamos, o depósito localízase nunha área aberta ao río Miño e, como tal, próxima ou na propia área de comunicación natural – entendida no sentido amplo, non lineal – que representa o río Miño na dirección E-W. Entre o sitio e as inmediacións do río Miño hai un visibilidade directa, sen ningún obstáculo orográfico por medio.

Un último aspecto que cómpre resaltar da contextualización espacial do achado, é a proximidade do sitio a un castro. Un pouco despois do descubrimento do depósito foi localizado un castro a uns 200 m de distancia cara o NNE de onde se atopou o conxunto de machados de talón. Trátase do chamado Castro do Monte Policarpio (código: GA36001013), que xa naquel momento se atopaba en mal estado de conservación, pois fora moi afectado polos traballos agrícolas. Porén, víase un foso e un parapeto do poboado da Idade do Ferro, que nos anos seguintes foi tamén destruído polos movementos de terra para plantar un novo viñado.

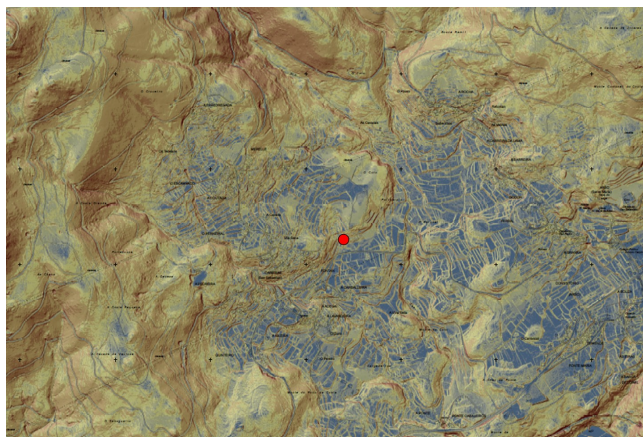


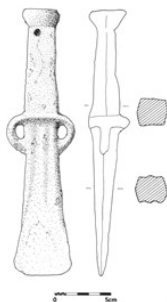
Fig. 5 - Situación do lugar de achado do depósito sobre un mapa de pendentes.

4. DESCRICIÓN DOS MACHADOS

Como se ven dicindo, o depósito componse de dez machados de talón, que apareceron xuntos e amoreados cunha disposición alterna e oposta dos conos de fundición. Para a descrición dos machados respectaremos a numeración que se lle deu inicialmente nos informes arqueolóxicos e no de conservación e restauración.



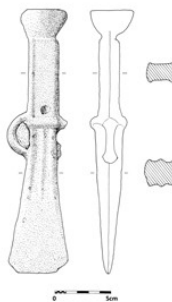
Fig. 6 - Machado nº 1.



1. Machado de talón de dúas anelas e cono de fundición (Fig. 6). Presenta pequenas alteracións superficiais, e defectos de fundición en ambas caras. Forma: caras simétricas, folla con tres nervos, talón sen resaltes laterais, gume romo, lixeiramente curvo. Rebabas de fundición arestadas en talón e anelas. Peso: 975 gr. Dimensións: L (lonxitude total, incluída mazarota) = 238 mm; A (anchura na folla, entre as asas) = 29 mm; A' (anchura no gume) = 50 mm; G (grosor máximo, no tope) = 39 mm.



Fig. 7 - Machado nº 2.



2. Machado de talón de dúas anelas e cono de fundición (Fig. 7). A superficie encóntrase algo alterada. Presenta algunha coquera de fundición. Conserva só unha anela, co oco recheo de bronce. Rebabas de fundición arestadas. Forma: semellante á anterior, coa diferenza de posuír resaltes laterais no talón. Peso= 1.150 gr; L = 239 mm; A = 27 mm; A' = 53 mm; G = 36 mm.



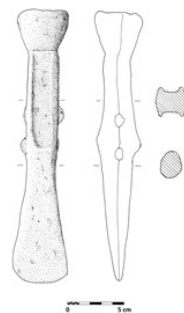
Fig. 8 - Machado nº 3.



3. Machado de talón de dúas anelas e cono de fundición (Fig. 8). Superficie moi alterada por corrosión. Só conserva unha anela, aínda que fracturada. Forma: caras simétricas, folla lisa, talón con resaltes laterais e o que parece un tabiquiño transversal nunha das caras, gume curvo. Peso: 950 gr. L = 255 mm. A = 26 mm. A' = 43 mm, G = 34 mm.



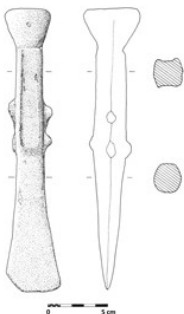
Fig. 9 - Machado nº 4.



4. Machado de talón de dúas anelas e cono de fundición (Fig. 9). Encóntrase algo alterado superficialmente. Non conserva as anelas. Forma: caras simétricas, folla lisa, talón con pronunciados resaltes laterais e tope, gume curvo. Peso: 1.100 gr. L = 239 mm, A = 27 mm, A' = 46 mm, G = 42 mm.



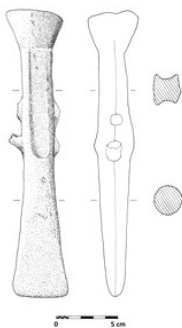
Fig. 10 - Machado nº 5.



5. Machado de talón de dúas anelas e cono de fundición (Fig. 10). Superficie bastante alterada. Presenta pequenas *coqueras* de fundición. Non conserva as anelas. Forma: caras simétricas, folla lisa, talón con resaltes laterais, gume alterado. Peso: 1.000 gr. L = 238 mm, A = 25 mm, A' = 44 mm, G = 36 mm.



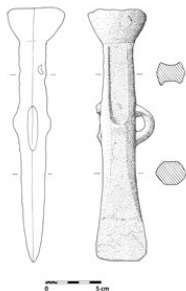
Fig. 11 - Machado nº 6.



6. Machado de talón de dúas anelas e cono de fundición (Fig. 11). Superficie algo alterada. Non conserva as anelas. Forma: caras simétricas, folla lisa, talón con pronunciados resaltes laterais, gume como recto. Rebabas de fundición. Presenta un pequeno bulbo subcónico no terzo proximal do talón. Peso: 1.050 gr. L = 232 mm, A = 25 mm, A' = 44 mm, G = 38 mm.



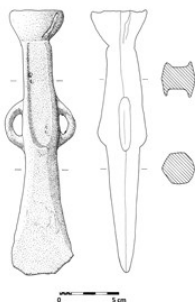
Fig. 12 - Machado n° 7.



7. Machado de talón de dúas anelas e cono de fundición (Fig. 12). Superficie algo alterada. Presenta coqueiras de fundición. Só conserva unha anela. Forma: caras simétricas, folla lisa, talón con pronunciado tope e resaltes laterais, gume practicamente recto. Peso: 1.050 gr. L = 227 mm, A = 30 mm, A' = 45 mm, G = 34 mm.



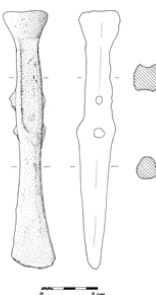
Fig. 13 - Machado n° 8.



8. Machado de talón de dúas anelas e cono de fundición (Fig. 13). Algo alterado superficialmente. Presenta coqueiras e rebabas de fundición. Forma; caras simétricas, folla lisa, talón con pronunciado tope e resaltes laterais, gume cortado irregularmente. Peso: 1.125 gr. L = 220 mm, A = 27 mm, A' = 45 mm, G = 42 mm.



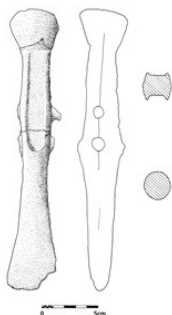
Fig. 14 - Machado n° 9.



9. Machado de talón de dúas anelas e cono de fundición (Fig. 14). Moi alterado por corrosión. Non conserva as anelas. Forma: caras simétricas, folla lisa, talón con resaltes laterais, gume alterado. Peso: 950 gr. L = 230 mm, A = 25 mm, A' = 42 mm, G = 34 mm.



Fig. 15 - Machado n° 10.



10. Machado de talón de dúas anelas e cono de fundición (Fig. 15). Moi alterado por corrosión. Foi partido polo descubridor por dúas partes: á altura do tope, e na unión de mazarota e talón. Non conserva as anelas. Forma; caras simétricas, folla lisa, talón con resaltes laterais, gume roto. Peso: 950 gr. L = 236 mm, A = 24 mm, A' = 39 mm, G = 39 mm.

A empresa de restauración que se ocupou do depósito (Tomos, SL), encargoulle ao AIMEN (Asociación de Investigación Metalúrgica del Noroeste) a finais do ano 1994 un estudo metalográfico e unha análise química do último dos machados (o nº 10), aproveitando que estaba roto por dúas partes. A análise química, foi executada cun espectrómetro de plasma sobre dúas mostras tomadas do núcleo da zona fracturada e das proximidades da parte externa (periferia) do corte. Os resultados son moi estraños, xa que unha das mostras (núcleo) presenta unha elevadísima concentración de Fe, o que non é explicable, mentres que tamén define unha escasa presenza de Sn, case como un elemento traza. As porcentaxes de cobre e de chumbo son superiores ao Sn.

O único que cabe resaltar é que o machado analizado ten cobre e chumbo en porcentaxes significativas, o que tamén se detecta nas metalografías. Coidamos que non se poden extraer máis conclusións desta análise, xa que foi realizada hai uns vinte anos, nunhas condicións que descoñecemos, e o informe non inclúe, por outra parte, ningunha valoración especial⁸. En todo caso, podería ser de interese destacar que este machado (o nº 10), ao igual que os nº 3 e 9, presenta unhas superficies de aspecto distinto ao resto: unha corrosión diferente e unha coloración máis avermellada cas outras pezas, que teñen unha cor máis verdosa.

5. VALORACIÓN DO DEPÓSITO

En primeiro lugar cómpre sinalar que a maioría dos machados – senón todos- foron fundidos en moldes distintos, como resulta bastante habitual noutros depósitos. Moitos dos machados teñen defectos de fundición (vacuolas, rechupes, etc.), e algúns deles mostran rebabas de fundición; todos teñen a mazarota sen extraer, e outros, goteiras sen limar. As costuras de fundición, se ben están remarcadas e mostran o uso dun molde bivalvo, foron regularizadas, eliminándose as cristas. O interior da asa do machado nº 2 está recheo de bronce, o que demostra que a peza non foi rematada. Todos estes sinais, xunto coa presenza en todos os casos do cono de fundición, levan a pensar que os machados non foron usados como ferramenta ou arma; están inacabados.

Por outra parte, a maioría dos machados (oito de dez) só conservan unha ou ningunha anela, o que leva a pensar que foron rotos intencionalmente, para extraerlle porcións de metal, ou ben que romperon accidentalmente. Resulta difícil avaliar se todas esas “irregularidades” son o resultado dunha longa historia das pezas, como parece. Cabe preguntarse se houbo un intervalo de uso ou de circulación do produto, que provocara estas alteracións, e canto tempo transcorreu entre o momento de fabricación de cada machado e o de ocultación, ou ben se unha boa parte das alteracións teñen que ver co contexto postdeposicional. De feito, algunhas fracturas de asas presentan unha sección cónica que parece provocada por unha corrosión capilar e progresiva. Así mesmo, teñen

⁸O informe orixinal, data de marzo de 1995 e está asinado por M^a Rosa Iglesias e Fernando Iglesias, co visto bo de Armando Priegue. Foi entregado recentemente pola empresa Tomos, SL, para a súa incorporación ao expediente administrativo sobre o depósito, que se encontra no arquivo do Servizo de Patrimonio Cultural da Xunta de Galicia, en Pontevedra

roces e fortes alteracións nas partes sobresaíntes do talón e do cono de fundición. En todo caso, deberon circular por varias mans. Pero, dado que non foron usados como ferramenta ou arma, todo leva a pensar nunha tesaurización do metal ou elemento de intercambio.

No seu conxunto (Táb. 1) os machados meden entre 220 e 255 mm de lonxitude; a anchura entre asas varía de 24 a 30 mm, e no gume, de 39 a 53; o grosor máximo no tope, pola súa parte, vai de 34 a 42 mm.

Táboa 1: Dimensións dos machados de tope

Machado nº	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
L	238	239	255	239	238	232	227	220	230	236
A	29	27	26	27	25	25	30	27	25	24
A'	50	53	43	46	44	44	45	45	42	39
G	39	36	34	42	36	38	34	42	34	39

L= lonxitude total, incluído cono de fundición, A= ancho da folla entre asas, A'= ancho no gume, G= grosor máximo no tope (todo en mm).

Polo que respecta ao peso dos machados, oscila entre os 950 e os 1.150 gramos (Táb. 2), o que se encontra por debaixo dos pesos medios dos machados “tipo Minho” (Galán 2005). No seu conxunto, a cantidade de bronce do depósito suma 10,2 kg.

Táboa 2: Peso dos machados de tope

Peso, en gr	Machado nº
1.035	1
1.111	2
938	3
1.078	4
1.015	5
1.039	6
1.012	7
1.108	8
939	9
928	10

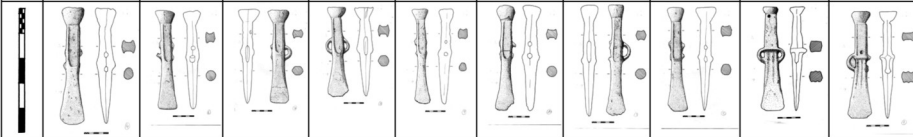





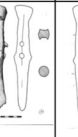
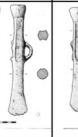

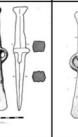
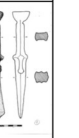
Polas cantidades citadas de metal, o depósito de Cabeiras é un depósito de tamaño mediano – dez machados e 10,300 gr – en comparación cos atopados no ámbito territorial do Miño, posto que o habitual son depósitos de 2, 3 ou 5 pezas; o de Vilar de Mouros, con perto de 200 machados, é excepcional.

Oito dos dez machados (nº 3 a 10) corresponden aos machados “tipo Minho”; concretamente, á variante 29B (Minho B) de Monteagudo (1977), quen os caracteriza do seguinte xeito: 1) son producións en bruto, con cono de fundición e costuras do molde conservadas; 2) fíos rectos ou pouco curvados, curtos, grosos e romos; 3) follas lisas de lados curvos, con seccións grosas, case circulares; 4) topes grosos moi arqueados ou semi-

circulares, en posición baixa-media respecto ás anelas, salvo o machado nº 7, que o ten no medio (Fáb. 3). Segundo Monteagudo, a variante 29B está restrinxida á bacía do Miño e ao NW de Portugal.

Polo que respecta á sistematización de Díaz Andreu (1988), eses oito machados corresponden ao seu tipo 2.3, no que inclúe os tipos 29A, 29B, e parcialmente o 29D, de Monteagudo. As variables esenciais que destaca esta autora son a presenza de dúas anelas, a folla lisa e o cono de fundición.

Táboa 3: Tipoloxía dos machados de Cabeiras

Nº	4	6	7	8	9	10	3	5	1	2
										
L (mm)	239	232	227	220	230	236	255	238	238	239
Peso (gr)	1.100	1.050	1.050	1.125	950	950	950	1.000	975	1.150
M77	29B (Minho B)								29E, 29G, 29H, 39A, 40A	
D88	2.3 (29A, 29B, 29D)								2.5B (39A, 39B, 39C, 39D, 40A, 40B, 40C)	

L: lonxitude total, incluída mazarota. M77: Monteagudo, 1977. D88: Díaz Andreu, 1988.

Os outros dous machados (nº 1 e 2) resulta complicado atribuílos a un tipo específico da tipoloxía de Monteagudo (1977); realmente é un híbrido, a medio camiño entre os estilos Samieira e Minho. Comparten atributos cos tipos 29E, 29G e 29H, pero tamén cos 39A e 40A de Monteagudo (1977). Na sistematización de Díaz Andreu (1988) só poderían ter cabida no tipo 2.5b, onde quedan comprendidos os tipos 39A, 39B, 39C, 39D, 40A, 40B e 40C de Monteagudo. E os atributos que o definen son a presenza de dúas anelas, un nervo sen tope e a posición baixa das anelas respecto ao tope do talón.

Pola distribución xeográfica, sería máis coherente a adscrición dos machados nº 1 e 2 aos tipos 29E e 29 H (Monteagudo, 1977: fig.137c, 138a), que predominan entre o Miño baixo (vertente sur) e o baixo Douro, ou ao tipo 40A, distribuído polo litoral pontevedrés meridional, en contraposición ao 40B, que aparece máis cara o norte.

En calquera caso, todos os machados do depósito de Cabeiras teñen un aire tipolóxico do “Minho”, sen ningunha dúbida.

6. DISCUSIÓN E INTERPRETACIÓN

Na bacía baixa do río Miño coñécense varios depósitos de machados de talón de bronce, pero o de Cabeiras é o único que apareceu, de momento, na vertente galega, polo menos en depósitos terrestres, xa que o depósito de Mougás (Monteagudo 1973, Sierra e Martínez 1975), no concello de Oia, outro dos depósitos de machados de talón aparecidos na zona, non queda propiamente na bacía do Miño, senón na costa atlántica. Non obstante, coñécese outro depósito, que foi atopado en Oleiros (Salvaterra de Miño), no propio curso

do río Miño (Meijide e Acuña 1988), que fai de fronteira con Portugal, pero é de armas. Tamén apareceron cinco machados de talón e outro de cubo⁹ dragando o río Miño, á altura de Caldelas de Tui; pero, este achado non parece que sexa un único depósito, senón un conxunto de depósitos con carácter acumulativo. O resto de machados aparecidos na vertente galega do Miño baixo, non poden definirse con rigorosidade como depósitos, porque os datos do seu contexto son moi vagos.

Contrariamente na vertente portuguesa da bacía do Miño coñécense seis depósitos de machados de talón de bronce (Coelho 2007), en Carpinteira, Catelinha, Monção, Gingleta, Vilar de Mouros e Castelo de Formariz, distribuídos por todo o ámbito xeográfico, sen que se observe unha especial concentración espacial.

Hai outros machados de talón de dúas anelas – con ou sen mazarota de fundición– que apareceron na vertente galega do val do Miño, ben como achados illados ou en castros. En ningún destes casos hai datos ou indicios que leven a pensar na súa definición como “depósito”, aínda que tampouco se pode descartar, sobre todo no caso dos achados de contexto descoñecido ou pouco definido (Delibes 1977, Vilaça 2006). Nos castros, pódense citar a aparición dun anaco dun machado de talón, e a anela doutro, en Torroso (Peña 1992); e entre os achados illados, os de Mosende, Tui, Salvaterra do Miño, Marzán, A Guarda (Monteagudo 1977), entre outros.

O carácter de depósito está claro no caso de Cabeiras, xa que apareceron varios machados de talón agrupados intencionalmente e soterrados, e presentaban unha disposición ordenada. O que non parece estar moi claro é o carácter dese depósito. Na nosa opinión, non hai ningunha proba ou indicio que leve a pensar que a hipótese de tratarse dun depósito con carácter ritual teña consistencia neste caso.

Coidamos que o depósito de Cabeiras non ten ningunha relación coas augas, e nese sentido non cabe facer unha interpretación ligada á ritualidade dos ríos. Como se dicía máis arriba, o sitio está situado a uns 40 m dun rego de auga, que posúe un cauce de moi pouca anchura (0,50 - 1 m) e profundidade (0,30 m), que seca no verán; este rego non pode ter a consideración de río; de feito, nin aparece representado no mapa a escala 1:5.000 (ver fig. 2). O río Miño está situado a 1,6 km de distancia, mentres que, e o río máis próximo (o Cea) localízase a uns 400 m, e ademais non ten unha relación visual directa co lugar do achado, posto que o terreo é alombado entre ambos.

Con demasiada frecuencia e lixeireza se asocia a aparición de depósitos de obxectos de bronce cos ríos, realizando unha análise cartográfica a unha escala inapropiada (pequena), que conducen a querer xustificar uns significados que, previamente, xa están preconcebidos na mente do autor, que segue determinadas tendencias metodolóxicas. No caso en que apareza un machado nun curso fluvial pode estar claro o significado de rito; pero, aínda que máis improbable, tampouco se pode descartar o carácter accidental, sobre todo cando se trata de un único obxecto. O que resulta menos serio é a asociación de

⁹ Aquilino Gómez Santiso publicou no xornal Faro de Vigo, do domingo 18 de setembro de 1983, un artigo a toda páxina (p.33) no que daba a coñecer eses seis machados de bronce, baixo o título “Hallazgo de seis hachas de bronce em Caldelas de Tui”.

depósitos ou obxectos de bronce que apareceron a varios metros ou centenas de metros dun río, sen realizar unha análise previa do territorio. Moi a miúdo se esquece que en Galiza, e na maioría do N de Portugal, hai moi poucos sitios do territorio onde se poida trazar un círculo de radio 500 metros sen que toque un curso de auga; non é gratuíta a afirmación do escritor Alvaro Cunqueiro de que Galiza é o “país dos mil ríos”. Por tanto, esa proximidade non ten un significado estatístico concreto.

En principio, non hai datos para pensar que en Cabeiras poida existir un campo de depósitos (Delibes 1977, Vilaça 2006), como os descubertos excepcionalmente nalgúns lugares, posto que os terreos dos arredores son terras moi traballadas polos cultivos agrícolas, e durante a prospección magnética, realizada no ano 1991, non apareceu ningunha outra peza metálica; se ben, a área de prospección reduciuse á parcela, moi pequena, e tivo dificultades, xa comentadas ao principio deste traballo. Pero, tampouco se pode descartar en absoluto que poidan aparecer outros depósitos nas inmediacións.

Pola súa tipoloxía, os machados do depósito de Cabeiras apareceron nun lugar que se inscribe plenamente na bacía media do Miño, aínda que na mesma hai unha confluencia estilística xa comentada, con machados tipo Minho, predominantes; pero, coa presenza doutros que denotan estilos ou influencias dos machados de talón pontevedreses ou tipo Samieira, como algúns autores os denominan (Galán 2005, por exemplo).

A hipótese de que se trata dun depósito de mercador, con obxectos novos destinados á venda, segundo a clasificación de Briard (1987), sería factible. Desde ese punto de vista, trataríase dunha ocultación de carácter privada, un depósito escondido e quizais non atopado, ou poida que non houbese tempo de recuperalo. Se incluísemos a visión childeana dun mercador itinerante, habería que dicir, que o seu radio de acción sería de curta ou media distancia, en coherencia co ámbito estilístico do seu produto.

Cabe descartar, en principio, que o lugar do achado teña algunha particularidade paisaxística digna de resaltar (relación cunha peneda, cun alto). Está situado nun sitio inexpressivo do espazo e sen significado aparente; aínda que, como apunta Vilaça (2006), iso non significa que no pasado non puidese ter sido un referente xeográfico ou simbólico, hoxe desaparecido.

Tampouco parece que o depósito se sitúe nunha marxe “tipolóxica-cultural”, nin nun lugar de habitación; aínda que, respecto disto último, localízase perto dun castro, pero, non parece que o Monte Policarpio, polo emprazamento que ocupa, sexa anterior á 2ª Idade do Ferro.

Do que non hai dúbida, é de que o depósito de Cabeiras se sitúa nunha área de paso natural do Oeste para o Leste, que comunica o litoral atlántico coas terras interiores ourensáns, a través do val do río Miño; se ben, non é a única área de paso para comunicar esas rexións, pois máis ao norte, existen outras. Evitamos a palabra camiño ou vía, porque levan a un significado lineal.

A área de paso de que falamos está asociada ao propio val do río Miño, que nesta zona é aberto. Por tanto, esa zona de paso ten unha anchura importante (de 2 ou 3 km en paralelo ao río). Daquela, a localización de calquera obxecto nese espazo non conduce a un significado específico, porque senón todo o aparecido nesa área tamén o tería. En consecuencia, a hipótese de que o depósito de Cabeiras podería estar vinculado a un rito de paso – aínda que sen poder descartalo tampouco –, non tería moito fundamento.

En cambio, si se pode afirmar que o depósito de Cabeiras foi soterrado nunha área de tránsito habitual, nunha das dúas áreas fundamentais que atravesan a bacia baixa do Miño. Unha é aquela que aproveitando a depresión meridiana galega atravesa o val do Miño en dirección Sur-Norte (Fig. 16), poñendo en doada comunicación todas as comarcas atlánticas de Galiza e do Norte de Portugal; e a outra, é a que en dirección Oeste Leste comunica o litoral atlántico coa provincia de Ourense, en paralelo ao río Miño, que coincide cunha vía de comunicación medieval (Fig. 17), segundo o estudo realizado por Ferreira (1984).

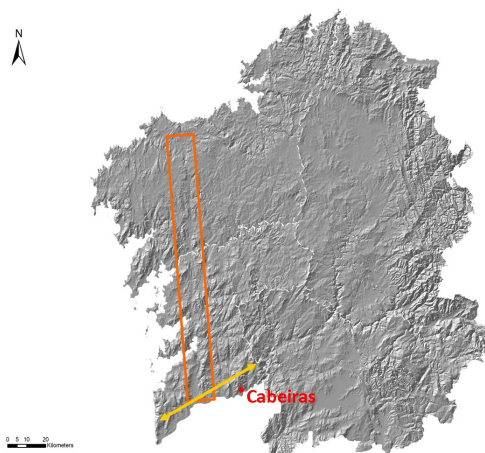


Fig. 16 - Situación do depósito de Cabeiras en relación coas dúas áreas de comunicación natural máis importantes na bacia baixa do río Miño.

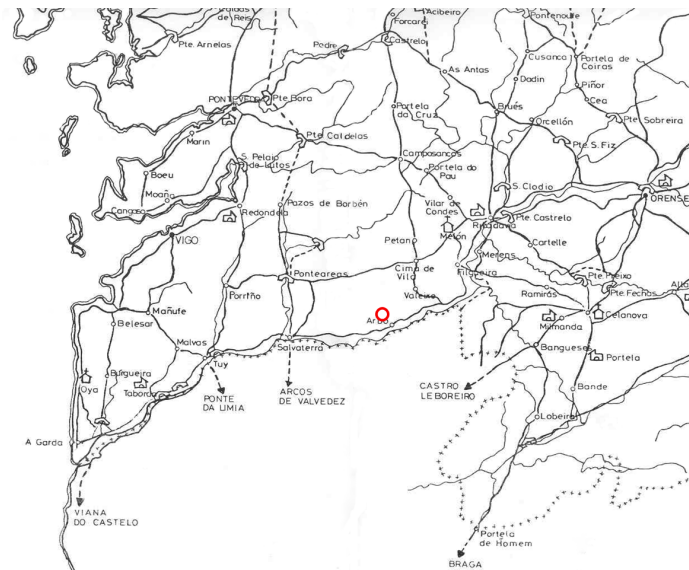


Fig. 17 - Situación do depósito de Cabeiras en relación ás vías de comunicación medievais da zona, segundo Ferreira Priegue (1984).

Respecto da primeira área de paso, o depósito de Cabeiras queda moi lonxe, non ten ningunha relación directa; en cambio, intégrase plenamente na segunda.

Realmente, non hai datos claros como para poder definir o carácter do depósito (Fig. 18); porén, tendo en conta que os machados non foron usados nunca como tal, e que á maioría lle falta as anelas, parece tratarse dun acocho, ben de fundidor, ben de calquera persoa que escondeu uns obxectos valiosos para o intercambio, cun fin de tesourización.

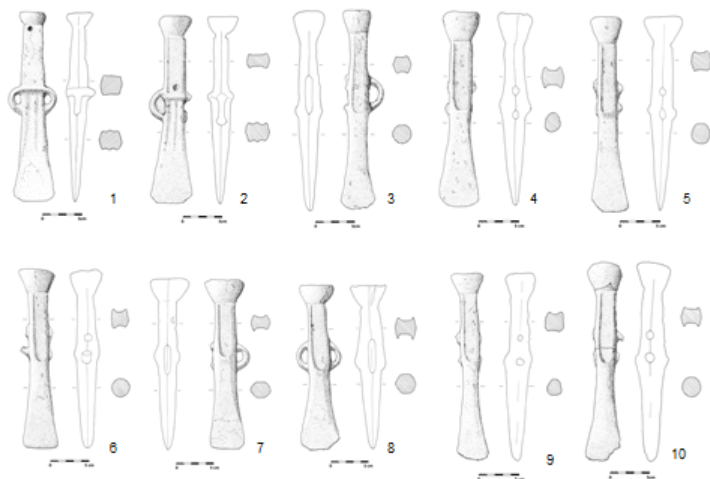


Fig. 18 - Depósito de Cabeiras (Arbo).

Os depósitos de machados de talón, e os mesmos machados con dúas anelas, veñen sendo adscritos á última etapa do Bronce Final; pero, hoxe en día esta fase é controvertida en si mesma, e o único significado co que queda, en realidade, é netamente cronolóxico, non cultural. O intervalo cronolóxico (Ss. VIII-VI a.C.) no que se datan estes machados de aliaxes ternarias coincide coa primeira etapa dos castros do NW peninsular, e máis concretamente, de Galiza. Por exemplo, no Castro de Torroso (Peña 1992), que é un castro desa cronoloxía, apareceu un anaco dun machado de talón conxuntamente cos outros obxectos de bronce coetáneos (machado de cubo, caldeiro, colgantes amorcelados, atrompetados, bicónicos, fibula de codo, etc.) e cerámicas da fase inicial dos castros galegos. No Castro da Torre de Padín (idalgo 1990-91), en Vigo, tamén apareceu un anaco dun machado de talón de dúas anelas nun nivel con materiais dese momento (colgante amorcelado de bronce, cerámicas castrexas antigas), aínda que este castro, a diferenza de Torroso, continúa habitado ininterrompidamente ata despois do cambio de era. Tamén no castro da Punta do Muíño (Alcabre, Vigo), apareceu un depósito de seis machados de talón vinculados aos niveis antigos do poboado protohistórico (Suárez 2004), que continúa habitado durante a 2ª Idade do Ferro.

Por outra parte, existen moitos exemplos de aparición de machados de talón de dúas anelas en castros (Monteagudo 1977), en proporcións moi semellantes aos que aparecen

fora deles ou sen contexto coñecido, polo que quizais sexa xa tempo de comezar a revisar á adscrición dos machados de talón de dúas anelas e, sobre todo, o depósito dos mesmos, ao Bronce Final. Son xa demasiadas coincidencias. E por que non se poden adscribir eses machados á primeira Idade do Ferro onde cobrarían máis sentido, asociados ás transformacións económicas e sociais do momento e á complexización do poder? A esa etapa e a esas transformacións culturais, algúns vímoslle chamando 1ª Idade do Ferro, non Bronce Final (Rey Castiñeira 1999, Carballo 2002, González Ruibal 2006-2007).

Son xa varios casos de depósitos de machados de talón que aparecen nas proximidades dos castros. Ao de Cabeiras que, como se dicía, apareceu a uns 200 m dun castro, hai que sumar o de Estea-Saiáns (Vigo) que tamén apareceu hai non moito tempo a unha distancia parecida doutro castro (Rodríguez Paz e Hidalgo 1990). Pero, a diferenza dos casos comentados con anterioridade, os Castros do Monte Policarpio, en Cabeiras (Arbo), e o de Estea, en Saiáns (Vigo), non parece que, pola posición xeográfica e emprazamento que ocupan, sexan castros da 1ª Idade do Ferro, senón posteriores ao S. V a.C. E se os machados de talón continuasen a circular durante a 2ª Idade do Ferro? Non se pode esquecer que no depósito de Catelinha (Moreira, Monção) apareceron fíbulas da 2ª Idade do Ferro formando parte do depósito conxuntamente cos machados de talón (Russell Cortez 1951), ou as cerámicas romanas que se recuperaron do acocho de Mougás (Sierra e Martínez 1975). Tampouco se pode descartar – aínda que non pareza o máis probable – que determinados depósitos fosen reliquias, como apunta Vilaça (2006); isto é: obxectos retirados da circulación, que se convierten en memoria ou representacións do pasado.

BIBLIOGRAFÍA

- BRIARD, J. 1987. Dépôts de bronze, haches à douille, pré-monnaie et fausse monnaie. *Mélanges Offerts au Docteur J.-B. Colbert de Beaulieu*. Paris: Le Léopard d'Or, 133-143.
- CARBALLO ARCEO, L.X. 2002. *A cultura castrexa na comarca de Deza*. Colección Deza Básicos 4. Lalín: Patronato Cultural de Lalín - Seminario de Estudos do Deza.
- DELIBES DE CASTRO, G. 1997. Una introducción al tema de los depósitos del Bronce Final en el Oeste de Europa. *Acontia* 3: 61-72.
- DÍAZ ANDREU, M. 1988. El análisis discriminante en la clasificación tipológica: Aplicación a las hachas de talón de la península ibérica. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología* 54: 25-64.
- FERREIRA PRIEGUE, E. 1988. *Los caminos medievales de Galicia*. Boletín Auriense Anexo 9. Ourense.
- GALÁN DOMINGO, E. 2005. Evolución, adaptación y resistencia. En torno a las formas de intercambio de las comunidades atlánticas en contacto con el mundo orientalizante. In S. Celestino Pérez; J. Jiménez Ávila (eds.) *El Período Orientalizante*. Vol. I. [Anejos de Archivo Español de Arqueología 35]. Madrid: CSIC, 467-475.
- GONZÁLEZ RUIBAL, A. 2006-2007. *Galaicos. Poder y continuidad en el Noroeste de la Península*

- Ibérica (1200 a.C.-50 d.C.).* [Brigantium 18-19]. A Coruña: Museo Arqueolóxico e Histórico Castelo de San Antón.
- HIDALGO CUÑARRO, J.M. 1990-91. Últimas excavaciones de urgencia en Vigo: castros y yacimientos romanos. *Castrelos* 3-4:191-215.
- MEIJIDE CAMESELLE, G.; ACUÑA CASTROVIEJO, F. 1988. Nuevas armas del Bronce Final halladas en Galicia. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología* 51: 174-187.
- MONTEAGUDO, L. 1973. Hachas de tope de Mougás (Pontevedra). *Cuadernos de Estudios Gallegos* 28 (84): 128-142.
- MONTEAGUDO, L. 1977. *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*. München: P.B.F. IX/6.
- PEÑA SANTOS, A. 1992. *Castro de Torroso (Mos, Pontevedra). Síntesis de las Memorias de las Campañas de Excavaciones 1984-1990*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.
- REY CASINEIRA, J. 1999. Secuencia cronológica para el castreño meridional galaico: los castros de Torroso, Forca y Trega. *Gallaecia* 18: 157-178.
- RODRÍGUEZ PAZ, F.J.; HIDALGO CUÑARRO, J.M. 1990-91. Nuevos hallazgos de la Edad del Bronce en Vigo: el depósito de hachas de Estea-Saiáns. *Castrelos* 3-4: 65-83.
- RUSSEL CORTEZ, F. 1951. O escoderijo de Moreira (Monção). Elementos para a cronología dos machados de bronce de talão e duplo anel. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 13 (1-2): 155-161.
- SIERRA RODRÍGUEZ, J.C.; MARTINEZ DO TAMUXE, J. 1975. El depósito de Mougás: nuevos datos sobre la protohistoria del W de Galicia. *El Museo de Pontevedra* 29: 121-161.
- SUÁREZ OTERO, J. 2004. Depósito de machetas de Alcabre. Catálogo da exposición: *Até o Confin do Mundo. Santiago e o Mar*. Xunta de Galicia, 27.
- SILVA, A.C.F. 2007. *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira (2ª ed.).
- VILAÇA, R. 2006. Depósitos de Bronze do Território Português. Um debate em aberto. *O Arqueólogo Português* 24: 9-150.

UN “CAMPO DE DEPÓSITOS” EN EL LECHO DEL RÍO MIÑO: EL CONJUNTO DE INSUA GRANDE, UNA REVISIÓN DEL CONTEXTO DEPOSICIONAL

Alexandre Manteiga Brea¹

Resumen: Esta comunicación pretende dar a conocer algunas novedades sobre las circunstancias de hallazgo de un conjunto de hachas de tope con dos anillas laterales y un hacha de cubo con una anilla encontrado por el verano de 1983 mientras se realizaban labores de extracción de arena del río Miño, en la Insua Grande, "freguesia" de Friestas, Valença, y conservado en el Museo Diocesano de Tui. El conjunto fue dado a conocer en una noticia publicada en el Faro de Vigo (18-9-83), con el título “Hallazgo de seis hachas de bronce en Caldelas”. Estas hachas han sido relacionadas con el hallazgo de un casco de finales de la Edad de Hierro descubierto en el mismo tramo del río por los trabajadores de la gravera de Caldelas. Ambos hallazgos han sido revisados en sendos artículos publicados por el Museo y Archivo Histórico Diocesano de Tui (Santiso et al. 1977; Santiso 1986).

Se ofrecen también algunas hipótesis con respecto a la posible intención de esta y otras deposiciones similares en el área Atlántica, y su posible relación con vías de paso.

Palabras claves: Edad del Bronce Final, Conjunto de hachas de tope con dos anillas laterales, Hacha de cubo, Contexto deposicional, Campo de depósitos.

Abstract: This paper aims to review the circumstances of discovery of an axe set found in the summer of 1983 during dredging operations in the Miño River, in the Insua Grande, Friestas parish, Valença, and curated at the Diocesan Museum of Tui. The axe set was first published in an article of the Faro de Vigo (18-09-83), titled ‘Hallazgo de seis hachas de bronce en Caldelas’. The axes have been associated with the discovery of a Late Iron Age helmet of the Iberian Northwest, found in the same stretch of the river by the Caldelas gravel pit workers. Both discoveries have been reviewed in two articles published by the Museum and Historical Archive of the Tui diocese (Santiso et al. 1977; Santiso 1986).

Also some interpretations are provided regarding the possible intention of this, and other similar depositions in the Atlantic area, and their possible relation with overland routes.

Keywords: Late Bronze Age, Set of axes, Double looped palstaves, Socketed axe, Depositional context, Hoarding area.

1. OBJETIVOS

Con este trabajo pretendemos revisar el contexto de deposición y las circunstancias de descubrimiento de un conjunto de hachas del Bronce Final recuperado del fondo del río Miño a la altura de la Insua Grande. De acuerdo con la noticia publicada en 1983 por Aquilino G. Santiso, en el Faro de Vigo (18-9-83), y por la que se dio a conocer este conjunto, las seis hachas aparecieron en el lecho del río Miño en Caldelas de Tui.

¹ PhD student at Minho University. Estudiante de doctorado en la Universidad de Minho, Braga, Portugal. E-mail: alex.manteiga@gmail.com

Como parte del trabajo de documentación del contexto de recuperación de este conjunto nos desplazamos al lugar del hallazgo en el que pudimos entrevistar a Salvador Pérez Fernández, antiguo trabajador de la gravera de Caldelas de Tui y testigo presencial de ambos descubrimientos, que nos refirió más información con respecto al lugar preciso del hallazgo y a las circunstancias en que fueron encontrados. Tuvimos igualmente la oportunidad de estudiar el contexto físico del lugar de hallazgo, ciertamente importante para su interpretación.

Los resultados de esta investigación se inscriben dentro del área de estudio del proyecto de tesis doctoral titulado “Depósitos de la Edad del Bronce de la fachada occidental del Noroeste de Iberia entre las cuencas del Vouga y del Ulla: Contextos e interpretaciones”.

2. CIRCUNSTANCIAS DEL DESCUBRIMIENTO

Tal y como refiere la noticia del Faro de Vigo (Santiso 18-9-83): *“Este hallazgo como la mayor parte de los de este tipo, fue producto de la casualidad y sus protagonistas son los mismos del casco de la parroquia de Caldelas, el río Miño y las mismas personas: El propietario de la gravera, don José González Domínguez, y sus empleados cuando se hallaban dragando el río”, de acuerdo con la misma noticia “hay que situar el lugar del hallazgo a 100 m. aproximadamente aguas abajo del “penedo” y a 150 m., también aproximadamente aguas arriba de donde se extrajo el casco” [...] “dista de los manantiales de aguas termales unos 400 m. El extracto se sitúa a 4 m., aprox., por debajo del lecho natural del río, lo que hace una profundidad total de unos 7 metros desde la superficie. Se trata de 6 hachas aparecidas en días sucesivos; unas, al descargar la materia prima sobre camión, y, otras sobre un disco protector de la estación de machaqueo”.*

De acuerdo con Salvador Pérez Fernández el primero en aparecer fue el casco de tipo Montefortino, de finales de la Edad de Hierro, en febrero de 1976, mientras se extraía arena del río Miño por medio de un arrastre (Santiso *et al.* 1977)².

Años más tarde, por el verano de 1983, y en zona cercana al hallazgo del casco, sacaron las hachas. Estas aparecieron en días sucesivos mientras trabajaban en un mismo tramo del río (este hecho sugiere que los distintos objetos reunidos en el conjunto de Insua Grande podrían constituir diferentes depósitos), aparecieron mezcladas con la arena, sin que se apreciaran diferencias de color en el sedimento que las rodeaba. En cuanto las vieron fueron apartadas en la orilla hasta que el descubrimiento fue puesto en conocimiento de uno de los dos propietarios de la draga, conocido como el “Pasos Largos” o Manuel “O Grande”.

Después de preguntarle por la posibilidad de que hubieran aparecido más piezas, nuestro informador dibujó una lanza, de la cual no se tiene constancia en el museo, pero que también podría haber sido depositada en esta zona.

²Al igual que el otro conjunto de Insua Grande, también apareció en el fondo del río en el lugar del Penedo, a unos 4 ó 5 m por debajo del lecho del río. Está decorado a base de bandas finas en el borde de la pieza, y en su parte posterior presenta una decoración acunada en forma de dientes de sierra. El casco muestra dos orificios laterales para facilitar la sujeción por medio de dos protecciones para las mejillas. Este depósito fue interpretado como una posible ofrenda propiciatoria a las aguas por un grupo armado que quisiera cruzar el Miño (Singul 2004: 52).

El ingenio que utilizaban para extraer la grava del río, consistía en una torre situada en la orilla que incluía un motor, el cual alimentaba la catenaria de dos cables unida al mecanismo de extracción, que consistía en una cuchara con dientes. Ésta estaba suspendida en el lecho del río por medio de una roldana por la que pasaba el cable que la conectaba a la torre, y era fijada a su vez por dos boyas en superficie. Una vez en el fondo, la cuchara se arrastraba con dirección a la orilla, en la que quedaba almacenaba la grava y arena, que luego pasaba por la machacadora y finalmente por la criba. La draga era manejada por dos hombres (siendo uno de ellos Salvador), y otro hombre más a cargo del camión que cargaba los áridos ya en la orilla y los trasladaba a la gravera. Los dos hallazgos se localizaron a unos 4 ó 5 m por debajo del fondo, en un mismo tramo del río, que en ese punto puede alcanzar unos 3 ó 4 m de profundidad, y a cerca de 20 m de la margen portuguesa.

3. CONTEXTO ADMINISTRATIVO Y FÍSICO

La zona donde aparecieron ambos hallazgos se sitúa a unos 100 m de la margen gallega del río y a 20 m de la margen portuguesa en la Insua Grande (antigua isla en el río Miño de soberanía compartida entre España y Portugal), en el lugar de Penedo, "freguesia" de Fries-tas, concello de Valença, distrito de Viana do Castelo.

Las coordenadas geográficas decimales, en el sistema WGS 84 son: N 42,0523778; W -8,5758111, Alt. 14m (Fig. 1).

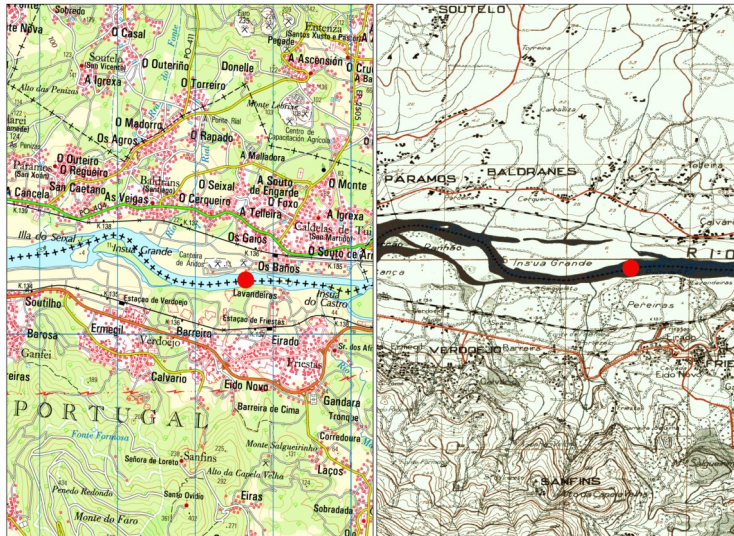


Fig. 1. - Localización del conjunto de hachas de la Insua Grande (situación en el mapa topográfico 1/25.000, del Instituto Geográfico Nacional de España, no. 260 h30, y en la Carta Militar de Portugal, 1/25.000, hoja no. 2).

Esta zona se encuentra en la cuenca baja del Miño, en un tramo del río donde se hace sensible el efecto de las mareas y en el que confluyen numerosos cursos de agua en

ambas riberas, norte y sur, incluyendo unos manantiales de aguas termales, en latín *Aquae Calidae*, en las inmediaciones del lugar de hallazgo, que dan origen al nombre de Caldelas (Santiso *et al.* 1977: 40).

4. CARACTERÍSTICAS FORMALES DE LOS OBJETOS

En nuestra visita al Museo Diocesano pudimos observar los ejemplares que componen este conjunto, siendo cuatro de ellos hachas de tope con dos anillas laterales (nos. 1, 2, 3 y 4), un hacha de cubo (no. 6) y un fragmento de hacha (no. 5) (Fig. 2). De este último ejemplar (no. 5), solo se conserva el filo y parte del cuerpo hasta justo por debajo de las anillas. Es muy probable que este fragmento sea parte de un hacha de tope con dos anillas laterales, debido a las dimensiones y forma del filo, menos desarrollado que en el ejemplar de cubo, y similar al de los de los ejemplares de tope en este mismo conjunto.



Fig. 2 - Materiales del conjunto de Insua Grande.

Tres de las hachas de tope muestran acanaladuras verticales y otras dos carecen de nervios o acanaladuras. En algunos casos (nos. 1, 3, 4 y 5) se advierten las rebabas de fundición, y en dos casos todavía se advierte el cono de fundición (nos. 1 y 2). La fragmentación de parte de los ejemplares pudo ser efecto de la draga, pudiendo haber sido afectados por la misma en el momento de la extracción. Solamente tres ejemplares se encuentran en estado completo, las hachas nos. 1, 2 y 6, incluyendo 2 hachas de tope con 2 anillas laterales y con cono de fundición (Fig. 3.1 y 3.2) y 1 hacha de cubo (Fig. 3.6).

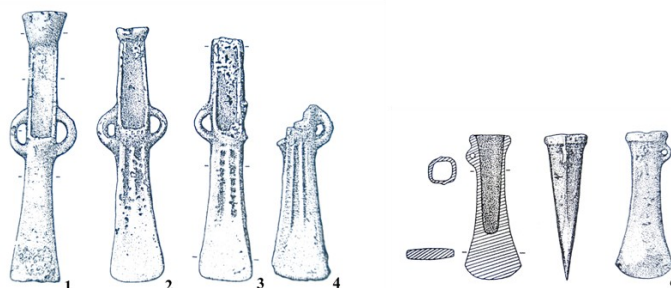


Fig. 3 - 1, 2, 3 y 4: hachas de tope con 2 anillas laterales; 6: hacha de cubo con 1 anilla lateral del conjunto de Insua Grande 1 (según Santiso 1986).

Los restantes ejemplares nos. 3, 4 y el fragmento no. 5 se encuentran en diferentes estados de conservación, incluyendo un fragmento de parte del cuerpo y filo de una posible hacha de tope, un fragmento de hacha de tope con el filo parte del cuerpo y de las anillas, y un hacha de tope a la que le falta una de las anillas.

5. CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS DE LOS OBJETOS

Todas las hachas de tope presentan en mayor o menor medida evidencias del proceso de fundición, con rebabas visibles en todos los ejemplares, menos el hacha no. 3 que presenta evidencias de uso, y conos de fundición presentes en dos de ellas (nos. 1 y 2), lo cual revela que nunca fueron utilizadas

Algunas hachas muestran vacuolas y poros de fundición (nos. 2 y 3), lo que evidencia un acabado defectuoso. Aún a pesar de la coincidencia en el peso de las hachas nos. 2 y 3, y al hecho de que todas ellas presentan un diseño muy semejante, casi con todas probabilidad las hachas de tope con dos anillas laterales fueron fundidas en distintos moldes bivalvos (Tab. 1).

El hacha de cubo presenta una zona de empuñadura tubular, con una profundidad máxima de 80 mm, y un filo curvo bastante desarrollado que presenta evidencias de uso. No conserva rebabas y tampoco se aprecian otros defectos de fundición.

Tabla 1 – Características de las hachas en estudio

OBJETO	LONG. TOTAL	PESO
Hacha de tope con 2 anillas laterales (no. 1)	240 mm	1150 gr
Hacha de tope con 2 anillas laterales (no. 2)	220 mm	1020 gr
Hacha de tope con 2 anillas laterales (no. 3)	205 mm	1020 gr
Fragmento de hacha de tope con 2 anillas laterales (no. 4)	-	-
Fragmento de hacha (no. 5)	-	-
Hacha de cubo (no. 6)	116 mm	205 gr

6. RESULTADOS E INTERPRETACIONES

El conjunto de hachas del Bronce Final se recuperó del lecho del río en una zona alejada (a cerca de 150 m para el oeste) al lugar donde apareció el casco de tipo Montefortino (Fig. 4). Este hecho evidencia la pervivencia de esta tradición de depositar objetos metálicos en un tramo específico del río Miño.

Algunos autores han relacionado su deposición con la existencia de un lugar de paso que podría marcar la vía de penetración del ejército romano, muy posiblemente a través de una ruta de comunicación preexistente (González Ruibal 1991). No hay tampoco que subestimar la existencia en las inmediaciones del lugar de hallazgo de este conjunto de un manantial de aguas mineromedicinales, que debido a sus cualidades o propiedades, podrían reforzar aún más la naturaleza simbólica del lugar.



Fig. 4 - Casco de finales de la Edad de Hierro de Insua Grande expuesto en el Museo Diocesano de Tui (alto 17,5 cm x diámetro 25,2 cm).

Es evidente que la variabilidad de los contenidos responde a criterios de selección previos a la amortización del conjunto. Este carácter también se advierte en los contextos de deposición, donde parece haber una recurrencia en cuanto a la amortización de metal en medios acuáticos, muy especialmente en determinados ríos y en zonas específicas de los mismos, como por ejemplo el Ulla, en Galicia (Comendador 2010). En este sentido, podríamos considerar incluso la posibilidad de que conjuntos como el de Insua Grande sean el resultado de amortizaciones “modestas”, constituidas por la deposición de artefactos metálicos de forma cíclica, pudiendo haber sido amortizados en distintos momentos y a lo largo de varios siglos, constituyendo un verdadero campo de depósitos, dispersos (Verron 1983), muy probablemente asociados a un lugar especial, quizá de paso, donde se realizaban ritos o ceremonias relacionados con el simbolismo o la celebración de los medios acuáticos y de sus propiedades (Bradley 1990, 2000; Verlaeck 1996; Fontijn 2002).

En términos de la cuenca del río Miño el grupo de hachas de Insua Grande, es uno de los tres conjuntos pertenecientes al Bronce Final que han sido localizados en esta zona del río. Estos incluyen el depósito de Gingleta (Verdoejo, Valença), que fue encontrado “*ao arrancar um alto pinheiro d’uma bouça situada nas proximidades do posto fiscal da Gingleta sobre a margem do rio Minho*” (Fortes 1905-1908: 661) y que recientemente fue relocalizado por nosotros, motivo por el cual sabemos que no pertenece a la parroquia de Ganfei, conforme a la noticia original, sino a la parroquia de Verdoejo³. Cuenta con 24 hachas de tope con 2 anillas laterales (algunas de ellas con cono de fundición). El otro depósito es el de Illa das Touzas (parroquia de Santa María de Oleiros, concello de Salvaterra), formado por dos espadas de lengua de carpa (una

³ Inquirida la población local, todos fueron unánimes de que la Gingleta y el puesto de la Guarda Fiscal, que aún existe, nunca pertenecieron a Ganfei pero sí a la parroquia de Verdoejo.

completa y la otra fracturada), que fueron “*dragadas en aguas del río Miño, en el lugar denominado Illa das Touzas*” (Acuña Castroviejo & Meijide Cameselle 1985: 175).

La zona donde aparecieron todas estas deposiciones coincide con un estrechamiento del cauce del río Miño y con una relativa abundancia de pequeñas islas (Fig. 5), lo que facilitaría el paso del río a la altura de Caldeas de Tui, zona en la cual existen varios topónimos que remiten al término *ponte* (Santiso *et al.* 1977: 42-43) y que se sitúa en las proximidades del conjunto. Teniendo en cuenta que en la Edad del Bronce el río correría más encajado, según el trabajo efectuado para la cuenca del Lima por Alves *et al.* (2003) y que obedecen a un fenómeno generalizado, por lo que el espejo de agua sería menor que hoy en día, y más fácil de atravesar.



Fig. 5 - Zona donde se encontraron los depósitos de Insua Grande (Información provista por Salvador Pérez Fernández).

En términos de paralelos para hachas en las aguas, en el Noroeste de Iberia, tenemos que referir otros dos depósitos en ríos que contienen hachas de cubo, incluyendo uno en el Lima formado por un hacha de cubo con dos anillas, encontrado por una draga entre el lugar de Passagens (margen sur) y la parroquia de Lanheses (margen norte) (Almeida 1990), y el depósito de Ribeira en el Cávado, conteniendo también un hacha de cubo con dos anillas (Bettencourt 1988), siendo ambos lugares de paso fluvial (Bettencourt 2009, 2013).

Existen paralelos con otros depósitos atlánticos que reproducen tanto los contextos de

deposición como los contenidos amortizados. Los ocho depósitos de Marchésieux, Manche, en Francia, contienen un total de 403 hachas que fueron depositadas en el fondo de un canal en una marisma cercana a Marchésieux. La distribución de los depósitos en distintos conjuntos, con desigual número de hachas y con una orientación N-S, ha sido considerada como depósitos asociados a un camino que cruzaba la marisma (Tabbagh & Verron 1983). En Ke-adby, North Lincolnshire, Inglaterra, fueron descubiertas alrededor de 30 hachas de cubo del Bronce Final al hundir los cajones en el río Trent durante la construcción del puente nuevo en 1915, ya en el lecho del río, o cerca de la orilla en la margen este (Dudley 1949).

El número de objetos involucrados, con una gran variedad de tipos, la asociación con posibles vías de paso fluvial y la recurrencia de este fenómeno en áreas muy concretas sugiere que estos depósitos obedecen a actos premeditados de amortización de objetos, bien durante periodos de tiempo cortos, bien largos en el mismo lugar, como parece ser el caso de estudio. No hay que olvidar que los lugares de paso fluvial fueron, hasta hace poco, siempre lugares temerosos y respetados, como nos cuentan numerosas leyendas a propósito.

Agradecimientos

Este trabajo fue efectuado, también, en el ámbito del proyecto *Espaços Naturais, Arquitecturas, Arte Rupestre e Deposições na Pré-história Recente da Fachada Ocidental do Centro e Norte Português: das Ações aos Significados* - ENARDAS (PTDC/HIS-ARQ/112983/2009), financiado por el Programa Operacional Temático Factores de Competitividad (COMPETE) y coparticipado por el Fondo Comunitario Europeo FEDER, en el cual se inscribe su tesis de doctorado.

El autor agradece, también muy especialmente, al señor Salvador Pérez Fernández y al señor Xoan Martínez Tamuxe las informaciones prestadas y al director del Museo Diocesano de Tui la oportunidad de observar las piezas.

BIBLIOGRAFÍA

- ACUÑA CASTROVIEJO, F., MEIJIDE CAMESELLE, G. 1985. Nuevas armas del Bronce Final halladas en Galicia. *Boletín del Seminario de Arte y Arqueología* 51: 174-187.
- ALMEIDA, C.A.B. 1990. *Proto-História e Romanização da bacia inferior do Lima* Viana do Castelo: Estudos Regionais nº esp. 7/8.
- ALVES, A.C.; ALVES, M.I.C.; ÍNSUA, D.P. & GONÇALVES, M. 2003. Aluviões de Bertandres (Ponte de Lima): estudo preliminar para a reconstituição ambiental holocénica no Entre Douro e Minho. *Ciências da Terra*, nº especial 5. CD-ROM: A1-A4.
- BETTENCOURT, A.M.S. 1988. Novos achados metálicos do Bronce Final na bacia do médio Cávado. *Cadernos de Arqueologia* 5: 9-22.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2009. A Pré-História do Minho. Do Neolítico à Idade do Bronze. In P. Pereira (coord.) *Minho. Traços de Identidade*. Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho, 70-118.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2013. O Bronce Final no Noroeste português. Uma rede com-

- plexa de lugares, memórias e ações. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 20: 157-172.
- BRADLEY, R. 1990. *The Passage of Arms. An Archaeological Analysis of Prehistoric Hoards and Votive Deposits*. Cambridge: Routledge.
- BRADLEY, R. 2000. *The Archaeology of Natural Places*. London: Routledge.
- COMENDADOR REY, B. 2010. Space and memory at the mouth of Ulla River (Galicia, Spain). In A.M.S. Bettencourt; J.M. Sanches; L.B. Alves & R. Fábregas Valcarce (eds.) *Spaces and Places for Agency, Memory and Identity in Prehistoric and Protohistoric Europe. Proceedings of the 15th Congress of the International Union for Prehistoric and Protohistoric Sciences, Lisbon (September 2006)*. BAR International Series. Oxford: Archaeopress, 99-109.
- DUDLEY, H. 1949. *Early Days in North-West Lincolnshire*. Caldicott: Scunthorpe.
- FONTIJN, D.R. 2002. *Sacrificial Landscapes. Cultural Biographies of Persons, Objects and 'Natural' Places in the Bronze Age of the Southern Netherlands*. Leiden/Leuven: Peeters.
- FORTES, J. 1905-1908: Esconderijo morgueano de Ganfei (Valença). *Portugalia* 2: 661.
- GONZÁLEZ RUIBAL, A. 1991. Camino del tiempo: orígenes protohistóricos de la vía XIX, *Larouco* 3: 157-170.
- SANTISO, A. 1983. Hallazgo de seis hachas de bronce en Caldelas de Tui, *Faro de Vigo*, del 18 de septiembre de 1983, p. 33.
- SANTISO, A. 1986. Hachas de Bronce de Caldelas, Tui, *Museo y Archivo Histórico Diocesano* 4: 424-426.
- SANTISO, A.G., GÓMEZ SOBRINO, J. & TAMUXE, X. 1977. Casco Celta de Caldelas de Tui, Singular hallazgo arqueológico, Tui, *Museo y Archivo Histórico Diocesano* 2: 39-48.
- SINGUL, F. 2004. Casco de tipo Montefortino. In F. Singul & X. Suárez (eds.) *Até o Confín do Mundo. Diálogos entre Santiago e o Mar*. Vigo: Galaxiz, 52.
- TABBAGH, A. & VERRON, G. 1983. Étude par prospection électromagnétique de trois sites à dépôts de l'Age du Bronze. *Bulletin de la Société Préhistorique Française, Études et Travaux* 80 (10-12): 375-389.
- VERLAECKT, K. 1996. *Between River and Barrow. A Reappraisal of Bronze Age Metalwork Found in the Province of East-Flanders (Belgium)*, British Archaeological Reports, International Series 632). Oxford: Archaeopress.
- VERRON, G. 1983. L'interprétation des dépôts de l'Âge du Bronze a la lumière de prospections et de fouilles récents. Enclos Funéraires et Structures d'Habitat en Europe du Nord-Ouest. *Rennes: Université de Rennes-Beaulieu. Laboratoire d'Anthropologie*, 263-281.

O DEPÓSITO DE MACHADOS DO BRONZE FINAL DE COBIDALTO, AREOSA (VIANA DO CASTELO). NOVOS DADOS PARA A SUA CONTEXTUALIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Ana M. S. Bettencourt¹, Beatriz Comendador ²,
Pedro Pimenta Simões³ & M. Isabel Caetano Alves³

Resumo: No âmbito do Projeto Enardas iniciaram-se trabalhos de revisão de depósitos e de achados metálicos assim como da sua contextualização física e ambiental. Após um ano de pesquisas foi possível determinar o local exato do depósito designado por Monteagudo (1977) como da Areosa e referido na Carta Arqueológica de Viana do Castelo como tendo aparecido no lugar do Fincão, freguesia da Areosa. De notar, igualmente, que este depósito estava dado como depositado no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Viana do Castelo.

Tendo sido possível encontrar um dos achadores, foi também levantada a história das suas condições de achado bem como da sua dispersão por diferentes particulares.

Identificaram-se alguns dos seus proprietários, que visitámos, tendo sido possível reavaliar seis dos oito artefactos então encontrados. Foi também possível determinar que não existe qualquer machado deste depósito no município de Viana.

O depósito foi encontrado numa diaclase de xisto, no lugar do Cobidalto, freguesia da Areosa, concelho e distrito de Viana do Castelo, nas margens de um ribeiro que desagua diretamente no oceano. Tendo em conta que a linha da costa era mais recuada durante a Idade do Bronze, o seu contexto, se bem que próximo do litoral, era sobretudo fluvial. Tal como hoje, a linha da costa seria, então, profusamente rochosa sendo as imediações do local de grande impressividade, dado o conjunto de geoformas existentes.

Seria certamente um local de passagem entre as terras mais interiores e o mar e também um lugar liminar.

Palavras-chave: Bronze Final, Depósito de machados de talão, Contexto físico e espacial, Lugar liminar.

Abstract: As part of Project Enardas we have worked on the formal study of hoards and metal findings as well as their physical and environmental context. After a year of research it was possible to determine the exact location of the deposit called the Areosa by Monteagudo (1977) and as having appeared in the place of Fincão, parish of Areosa, in the Archaeological Chart of Viana do Castelo. It should also be noted that this hoard was given as filed in the “Gabinete de Arqueologia” of Viana do Castelo City hall.

Having been able to find one of the hoard finders it was also raised the story of the finding conditions as well as their dispersal by different individuals.

After that we identified some of their owners that we visited to re-evaluate six of the eight axes found then. It was also possible to determine that there is no axe of this hoard in the “Gabinete de Arqueologia” of Viana do Castelo City hall.

¹ Departamento de História da Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4710-057 Braga (Portugal); Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória – CITCEM/UM. E-mail: ana-bett@uaum.uminho.pt

² Facultad de Historia, Universidad de Vigo (España); Grupo de Estudios de Arqueología, Antigüidade e Território - GEAT. E-mail: beacomendador@uvigo.es

³ Departamento de Ciências da Terra, Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4710-057 Braga (Portugal); Centro de Geologia da Universidade do Porto - CGUP/UM/CCT: E-mail: pedropimenta@dct.uminho.pt; icaetano@dct.uminho.pt

The deposit was found in the interior of an open foliation of a schist, in the place of Cobidalto, Areosa parish, county and district of Viana do Castelo, on the banks of a stream that flows directly into the ocean.

Keywords: Later Bronze Age, Palstaves hoard, Physical and spatial context, Liminal place.

1. INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo dar a conhecer a localização, as circunstâncias do achado e o destino do vulgarmente conhecido depósito da Areosa encontrado antes de 1977 e publicado, pela primeira vez, por Monteagudo (1977: refs. 1034, 1057, 1061, 1089, 1111, 1121, 1481, 1489). Neste trabalho o autor desenha os oito machados que diz terem sido encontrados por uma criança, numa fenda rochosa, perto do mar, na freguesia da Areosa, na “*Praia Norte, Castelo Velho*” (*idem*: 170). Tendo em conta que a Praia Norte corresponde, hoje, a uma área de pouco menos do que 1 km de extensão a sul do forte do Rego das Fontes (o referido Castelo Velho de Monteagudo), o seu contexto torna-se vago. Acrescente-se que nas fichas manuais da Carta Arqueológica de Viana do Castelo, da responsabilidade de Carlos Alberto Brochado de Almeida, que consultámos numa cortesia do Gabinete de Arqueologia deste município, o achado é dado como sendo do Rego das Fontes, que se localiza a sul do forte, embora nenhuma explicação tenha sido dada sobre como se conseguiu esta pretensa contextualização do depósito. Perante estes dados, todos eles muito vagos, considerámos pertinente, desenvolver esforços para encontrar algum dos descobridores que pudesse elucidar, de forma definitiva, o contexto deste achado, as suas condições de recuperação e o seu destino. Pretendia-se, ainda, a partir dos novos dados, equacionar algumas hipóteses sobre a interrelação das populações do Bronze Final com o meio, na perspectiva de contribuir para a interpretação deste tipo de fenómeno de ocultação de artefactos metálicos.

Este trabalho foi realizado no âmbito do projecto ENARDAS e demorou mais de um ano e só obteve êxito através do incansável trabalho do Sr^o António Martins da Costa Viana, morador no lugar dos Cabeços, freguesia da Areosa, historiador local e conhecedor de grande parte da microtoponímia da freguesia, hoje em vias de extinção dado o emparcelamento que se verificou na veiga da Areosa durante o século XX e a nova reforma administrativa que acabou com os antigos lugares, transformando-os em inúmeras ruas.

2. A RECUPERAÇÃO DO CONTEXTO

Tendo um de nós (AMSB) recorrido à Junta de Freguesia da Areosa para tentar saber se eram possuidores de alguma informação sobre o achado, remeteram-nos para o Sr^o António Martins da Costa Viana que gentilmente nos recebeu. Por sorte ele tinha sido amigo do comprador de cinco machados que, enquanto vivo, lhe escrevera uma nota sobre o assunto, dizendo-lhe que estes tinham sido encontrados por uns rapazes do lugar dos Cabeços, um dos lugares da Areosa.

Com esta informação parecia-nos fácil encontrar quem se lembrasse do achado e dos respetivos achadores mas, na verdade, tal tarefa demorou mais do que um ano. Foi por acaso que em conversa com o Sr^o Raul Marques, o Sr^o António Costa Viana⁴ ficou a saber quem era um dos achadores. Tratava-se do Sr^o Carlos Alberto Caldas Cerqueira, há muito emigrado em França, mas que viria passar férias a Portugal, em Agosto de 2013 sendo possuidor de uma habitação lugar da Povoença, freguesia da Areosa. Finalmente e por intermédio do Sr^o Raul Marques tornou-se possível promover um encontro com o Sr^o Carlos Alberto Caldas Cerqueira para que nos indicasse o local e as condições do achado.

Segundo o seu testemunho, o achado deu-se na década de 60 do séc. XX, talvez nos fins do Inverno ou na Primavera (pois ainda corria água no regato do Fincão) onde andavam a brincar com barquinhos feitos de casca de pinheiro. Eram três rapazes: ele, o Chico Malhado e o Adriano ou Luciano, afirmando que, qualquer um deles, já não morava na Areosa. Segundo o Sr^o Carlos o Adriano ou Luciano foi o primeiro que viu os machados numa cavidade natural, muito perto do ribeiro do Fincão, a norte. Estavam a descoberto um ou dois, juntamente com seixos e terra. Tendo começado a remexer no local, encontraram os outros, que estavam por baixo, o que nos indicia que estavam uns sobre os outros, informação contraditória à de Monteagudo (1977: 170) que diz que estes se encontravam na vertical. Dada a profundidade da concavidade se estivessem na vertical teriam que estar ao lado uns dos outros.

Como o Luciano/Adriano não se interessasse muito pelo achado, ficou apenas com um, o Chico Malhado⁵ com dois e ele com os restantes cinco, tendo entretanto partido um bocadinho de um ao bater com ele numa parede. De entre os machados que ficaram com os colegas, um deles foi vendido por 1000\$00 escudos o que equivale a 5 euros atualmente.

O Sr^o Cerqueira foi “oferecer” os machados ao Fangeira – um sucateiro que vivia na Povoença, não tendo a filha efetuado o negócio porque o pai se encontrava ausente. Entretanto apareceu um “guarda-soleiro” itinerante que os comprou para fazer ferros de soldar por *um dinheiro que já dava para comprar cigarros*. A história do achado espalhou-se através de um rapazote que a contou na taberna denominada Casa Amazonas. A filha do dono ou o próprio dono foi contar o sucedido à Guarda Republicana que perseguiu o “guarda-soleiro” e apreendeu os cinco machados. Ao fim de três meses, a Guarda Republicana chamou a mãe do Sr. Cerqueira e devolveu-lhe os machados, que os vendeu à Casa Seixas, sita no Campo do Castelo, na freguesia de Monserrate, em Viana do Castelo. Daí foram comprados pelo erudito Raúl de Matos, morador no lugar de S. Mamede, freguesia da Areosa onde ainda se conservam, na posse da viúva.

Segundo o local indicado e as nossas observações, o depósito foi amortizado numa pequena concavidade em forma de cunha, de direção aproximadamente norte-sul, com cerca de 1 m de comprimento por 0,40 m de largura e 0,30 m de profundidade, existente na rocha, do tipo xisto andaluzítico de grão fino, do Ordovícico (Teixeira *et al.* 1972) a

⁴ Sobrinho de Abel Viana e incansável colecionador da sua obra.

⁵ Terá trabalhado nos Estaleiros Navais de Viana do Castelo. Não conseguimos encontrar o paradeiro deste senhor.

cerca de 1,5 m a norte de onde hoje corre o ribeiro do Fincão⁶ mas onde, no passado, correu sem dúvida antigo curso de água pelas características geomorfológicas do lugar (Fig.1).



Fig. 1 - O Sr^o Carlos em frente ao lugar do achado (à esquerda) e a cavidade onde foi encontrado (à direita).

A este propósito um dos signatários (PPS) geólogo de formação verificou que, na área próxima do depósito, observa-se uma zona deprimida em que os xistos se encontram polidos. Trata-se de uma forma em pequeno canal, com 3,5 m de largura, de fundo achatado e polido e de direção aproximadamente E-W que terá sido formado pela erosão da água. A cerca de 20 m mais abaixo, em direção ao mar, existe uma outra superfície em forma de canal, mais curta em comprimento, também polida, de direção aproximadamente norte-sul, perpendicular à forma de canal anteriormente descrita (Fig. 2). Esta forma é mais estreita a sul ($\pm 3,5$ m), abrindo para norte (± 5 m).



Fig. 2 - Ribeiro que corre na área do achado e pequena enseada na sua foz (à esquerda). Ribeiro e cavidade, em primeiro plano, onde foi encontrado o depósito (à direita).

⁶ Há cerca de 120 anos o ribeiro do Fincão foi desviado, passando originalmente mais a norte, onde é hoje o caminho do Seixo, a sul da Etar e onde estão os moinhos de vento. O seu desvio deveu-se à construção da Casa da Baganha, no lugar da Povoença, Arcosa (informação do Sr^o António da Costa Viana que investigou sobre o assunto). No entanto, perto do achado já passava um curso de água, o que é notório, quer pela informação documental, quer pela geomorfologia do local.

Os xistos contactam a oeste com rochas quartzíticas também do Ordovícico (Pereira 1989). Sobre a superfície modelada nos xistos, pode-se observar numerosos seixos e blocos rolados, bem arredondados, essencialmente de composição quartzítica, e que correspondem à dispersão dos materiais dos depósitos de praias antigas do Holocénico (Teixeira et al. 1972), situados por cima dos xistos andaluzíticos, a nascente do local do achado do depósito metálico (Fig. 3). O desmantelamento, por processos geológicos, dos depósitos de praias antigas preexistentes, depositados sobre a plataforma litoral modelada sobre os referidos xistos andaluzíticos explica a existência de seixos na proximidade e no interior da concavidade onde foi efetuado o depósito metálico, sendo que aqueles poderão ter sido usados para preencher o espaço vazio após a deposição dos machados.

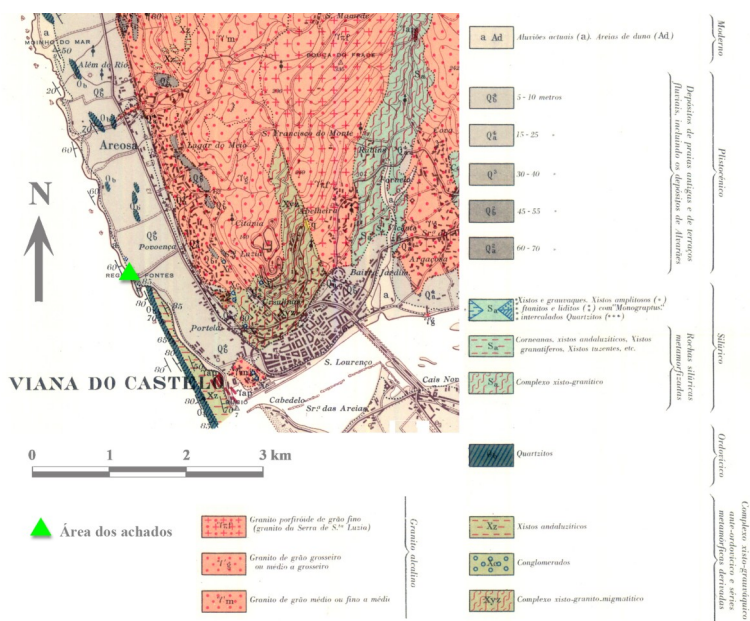


Fig. 3 - Localização do local na Carta Geológica de Portugal, n° 5-A, na esc.1: 50 000 (Teixeira et al. 1972).

Do local do achado avista-se o mar e a costa rochosa onde desagua, agora, o ribeiro do Fincão (Fig. 2). A poucas centenas de metros para sul desta área e do Forte do Rego das Fontes, há uma enseada que funcionou como portinho natural para pequenos botes até ao séc. XX. Para norte e noroeste, a poucas dezenas de metros do local do depósito há numerosas solapas, impressionantes, que se avistam parcialmente do Cobidalto.

Apurámos, ainda, que antes do emparcelamento da veiga da Areosa o microtopónimo do local era Cobidalto ou Cabidalto, segundo indicação do Sr. António Costa Viana, ficando os Perinhos, a sul do ribeiro do Fincão e mais a sul, a cerca de 200 a 300 m, o Rego das Fontes onde existe uma fonte de grande caudal (a fonte do Rego das Fontes).

O achado, ocorreu, portanto, no Cobidalto/Cabidalto, no lugar da Povoença, freguesia da Areosa, distrito de Viana do Castelo, às coordenadas geográficas decimais, no sistema WGS 84 de: N. 41° 42.025'; W 08° 51.393' à altitude de c. de 6 m (Fig. 5).



Fig. 4 - Localização do achado arqueológico na Carta Militar de Portugal, folha nº 40, escala 1:25 000 (IGEOE 1997).

2. A RECUPERAÇÃO DO CONJUNTO

Na tentativa de visualisarmos parte do conjunto, um de nós (BCR) iniciou os trabalhos pela observação do espólio metálico existente no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Viana do Castelo onde foi depositado parte do espólio arqueológico proveniente do Museu de Artes Decorativas de Viana. Por comparação com os desenhos de Monteagudo (1977) verificámos que, de facto, nenhum dos machados em reserva, correspondiam ao referido depósito⁷, pelo que seria importante iniciar a procura das suas condições de depósito.

⁷No verão de 2011, Beatriz Comendador Rey estudou um conjunto de 20 machados de talão com dois anéis e 1 machado de alvado, pertencentes à coleção depositada em diferentes instituições da Câmara Municipal de Viana do Castelo. Pode, ainda, estudar um machado de talão inédito, de propriedade particular, mas em depósito provisório no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Viana do Castelo. Na primeira observação identificou um número mínimo de 11 machados, além de 3 fragmentos de gumes e um fragmento de gume e talão, que no total perfazem um conjunto de, pelo menos, 15 machados. Alguns continham etiquetas relativas à numeração que tinham no museu de onde procederam. No entanto, como não se conservaram as fichas antigas e os arqueólogos da câmara desconheciam a procedência dos machados, consideravam-nos como fazendo parte de dois depósitos: um inédito, supostamente encontrado aquando da construção da antiga central de autocarros, onde hoje se localiza o Hotel Axis, em Viana do Castelo, e o outro, como sendo o depósito do Rego de Fontes, Areosa (Monteagudo, 1977; Brochado 2008). Efetuado o estudo do conjunto, comprovámos que nenhum dos machados correspondia às descrições e aos desenhos efetuados por Luís Monteagudo (1977: nº 1034, 1057, 1061, 1089, 1111, 1121, 1481, 1489) relativos ao depósito de Areosa.

Como já foi referido, logo na primeira entrevista com o Sr^o António da Costa Viana, tivemos conhecimento que os cinco machados que tinham sido do Sr^o Cerqueira, se encontravam na posse da viúva do Sr^o Raúl de Matos, a sr^a D. Maria Alice Fernandes da Silva, moradora no Lugar de S. Mamede, freguesia da Areosa, tendo sido possível vê-los e estudá-los de novo, através da mediação do Sr^o António Viana. Este mesmo senhor informou-nos que talvez o antigo proprietário da serralharia Franco, Lda, sita na Av. do Meio, n^o 1162, Areosa, tivesse comprado alguns machados, dado tratar-se de um colecionador de velharias e de artefactos de interesse arqueológico. Assim, por intervenção da Junta de Freguesia de Areosa, pudemos falar com dois dos seus herdeiros, o Sr^o António Joaquim Teixeira Franco e a Sr^a D. Anabela Teixeira Machado Franco, que nos informaram ter a coleção do seu pai sido dividida pelos vários filhos. Tivemos oportunidade de observar a coleção de quase todos eles com duas exceções. De entre os inúmeros machados de bronze que observámos, todos sem etiqueta ou qualquer registo de lugar de proveniência (sendo, pelo menos um deles, falso), foi possível reconhecer um machado como sendo do depósito da Areosa. Tratava-se do n^o 1061 de Monteagudo (1977) (Fig. 5). Ficaram por conhecer o depósito de dois machados. Ainda falámos com os antigos antiquários da Areosa na tentativa de saber se algum deles teria comprado o machado que se vendeu por 1000\$00 escudos mas nenhum deles respondeu afirmativamente.



Fig. 5 - Conjunto de cinco machados propriedade da família do Sr. Raul de Matos e de um machado propriedade do Sr. António Joaquim Teixeira Franco, moradores na freguesia da Areosa, concelho e distrito de Viana do Castelo.

3. CARACTERÍSTICAS DO CONJUNTO

O depósito era composto por oito machados de talão de duas argolas, tal como publicou Monteagudo (1977). Com uma exceção, todos conservavam o cone de fundição maciço e restos de rebarbas e, em geral, não apresentavam indícios de terem sido utilizados.

Segundo as suas características morfológicas e dimensões todos eles foram realizados em moldes bivalves, mas distintos (Tab. 1).

Tab. 1 – Dimensões dos machados segundo Monteagudo (1977) e pesos

Ref. Monteagudo	Alt. máx.	Diâmetro máx.	Ancis máx.	Larg. gume	Esp. máx.	Peso aprox.
1034	237	40	(43)	57	37	1200
1057	244	50	64	55	30	1100
1111	270	-	70	55	30	1225
1089	230	45	52	43	45	1075
1481	217	-	65	63	43	1025
1061	213	38	69	47	39	1172
1489	250	-	52	-	24	-
1121	214	-	43	-	28	-

Nos seis machados que observámos, em termos técnicos notavam-se problemas de fundição, como o aparecimento de vácuos ou poros. A forma do cone de fundição indica que foram fundidos verticalmente mas com um ligeiro ângulo de inclinação. A ausência de cone de fundição num dos machados deve-se a um defeito de fundição.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E INTERPRETAÇÕES

Em síntese, estamos face a um depósito de machados de talão de dupla argola do Bronze Final, provido de cone de fundição (com uma exceção resultado de defeito de fundição) apresentando todos os objectos rebarbas de fundição o que significa que não houve intenção de os acabar, pelo que não tiveram uma função prática durante o seu tempo de vida.

Creemos que o local escolhido para a amortização deste depósito não foi arbitrário, pelo que seria já portador de sentidos, constituindo a deposição de artefactos metálicos, a materialização da sua importância social.

O espaço visualizado seria igualmente um espaço de vivência e de importância simbólica para as comunidades, pelo que damos especial importância ao facto de os depositantes se terem encontrado num local com ampla visualização para sul, onde se avista a costa e o mar, a foz do Lima, o Monte do Galeão e, em último, recortado no horizonte,

o Monte Crasto/Cova da Bouça, já em Esposende e onde, no Bronze Médio, se amortizou um depósito de machados e de uma espada proto-argárica (Fig. 6). Para oeste e noroeste avista-se a costa rochosa e o mar que, neste período, estaria um pouco mais para ocidente segundo os trabalhos de sedimentologia efetuados nas aluviões do rio Bertandos, afluente do Lima, que mostram que este corria a cota inferior à actual, pelo que a linha da costa estaria mais afastada (Alves *et al.* 2003).

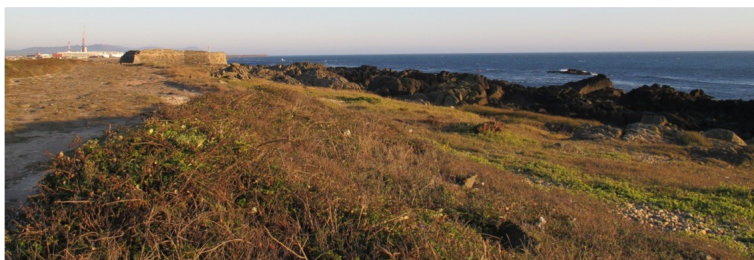


Fig. 6 - Aspecto da área a sudoeste e sul do achado. Ao fundo, por detrás do forte vê-se o Monte Crasto, em Esposende

Para norte, além da plataforma litoral, no horizonte fica o promontório de Montedor. A nordeste e este a plataforma litoral e as vertentes oeste da serra de Santa Luzia de onde nascem inúmeros cursos de água que alimentam a veiga (Fig. 7).



Fig. 7 - Parte da plataforma litoral e serra de Santa Luzia visualizada a partir do local do depósito.

A plataforma litoral constitui um excelente corredor natural de passagem terrestre entre o sul e o norte e, à micro-escala, o ribeiro constitui, igualmente, um bom corredor de acesso ao mar a partir da terra, no sentido este-oeste, pelo que, além da sua ligação óbvia com as águas, este depósito foi amortizado numa área de encruzilhada de caminhos com excelente visibilidade para diferentes quadrantes. Mas este local é também um lugar liminar entre vários elementos nem sempre pacíficos, como a água doce e a água salgada, a terra e o mar, a planície e a serra, o que poderia ter sido, igualmente, significativo.

Trata-se pois de um depósito de “margem” na perspectiva que lhe dá Vilaça (2006), contíguo ao hoje denominado ribeiro do Fincão, mas também depósito de “encruzilhada” e depósito “liminar”, lugares que, no imaginário popular, são quase sempre associados ao mundo sobrenatural e perigoso. De destacar a lenda que existe sobre esta área costeira

que refere ser povoada por bruxas e feiticeiras endiabradas, segundo Couto *et al.* 1935)⁸.

Deste modo, cremos ser plausível colocar a hipótese de que o depósito do Cobidalto, simbolizaria, no plano simbólico, o encontro de diferentes grupos ou indivíduos, materializado pelos diferentes fabricos de machados que celebrariam um lugar deveras significativo em termos da sua cosmogonia e de uma lógica animista de percepção do mundo, ainda presente em muitos hábitos e crenças do noroeste.

Agradecimentos

Este trabalho foi efetuado no âmbito do projeto Espaços Naturais, Arquiteturas, Arte Rupestre e Deposições na Pré-história Recente da Fachada Ocidental do Centro e Norte Português: das Ações aos Significados - ENARDAS (PTDC/HIS-ARQ/112983/2009), financiado pelo Programa Operacional Temático Factores de Competitividade (COMPETE) e participado pelo Fundo Comunitário Europeu FEDER.

Os autores agradecem, ainda, aos senhores António Costa Viana, António Franco, Rui Marques e Cerqueira todas as informações prestadas; às senhoras Anabela Franco e Maria Alice Fernandes da Silva e familiares a possibilidade de observar os machados de que são depositárias e à Junta de Freguesia de Areosa, os contactos e diligências efetuadas para a concretização deste trabalho.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, A.C.; ALVES, M.I.C.; ÍNSUA, D.P. & GONÇALVES, M. 2003. Aluviões de Bertandos (Ponte de Lima): estudo preliminar para a reconstituição ambiental holocénica no Entre Douro e Minho. *Ciências da Terra*, nº especial 5. CD-ROM: A1-A4.
- COMENDADOR REY, B.; BETTENCOURT, A.M.S.; SIMÕES P.P. & ALVES, M.I.C. 2014. O depósito de machados do Bronze Final de Cobidalto, Areosa (Viana do Castelo). Novos dados para a sua contextualização. Poster apresentado no *3rd Enardas Colloquium. Living places, experienced places. The Northwestern Iberia in Prehistory - Braga, 2nd-3th may of 2014. Abstracts book*. CITCEM, APEQ, Departamento de História da Universidade do Minho. Braga: 31-32. Disponível em www.enardas.pt.
- COUTO, A.; VIANA, T.S. & ARAÚJO, J.R. 1935. Subsídios Etnográficos. *Alto Minho* 1:27-30.
- MONTEAGUDO, L. 1977. *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*. Prähistorische Bronzefunde. Munich: Mann Verlag. Refs: 1034, 1057, 1061, 1089, 1111, 1121, 1481, 1489.

⁸ *...perto do castelo de Santiago da Barra, caminho da Praia-Norte, existiu uma grande lage conhecida por «Pedra da Linhaça». Era este o sítio predileto para a reunião das feitiçeras do bairro piscatório... Em dias indeterminados, mas sempre ao bater da meia noite, reunia o grupo em fraternal convívio, pontificando o demónio. Indigitavam-se, como componentes do rancho, várias mulheres que, iludindo os maridos, se ausentavam da casa pelo buraco da fechadura. Para tal fim, untavam-se com banha de porco ou azeite virgem, seguindo-se à unção o espoldrinhamento indispensável na cinza da lareira. Muitas vezes se ouvia, bem longe, para lá do Campo da Agonia, o gargalhar estridente das endiabradas bruxas. Porém, quando qualquer pessoa destemida, se abalançava a ir-lhes no encaço, logo se sumiam para os lados da Praia, para não mais serem vistas» (Couto et al. 1935:29).*

O depósito de machados do Bronze Final de Cobidalto, Areosa (Viana do Castelo). Novos dados para a sua contextualização e interpretação

- PEREIRA, E. (coord.). 1989. *Carta Geológica de Portugal à escala 1:200.000*, Folha . Lisboa: Serv. Geol. Portugal.
- TEIXEIRA C.; MEDEIROS A.C. & COELHOA.P. 1972. *Carta Geológica de Portugal na escala 1:50000. Notícia explicativa da folha 5-A (Viana do Castelo)*. Lisboa: Serv. Geol. Portugal.
- VILAÇA, R. 2007. *Depósitos de Bronze do território português. Um debate em aberto*. Conimbriga – Anexos 5. Coimbra: Universidade de Coimbra.

ACHADOS METÁLICOS DO VOUGA E DO BAIXO-MONDEGO (CENTRO DE PORTUGAL): CONTRIBUTOS PARA A SUA CONTEXTUALIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Carlos Cruz¹, Ana M. S. Bettencourt², Beatriz Comendador Rey³
& Alexandre Rodrigues⁴

Resumo: O objetivo deste texto é a apresentação do contexto físico de cinco achados ou conjuntos metálicos da bacia do Vouga e do Baixo-Mondego resultantes de trabalhos de prospeção efetuados no âmbito do projeto Enardas. Referimo-nos aos achados ou depósitos designados por Coles de Samuel e Vale Centeio, ambos no concelho de Soure; ao de Travassos, no concelho da Mealhada e ao de Baralhas, no concelho de Vale de Cambra.

No primeiro foi possível identificar o local e o contexto cultural do conjunto metálico e perceber que este correspondia a um depósito fechado; no caso de Vale Centeio foi apenas identificado, no terreno, o local genérico do achado; no caso de Travassos foi realocado o achado e nos casos de Baralhas foram descritos com mais acuidade os contextos físicos dos locais de achado.

Apesar das particularidades todos os achados apresentam alguns denominadores comuns em termos físicos: conectam-se, direta ou indiretamente, com pequenas bacias de receção ou nascentes, com sítios relativamente depressionários e com visibilidades restritas. Apesar desta última característica, todos estes locais se vinculam com vales agrícolas que visualizam.

A conjugação da localização destes achados no espaço, com a sua morfologia e as suas características técnicas possibilitam-nos algumas interpretações de ordem cultural sobre as comunidades da Idade do Bronze que as depositaram.

Palavras-chave: Bacias do Vouga e Baixo-Mondego, Bronze Final, Achados metálicos e depósitos, Contextos físicos, Propósitos sociais.

Abstract: The aim of this paper is the presentation of the physical context of five metallic finds and hoards found in the Vouga and Lower Mondego basins and resulting from surveys made under the project Enardas.

We refer to the findings and hoards called Coles de Samuel and Vale Centeio, both in the municipality of Soure; to Travassos, in the municipality of Aveiro and to Baralhas, in the municipality of Vale de Cambra. At first, it was possible to identify the location and the cultural context of the metallic hoard and realize that this corresponded to a closed deposit; in the case of Vale Centeio has been only identified in the field, the general location of the find; in hoard of Travassos has been relocated and the gold hoard of Baralhas the physical contexts of the find have been described more precisely.

Although the specifics, all findings have some common denominators in physical terms: they are directly or indirectly connect with small watersheds or springs and in sites with restricted visibility. Despite this last feature, all these places are bound with agricultural valleys that visualize.

¹ Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória – CITCEM/UM. E-mail: simoes.cruz@gmail.com

² Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória – CITCEM/UM; Departamento de História da Universidade do Minho. Campus de Gualtar, 4710-057 Braga, Portugal. E-mail: anabett@uaum.uminho.pt

³ Grupo de Estudos de Arqueologia, Antiguidade e Território - GEAT; Faculdade de História, Universidade de Vigo, Galiza, Espanha. E-mail: beacomendador@uvigo.es

⁴ Arqueólogo. Câmara Municipal de Vale de Cambra. E-mail: alexdavidrodrigues@gmail.com.

The combination of the location of the finds in space, with its morphology and its technical characteristics, allow us some interpretations of cultural features of the Bronze Age communities that deposited them.

Keywords: Vouga e Mondego lowers basins, Late Bronze Age, Metallic finds and hoards, Physical contexts; Social purposes.

1. INTRODUÇÃO

Os achados e os depósitos metálicos têm sido vulgarmente estudados nas suas perspetivas formais e tecnológicas, dado o desconhecimento de muitos dos seus contextos espaciais e condições de achado.

Ora, este é um dos aspetos que consideramos fundamental para que possamos interpretar as motivações dos atores que estão por detrás das ações ou dos atos de depositar.

Neste sentido, é objetivo do projeto Enardas contextualizar e conhecer as condições de achado de artefatos metálicos nas diversas áreas que abarca. Neste texto vimos apresentar 4 casos de estudo distribuídos pelas bacias do Baixo Mondego e do Baixo Vouga, a saber: o designado conjunto de Coles de Samuel e o achado de Vale Centeio, ambos no baixo Mondego e os depósitos de Travasso e de Baralhas, no Baixo Vouga.

A partir dos resultados obtidos equacionar-se-ão algumas hipóteses interpretativas sobre os lugares e as motivações de deposição por parte das comunidades da Idade do Bronze.

2. METODOLOGIA

A metodologia usada para elaborar este trabalho foi a da consulta de fontes antigas mas, sobretudo, o trabalho de campo, que implicou encontrar os antigos proprietários dos locais onde foram localizados artefatos metálicos, assim como os seus achadores, quando estes não eram coincidentes. Nestes casos realizámos inquéritos tendo por base uma série de categorias de análise pré-estabelecidas. Por vezes, os informantes foram inquiridos mais do que uma vez para esclarecimentos. Nestes casos, visitámos os locais dos achados na companhia dos achadores e preenchemos fichas de contexto físico e ambiental.

Para os achados mais antigos, em que não foi possível localizar os seus achadores nem precisar com exatidão o local da descoberta, precisámos os topónimos no terreno, tentámos isolar a área abarcada por eles e analisámos as suas características físicas e ambientais.

3. CASOS DE ESTUDO

3.1. Fazenda da Horta do Casalinho versus Coles de Samuel

O conjunto metálico designado como de Coles de Samuel, foi inicialmente publicado em 1971, tendo, na altura, sido dado como proveniente do lugar de Coles, na freguesia

de Samuel, concelho de Soure, distrito de Coimbra. Por serem desconhecidas as condições de achado são vários os autores que põem em questão, se se trataria, de facto, de um depósito, como é o caso de Vilaça em 2008 ou Bottaini, em 2012.

Senna Martinez, em 1989, cartografa o local, com base em informações fornecidas por Ana Margarida Serra, do Museu Municipal Dr. Santos Rocha, mas, mesmo assim, os dados não são coincidentes com os recolhidos neste trabalho.

Este conjunto estudado por vários autores (Pereira 1971; Monteagudo 1977; Coffyn 1085, 1998; Melo 2000) corresponde a 6 foices de “tipo Rocanes”, 6 braceletes, 1 escopro, 4 machados de alvado e 1 machado de talão unifacial, efetuado em ligas binárias, atualmente depositados no Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra (Fig. 1).



Fig. 1 - Conjunto de Coles de Samuel (seg. Alarcão & Santos 1996).

Em Agosto de 2013, o primeiro signatário deste trabalho, em trabalho de campo, consegue encontrar o achador do depósito. Trata-se do Sr. António Martins, de 77 anos, morador no lugar do Casalinho, freguesia de Samuel. Das diversas entrevistas então efetuadas apurou que o achado foi encontrado numa propriedade rural denominada Fazenda, pertencente ao sítio da Horta do Casalinho, lugar do Casalinho, freguesia de Samuel, concelho de Soure e não no lugar de Coles (coordenadas geográficas segundo o sistema decimal WGS84: 40.075444 ° N / 008.697331 ° W; Alt.: 60 m) (Fig. 2); que este ocorreu nos inícios dos anos 60, entre 1960 e 1962; que foi encontrado quando o achador se encontrava a revolver o terreno com uma enxada para o plantio de vinha, a cerca de 1 m de profundidade, em terra barrenta, sendo "o barro" onde se encontraram os objetos, igual ao das zonas limítrofes, sem ocorrência de quaisquer outros materiais, pedras ou calhaus rolados; que os objetos estavam todos juntos e sem que se tivesse notado outros artefatos em associação.

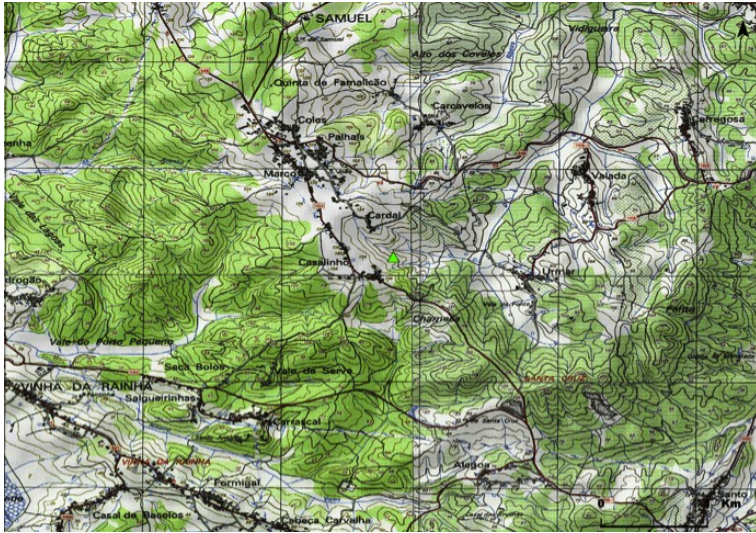


Fig. 2 – Localização do sítio da Fazenda - Horta do Casalinho. Extrato da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25000, nº 219 (IGE).

Quanto à disposição precisa dos objetos o achador respondeu que "*...estavam mesmo num monte*" dando a impressão de "*... terem sido enterrados de propósito*". *Devem ter sido postos lá, ... devem ter escavado o barro e enterrado lá as peças*". Avivada a memória, reafirmou terem sido os machados a aparecer em primeiro lugar. Depois, "*... mexemos a terra e iam aparecendo as outras que recolhíamos à mão. Às foices chamávamos meias-luas*".

Informou, ainda, que o achado permaneceu em sua casa, mais ou menos um ano, e que sabendo tratar-se de objetos estranhos "*do tempo dos mouros*" procurou saber o seu valor junto de um ourives. Como este não lhes reconheceu valor vendeu-os, mais tarde, a um guarda-livros de Montemor-o-Velho, que tinha sido avisado do achado pelo Sr. Girão, também de Montemor e, ao tempo, dono de uma pensão.

Diz-nos a propósito que os achados foram vendidos "*por quase nada*" ao tal guarda livros de Montemor que lhes terá dito: "*... ninguém vos compra isso. Dou-vos para um almoço...*". "*Deve-me ter dado ... uns 50 escudos ... 100 não devia ser!*".

Visitado, cartografado e analisado o local do achado verificámos que este se encontrava numa pequena plataforma da parte baixa de uma vertente, sobranceira a um pequeno curso de água e nas imediações de duas nascentes: uma a 300 m para norte, perto do lugar de Cardal, e a outra a 200 m para poente, pertencente ao lugar do Casalinho, ou seja, trata-se de uma área que corresponde a uma pequena bacia de receção de um curso de água que vai alimentar a ribeira de Brunhós, que irá desaguar na vala Real e no rio Arunca, afluente do Mondego (Fig. 3).

No local não ocorrem afloramentos à superfície. Segundo a Carta Geológica de Portugal 19-C. os solos correspondem a uma unidade fundamentalmente detrítica (com arenitos e argilas intercaladas com alguns calcários).

Sendo uma área de visibilidade fechada apenas se avista o vale este, nordeste e sudeste.

Em suma, o achado até agora designado por Coles de Samuel deverá, doravante, ser considerado como da Fazenda da Horta do Casalinho e como fazendo parte de um depósito fechado, enterrado no subsolo e nas proximidades de nascentes que alimentam a bacia do rio Arunca, afluente da margem do Mondego, e de solos bem irrigados.



Fig. 3 - Identificação do local do achado na Fazenda - Horta do Casalinho e sua localização no Google Earth.

3.2. Vale Centeio

O achado dado como de Vale Centeio, Pombalinho, concelho de Soure, corresponde a um machado de alvado que se encontra em depósito no Museu Nacional de Arqueologia. Segundo Vilaça (2008), pelo número de inventário (MNA-17477), corresponderia a um achado antigo que terá dado entrada naquele museu, ainda no tempo de José Leite de Vasconcelos (Fig. 4).



Fig. 4 - Machado de alvado de Vale Centeio (seg. Vilaça 2008).

Na ficha de inventário manuscrita daquela instituição, o achado era dado como sendo proveniente de Lourais, Pombalinho, topónimo citado por Coffyn, em 1985.

Em prospeções efetuadas na freguesia de Pombalinho, não foi possível encontrar alguém que se lembrasse do ocorrido. No entanto, nos vários lugares visitados, nomeada-

mente no de Vale Centeio, todos os informantes foram unânimes em afirmar que não existe ou existiu nenhum topónimo Lourais mas sim Lousais, que identificaram no terreno. Trata-se de um microtopónimo que corresponde a uma área superior a 5 hectares, entre os lugares de Vale Centeio e de Quatro Lagoas, ambos pertencentes à freguesia de Pombalinho e que fica numa pequena bacia de receção de um curso de água tributário do rio dos Mouros, pertencente à bacia hidrográfica do rio Ega, afluente do Mondego, mais especificamente, numa área relativamente alteado entre dois pequenos vales definidos por cursos de água que lhe correm a oeste e a este (Fig. 5).

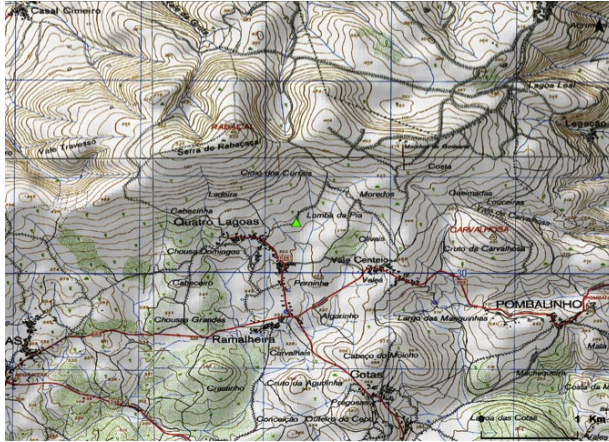


Fig. 5 - Localização do sítio dos Lousais - Vale Centeio. Extrato da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25 000, n° 263 (IGE).

No local ocorrem ainda, inúmeros afloramentos calcários à superfície que devem estar na origem do topónimo (Fig. 6). Em resumo, o achado até agora designado por Vale Centeio, Pombalinho, deverá ser considerado como dos Lousais, zona profícua em afloramentos e no seio de uma pequena bacia de receção, em área relativamente fechada embora visualmente vinculado com um pequeno vale agrícola que lhe fica a sul.

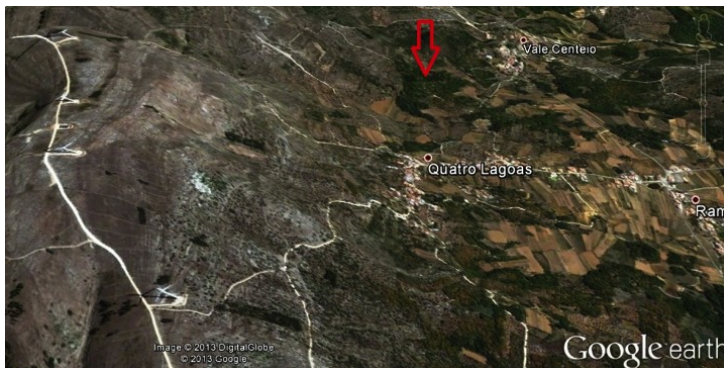


Fig. 6 - Localização aproximada do local no Google Earth.

3.3. Sobreirinho/Travasso

O achado metálico composto por uma foice de “tipo Rocanes” e três machados de talão de dupla argola foi publicado, em 1984, por Noémia Leitão e José Machado Lopes como proveniente da Cova do Vale, lugar de Travasso, freguesia da Vacariça, concelho da Mealhada, distrito de Aveiro (Fig. 7). Na altura, os autores descreveram formalmente os artefactos, efetuaram as respetivas medidas e consideraram que existiam dois “*machados gémeos*”, ou seja, provenientes do mesmo molde (Leitão & Lopes 1984). Realizaram, ainda, análises de composição química do conjunto que revelaram que todas as peças eram bronzes binários.



Fig. 7 - Conjunto do Sobreirinho, Travassos.

Segundo o mesmo artigo, o conjunto foi encontrado durante a abertura de uma cova destinado à fossa séptica de uma moradia, à profundidade de 1,5 m a 2 m, em terras revolvidas e sem qualquer associação com outros elementos de interesse.

Nos trabalhos realizados no âmbito do projeto Enardas foi possível encontrar o achador deste conjunto e precisar quer o contexto físico e ambiental do local do achado como as suas condições. Foi, ainda, efetuada uma avaliação técnica das peças e novas medições com instrumentos de maior precisão.

O achador não foi o proprietário da casa, o Sr. Manuel António Simões Fernandes mas sim o seu sogro, o Sr. Manuel Alves Ferreira e a Sr.^a Francelina Fernandes, sua filha e mulher do proprietário da casa. Das diversas entrevistas que lhes foram efetuadas, detetámos algumas imprecisões no texto publicado em 1984, que urge corrigir.

Em primeiro lugar, o achado foi encontrado no local do Sobreirinho pertencente, igualmente, ao lugar de Travassos, freguesia da Vacariça, e não na Cova do Vale, que fica a cerca de 500 m para sudoeste do verdadeiro local do achado (coordenadas geográficas decimais segundo o sistema WGS84: 40.358586 ° N / 008.438514 ° W; Alt.65m) (Fig. 8).

avanzado de corrosão ativa e a necessitar de consolidação urgente.

Visitado, cartografado e analisado o local do achado verificámos que este se encontrava, de facto, numa pequena depressão nas imediações de um pequeníssimo curso de água, numa área profundamente irrigada e com boas potencialidades agrícolas. De notar que a noroeste, oeste e sudoeste do achado passa, também, o ribeiro do Linteiro e a sul, o “rio do Olho” ou rio/ribeiro da Cova do Vale que formam a ribeira do Canedo, subsidiária do rio Cértima, subafluente do Vouga. No local não ocorrem afloramentos à superfície.

Os solos correspondem, provavelmente a unidades detríticas do Cretácico ou a depósitos colúviais acumulados na base da encosta, já próximo da planície de inundação (Dinis 2004).

Trata-se de uma área fechada para o exterior, apenas com visibilidade para oeste, ou seja, para parte do curso do ribeiro do Linteiro e para Cabeço da Ermida que lhe fica imediatamente a norte, já do outro lado da “vala hidráulica”, a cerca de 20 m. Aí, há mais de 100 anos, terão aparecido ossadas, aquando da abertura dos alicerces para a construção de uma antiga casa, motivo pelo qual os autores da publicação poderão ter considerado que este depósito se associaria a contextos funerários (Fig. 9).

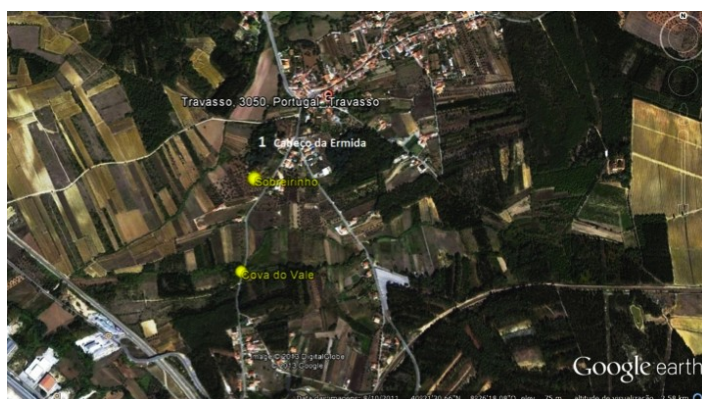


Fig. 9 - Posicionamento dos sítios do Sobreirinho e da Cova do Vale (Fonte: Google Earth).

Em suma, o achado até agora designado por Cova do Vale deverá, doravante, ser considerado como do Sobreirinho e como fazendo parte de um depósito enterrado no subsolo, provavelmente em terraço fluvial, em área profusamente irrigada e nas proximidades de um curso de água tributário do Cértima, um dos afluentes do rio Águeda, afluente da margem esquerda do Vouga, pelo que não concordamos com Vilaça (2007:59) quando esta afirma que se tratar de um local “aparentemente inexpressivo”.

3.4. Baralhas

O depósito do lugar de Baralhas, pertencente quer às freguesias de S. Pedro de Castelões, concelho de Vale de Cambra, quer à de Ossela, concelho de Oliveira de Azeméis foi noticiado pela primeira em 1896 por José Leite de Vasconcelos. Trata-se de um con-

junto de 16 braceletes maciços, lisos, abertos, de diferentes dimensões, seções e pesos e de uma peça de forma piramidal, em ouro, esta última, entretanto desaparecida.

O conjunto dispersou-se, tendo vários braceletes sido vendidos: pelo menos três a um ourives do Porto, outros a um ourives de Ovar e três ao Museu Nacional de Arqueologia onde permanecem (Fig. 10). Existem, também, alguns exemplares no Museu Soares dos Reis, no Porto (Severo 1905-1908) e um que terá ficado, na altura, em posse do Senhor J. Gaspar da Graça, do Porto, segundo Severo (1905).



Fig. 10 – Braceletes de Baralhas (Fot. Armbruster & Parreira 1993).

Quanto às condições do achado apenas se sabe que foi encontrado no Lugar de Baralhas quando um sapateiro escavava uma vala de fundação para colocar os alicerces de um muro de contenção de terras, no quintal da sua habitação.

Em visita ao local pudemos apurar que o lugar de Baralhas se localiza a nor-nordeste e a nordeste do Monte de Baralhas, num corredor natural de passagem de direção oeste - este e numa portela de divisórias de águas, rica em nascentes (Fig. 11).

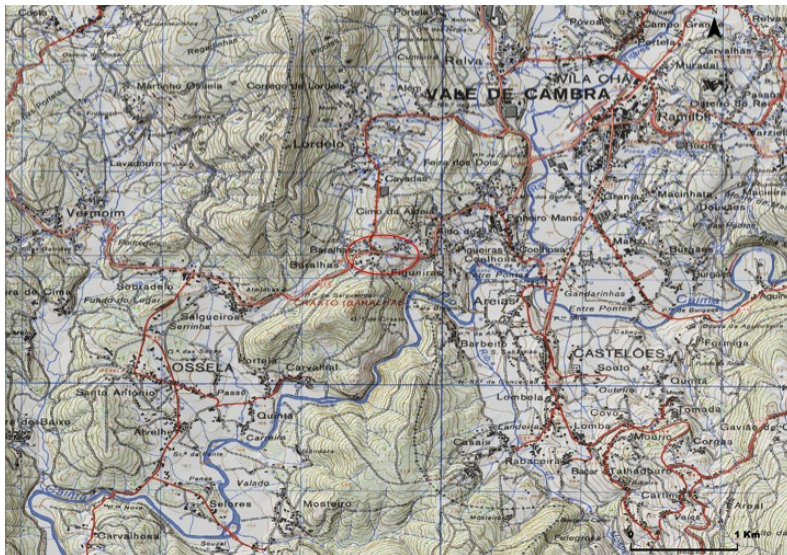


Fig. 11 - Localização genérica do lugar de Baralhas. Extratos das Cartas Militares de Portugal, na escala 1: 25.000, nº 154 e nº 164 (IGE).

Este corredor dá acesso a uma área de meandros muito acentuados do rio Caima, que é tradicionalmente local de passagem fluvial, materializado, hoje, por duas pontes.

De destacar que é lugar simbolicamente ativo na longa duração, com inúmeras lendas associadas a mouros e a batalhas com gente do outro lado do rio. Neste sentido, há que salientar a existência de um penedo, a que chamam Pedra da Moura, na margem oposta. De notar que este não tem fama de aurífero, embora pudesse ter cassiterite de aluvião.

4. RESULTADOS E INTERPRETAÇÕES

Apesar da preliminaridade deste trabalho há alguns resultados que gostaríamos de sistematizar e de destacar e que mostram a importância da prospeção na contextualização de antigos achados e depósitos metálicos, como um dos meios importantes para a interpretação social deste fenómeno.

Assim, foi possível identificar o local concreto, o microtopónimo, as condições de achado e o contexto espacial do conjunto metálico designado por Coles de Samuel e perceber que este correspondia, de facto, a um depósito fechado. Foi possível corrigir o microtopónimo do local do achado de Vale Centeio e efetuar a sua localização e contextualização física e espacial aproximada. Foi possível identificar concretamente e, portanto, relocalizar o depósito de Travasso e perceber melhor as suas condições de achado e o seu contexto espacial e, foi, ainda, possível descrever, com mais acuidade, o contexto físico e espacial do local do depósito de Baralhas.

Apesar das particularidades de cada contexto de deposição há alguns denominadores comuns em termos físicos, ou seja, todos eles se conectam, direta ou mais indiretamente, com pequenas bacias de receção e, por conseguinte, com nascentes de água, vinculando-se com vales agrícolas que visualizam, apesar de muitos deles se encontrarem em áreas depressionárias com visibilidades mais ou menos restritas.

O depósito de Baralhas (o único em ouro), apesar de se encontrar, também em área de pequenas bacias de receção apresenta particularidades dignas de nota: é o único que se localiza numa portela em termos geomorfológicos, ou seja, numa área de divisórias de águas; num corredor natural de passagem, entre terras interiores e a confluência do rio Vígues com o Caima (cursos de água de maior caudal que o dos casos anteriores), em áreas de meandros acentuados do rio Caima e em local de travessia fluvial.

Partindo do pressuposto que as comunidades pré-históricas, neste caso, da Idade do Bronze Final viveriam num espaço eivado de significados, certamente que existiriam lugares de maior importância coletiva e social do que outros. É neste sentido que entendemos os lugares de deposição de artefatos metálicos, ou seja, como lugares estruturantes no dia a dia das populações onde, em determinado momento, se reuniu um grupo de pessoas que oficiou determinadas ações e cerimónias que culminaram na deposição dos objetos metálicos, materializando, assim, os sentidos prévios do lugar ou adicionando novos sentidos ao lugar.

Sendo impossível conhecer os motivos destes ritos e celebrações é sempre possível a

sua interpretação, naturalmente subjetiva mas baseada na base empírica. Esta pode e deve efetuar-se quer através do tipo de objetos depositados (que contam uma ou várias histórias) quer através do seu contextos de deposição.

Assim, articulando o conjunto dos dados com os pressupostos assumidos parece-nos possível equacionar algumas interpretações que passaremos a discriminar:

Em primeiro lugar, verificámos que temos dois depósitos que associam machados e foices, combinatória que, segundo Vilaça (2007), na linha dos trabalhos de Fontijn (2003), poderia evocar a produção agrícola, motivo pelo qual os designou por “*depósitos de produção ou de vida*”, tendo aliás, classificado o de Travasso como desta categoria. Nesta perspectiva, consideramos que o agora inegável depósito da Fazenda ou Horta do Casalino pode incluir-se, também, nesta categorização, tendo em conta quer a sua composição, quer o seu contexto de achado. De notar que, além dos machados, o escopro, utensílio de trabalho usado em atividades associadas à transformação da madeira ou da metalurgia, também deverá personificar a produção. Os braceletes, elementos de adorno humano, estão naturalmente vinculados à produção humana e à vida.

Vilaça (2007) considera, ainda, que os depósitos se relacionam com a domesticação e apropriação simbólica do espaço. Atendendo à sua localização, perto das águas, nascentes e de solos agrícolas cremos que os depósitos poderão não domesticar mas antes celebrar os espíritos e as propriedades das águas e da terra e naturalmente, a fertilidade daí decorrente.

No caso do depósito de Baralhas parece ter sido significativo celebrar o local de passagem nas suas diferentes dimensões: terrestres e fluviais, o que talvez se possa relacionar com comunidades que dão importância, em termos mentais e simbólicos aos lugares liminares e de transição.

Agradecimentos

Este trabalho foi efetuado no âmbito do projeto Espaços Naturais, Arquiteturas, Arte Rupestre e Deposições na Pré-história Recente da Fachada Ocidental do Centro e Norte Português: das Ações aos Significados - ENARDAS (PTDC/HIS-ARQ/112983/2009), financiado pelo Programa Operacional Temático Factores de Competitividade (COMPETE) e participado pelo Fundo Comunitário Europeu FEDER.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. & SANTOS, A.I.P. 2006. *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.*. Lisboa: IPM.
- ARMBRUSTER, B.R. & PARREIRA, R. (coord.) 1993. *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de Ourivesaria. Do Calcolítico à Idade do Bronze*. Vol. I. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura/Inst. Português de Museus.
- BOTTAINI, C.E. 2012. *Depósitos metálicos no Bronze Final (sécs. XIII-VII a.C.) do Centro e Norte de Portugal. Aspectos Sociais e Arqueometalúrgicos*. Coimbra: Universidade de Coimbra (Tese de doutoramento – policopiada).

- CARDOSO, M. 1930. Jóias arcaicas encontradas em Portugal. *Revista Nós* 75: 43-63.
- COFFYN, A. 1985. *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Col. Maison Pays Ibériques, 20. Diffusion de Boccard. Paris: Publ. Centre Pierre Paris.
- COFFYN, A. 1998. Une entité contestée: le Bronze atlantique. In S.O. Jorge (ed.) *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* Trabalhos de Arqueologia 10. Lisboa: IPA, 166-178.
- DINIS, P. 2004. *Evolução Pliocénica e Quaternária do Vale do Cértima*. Coimbra: Universidade de Coimbra (Dissertação de doutoramento-policopiada).
- FONTIJN, D.R. 2003. *Sacrificial Landscapes. Cultural biographies of persons, objects and natural places in the Bronze Age of the southern Netherlands, c. 2300-600 BC*. *Analecta Praehistorica Leidensia*: 33/34. Leiden: Universiteit Leiden
- LEITÃO, N.M. & LOPES, J.M. 1984. Nótula sobre um achado arqueológico no lugar do Travasso - concelho da Mealhada - Instrumentos de bronze. *Munda* 8 (nov.): 14-21.
- MELO, A.A. 2000. Armas, utensílios e esconderijos. Alguns aspectos da metalurgia do Bronze Final: o depósito do Casal dos Fiéis de Deus. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 3 (1): 15-120.
- MONTEAGUDO, L. 1977. *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*. Prähistorische Bronzefunde Abteilung IX Band 6. München: C.H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung.
- PEREIRA, M.A.H. 1971 O esconderijo do Bronze Final de Coles de Samuel (Soure). *Arqueologia e História* 3 (9ª série): 165-179.
- ROCHA, R.; MANUPPELLA, G.; MOUTERDE, R.; RUGET, C. & ZBYSZEWSKI, G. 1981. *Notícia explicativa da folha 19-C - Figueira da Foz da Carta Geológica de Portugal à escala 1:50000*. Lisboa: Direcção Geral de Geologia e Minas - Serviços Geológicos de Portugal.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. 1990. *Idade do Bronze na Estremadura Atlântica. Subsídios para um programa de estudo*. Lisboa: Universidade de Lisboa (Prova complementar de Doutoramento em Pré-história e Arqueologia - policopiada).
- SEVERO, R. 1905. *Os braceletes d'ouro de Arnozella*. Porto: Imprensa Portuguesa.
- SEVERO, R. 1905-1908. Notícias. Novas descobertas de ourivesaria portuguesa. *Portugália* 2 (3): 67-70.
- VASCONCELOS, J.L. 1896. Novo achado de braceletes pre-romanos. *O Archeologo Português* 2: 86-88.
- VILAÇA, R. 2007. *Depósitos de Bronze do território Português. Um debate em aberto*. Coimbra: Conimbriga – Anexos 5.
- VILAÇA, R. 2008. No rasto do Bronze final do Centro-sul da Beira Litoral: artefactos metálicos e seus contextos. In P.M. Callapez, R. Rocha, J. Marques, L. Cunha & P. Dinis (eds.) *A Terra: conflitos e ordem. Homenagem ao Professor Ferreira Soares*. Coimbra: Museu de Minerologia e Geologia da Universidade de Coimbra, 75-88.

